

“O que Deus ajuntou”

Uma resposta às perguntas
contemporâneas sobre casamento

Editores

William M. Banks e Thomas Wilson

Autores:

James R Baker
William M Banks
James Burnett
Brian Currie
James D McColl
James V Patterson
John M Riddle
Thomas Wilson).

**Citações bíblicas são da versão João Ferreira de Almeida
Edição Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original.**

“What God hath joined”
Copyright © 2005 Gospel Tract Publications
7 Beech Avenue, Glasgow, Scotland, G41 5BY

Tradução: *Samuel e Ronnie Davidson*
Correção: *M. Janeta M. Watterson*
Primeira edição brasileira — *Fevereiro de 2010*

Publicado no Brasil com a devida autorização, e com todos os direitos reservados, por:



Editora Sã Doutrina
Caixa Postal 241 — Pirassununga - SP
CEP 13630-970 — BRASIL
www.sadoutrina.com

Índice

Prefácio à edição inglesa.....	5
Introdução Geral.....	8
Cap. 1 — Divórcio e novo casamento: introdução	12
Cap. 2 — O matrimônio pertence à criação ou ao Cristianismo?	24
Cap. 3 — O ensino do Senhor sobre o divórcio.....	35
Cap. 4 — O matrimônio em Romanos 7	46
Cap. 5 — Uma só carne	52
Cap. 6 — Uma exposição sobre o matrimônio em I Coríntios 7	68
Cap. 7 — O padrão supremo do casamento aplicado à Igreja (Ef 5).....	77
Cap. 8 — A vontade de Deus, a vossa santificação.....	87
Cap. 9 — Submissão e consideração no matrimônio (I Pe 3:1-7).....	91
Cap. 10 — O adultério pode ser perpétuo?.....	98
Cap. 11 — O pecado de sodomia.....	103
Cap. 12 — Resumo.....	113

Prefácio à edição inglesa

É com alegria que os editores colocam este livro nas mãos do público, orando para que seja de ajuda espiritual permanente para o povo do Senhor. Vivemos em dias quando o casamento tem pouco valor. É muito necessário que seu alicerce espiritual seja claramente entendido, e que o casamento seja entendido de maneira correta, à luz das Escrituras.

Este livro é uma coleção de artigos escritos por vários irmãos, portanto é inevitável que haja um pouco de repetições. Os capítulos do NT que tratam deste assunto foram considerados pelos vários autores, e embora procuramos reduzir as repetições, consideramos as que ficaram necessárias para desenvolver os temas tratados por eles, individualmente. Esta repetição serve para enfatizar o fato que a mesma verdade é repetida, vez após vez, no NT.

O tema básico do livro é que o casamento é parte da criação e não apenas parte do cristianismo. Por isso, seus princípios têm aplicação universal, são para crentes e descrentes. Os autores concordam plenamente que o casamento é indissolúvel, a não ser pela morte. Enquanto o primeiro cônjuge vive, um novo casamento nunca é uma possibilidade e, de fato, é expressamente proibido pelo ensino do NT. Um outro casamento, neste caso, resulta num estado de “adulterio perpétuo”. A conversão não muda esta condição, a não ser que haja uma separação do casal “recasado”.

Além dos capítulos que são realmente a exposição das passagens das Escrituras sobre este assunto, achamos prudente incluir um outro capítulo intitulado “Será que o adultério pode ser perpétuo?” Por causa do aumento de relacionamentos “do mesmo sexo” hoje em dia, um capítulo intitulado “O Pecado da Sodomia” também foi incluído.

Esperamos que o livro tenha circulação ampla entre irmãos responsáveis, e especialmente entre a juventude, para que a dignidade, a importância e a permanência do casamento sejam entendidas e apreciadas. Iniciar o matrimônio com um entendimento correto da base divina e bíblica desse relacionamento produzirá, certamente, um comportamento consistente com o ensino bíblico.

Os colaboradores são todos de lugares diferentes e de situações bem variadas, mas são todos ensinadores respeitados e provados entre o povo do Senhor.

James R. Baker passou a primeira parte da sua vida em Liverpool, Inglaterra, mas mora na Escócia desde 1966. Sua vida profissional foi no Ministério da Saúde. Ele tem viajado muito no seu país e em outros países, dirigindo Estudos Bíblicos e ensinando a

Palavra de Deus. Durante 16 anos ele foi co-editor da revista "Believer's Magazine", e também respondeu as perguntas enviadas à sessão de perguntas desta revista durante 25 anos. Ele escreveu o comentário sobre II Timóteo para o Comentário Ritchie ("O Que a Bíblia Ensina"), e também tem colaborado em outras publicações.

William M. Banks ocupou várias posições de responsabilidade acadêmica, editado e publicado extensivamente, e dando palestras internacionalmente. Ele ministra a Palavra de Deus em muitas partes do Reino Unido e em outros países, e participa em várias publicações cristãs.

James Burnett serviu ao Senhor com devoção, ensinando a Palavra ao povo de Deus durante muitos anos, até o seu falecimento em 2005.

Brian Currie é Engenheiro Estrutural Diplomado e foi professor na Universidade Queen's durante 18 anos. Ele foi recomendado ao ministério em 1993 pelas igrejas locais em Dunmurry e Deriaghly, na Irlanda do Norte. Durante a maior parte do tempo ele prega o Evangelho na Irlanda do Norte, mas também dirige Estudos Bíblicos e ensina a Palavra de Deus em várias partes do Reino Unido e visita os EUA, Canadá, Austrália e Malásia, e é o editor da revista "Assembly Testimony".

James D. McColl serve ao Senhor de tempo integral na Austrália há 40 anos. Ele viaja extensivamente na Austrália, Nova Zelândia, EUA, Canadá, Malásia e Reino Unido. Ele tem contribuído com muitos artigos para revistas cristãs. Sendo autorizado, pelo governo da Austrália, a realizar casamentos, ele tem aconselhado muitos casais que contemplavam o casamento.

James V. Patterson é membro da igreja local em Plains, Escócia, há mais de 49 anos. Como homem de negócios ele viajou muito e ajudou no ministério da Palavra em Singapura, Malásia, Japão, Canadá e EUA. Ao longo dos anos sua principal prioridade tem sido servir em Plains e Lanarkshire, Escócia, visitando também a Inglaterra, Gales e Irlanda para dirigir Estudos Bíblicos, ministrar a Palavra e pregar o Evangelho.

John M. Riddle nasceu numa família cristã no norte de Londres, Inglaterra. Durante sua vida profissional ele foi empregado por várias firmas de transporte marítimo, e ultimamente foi gerente do fundo de aposentadoria. Quando ele se aposentou cedo em 1989, ele trabalhou como consultor por alguns anos. Agora ele viaja muito, especialmente no Reino Unido, dirigindo Estudos Bíblicos e ministrando a Palavra de Deus e também contribuindo para as revistas publicadas pelas igrejas locais.

Thomas Wilson foi um dos editores da revista "Believer's Magazine" durante 24 anos. Também foi co-editor do Comentário Ritchie ("O Que a Bíblia Ensina").

Ele contribui com várias publicações e revistas e ministra principalmente no Reino Unido. No seu trabalho secular ele é diretor de um grande Colégio e presidente de uma Agência Executiva Educacional.

Todos os contribuintes esperam que o livro seja de proveito espiritual permanente para o povo do Senhor e que possa trazer respostas às questões atuais sobre o matrimônio.

WILLIAM BANKS E THOMAS WILSON

Introdução Geral

JAMES V. PATTERSON

O lar cristão e as igrejas locais dos salvos, sem dúvida, são o alvo do Diabo hoje em dia. Tendo conseguido levar mais de 50% dos casamentos no Reino Unido aos tribunais de divórcio, ele obviamente, e com grande esforço, está lançando a sua fúria contra os casamentos dos cristãos. Lamentavelmente, em certos lugares, ele está sendo bem sucedido nisto também. É por causa deste problema universal crescente que os contribuintes deste livro sentem a urgência real e a convicção genuína de combater este progresso sinistro, e procurar dar ensino bíblico sobre este assunto importante.

Os colaboradores crêem sinceramente que o laço matrimonial é indissolúvel (a não ser pela morte, ou pela vinda do Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la Sua igreja), e têm uma preocupação profunda sobre este assunto. É a nossa oração que este volume traga paz e segurança aos santos preocupados ao verem seus entes queridos sofrendo por causa do colapso do seu casamento. Além disso, oramos que o conteúdo deste livro possa ajudar aqueles que têm responsabilidade nas igrejas, dando-lhes uma verdadeira direção bíblica nessa questão que é uma das mais sensíveis questões doutrinárias e morais que enfrentamos hoje.

Esta questão, de fato, causa grandes provações espirituais para qualquer indivíduo ou igreja local. É natural que nosso juízo possa ser afetado, ou até ofuscado, nas decisões que afetam nossa família e amigos. Muitas vezes é mais fácil julgar os casos daqueles que não são parentes ou amigos. Mas nenhum santo de Deus deve ser parcial. Pecado é pecado, independentemente de quem pecou. Nunca devemos tentar aceitar aquilo que é errado para defender aqueles que amamos. É Deus e a Sua Palavra que devem ser honrados e a santidade da igreja preservada. Divórcio, e as coisas que causam o divórcio, têm causado muita dor e afetado muitas igrejas neo-testamentárias. Lamentavelmente, mesmo entre salvos, embora tais dificuldades sejam mais limitadas do que na sociedade em geral, elas não estão diminuindo, mas crescendo em nossos dias. As igrejas nunca têm enfrentado tantas dificuldades matrimoniais quanto hoje. Corações e lares quebrantados, famílias divididas, filhos abandonados ... a lista de tragédias não tem fim.

Cada autor tem procurado considerar este triste assunto com humildade, com sentimento de compreensão, amor e compaixão para com os santos e todos os membros de famílias que estão enfrentando problemas matrimoniais. Apoio e oração são estendidos às igrejas afetadas por este mal, para que possam receber a sabedoria necessária para tratar deste assunto sensível, no temor de Deus.

Ligado à questão do divórcio está a questão do novo casamento. Isso tem causado muito sofrimento nas igrejas locais reunidas ao nome do Senhor Jesus. Perguntas que são frequentemente feitas serão consideradas e respondidas pelas Escrituras. Obviamente, esta exposição afetará alguns em comunhão que são apoiados e aconselhados por outros que têm opiniões diferentes. Este livro também desafiará ensinadores e presbíteros, que talvez tenham opiniões opostas e que, conseqüentemente, têm guiado outros num caminho inegavelmente errado, e sem base nas Escrituras.

O ministério deste livro pode também levar alguns irmãos a questionarem, à luz da Palavra de Deus, a sua posição matrimonial e os conselhos e ensinamentos que têm recebido de outros. Um verdadeiro e sincero exame de coração por parte dos espirituais poderá, talvez, produzir arrependimento da parte de alguns que, depois do divórcio, têm casado de novo, enquanto o primeiro cônjuge ainda vive. Estas questões estão ligadas aos padrões imutáveis de Deus. Porém, cremos que ainda há esperança de restauração nas igrejas para um testemunho real e poderoso. Este é o desejo unânime de todos os autores. Contudo, esta restauração, como sempre, dependerá de arrependimento.

A intenção deste livro não é criar um ensino polêmico, ou disputas. Embora a opinião apoiada pelos autores não seja apoiada por alguns outros ensinadores muito estimados e respeitados, nós não queremos, e nem procuramos, desacreditar qualquer um destes, porque “somos irmãos”. Contudo, é nosso desejo que aqueles que têm ensinado coisas diferentes reflitam, num espírito de oração, enquanto examinam o ensino e o conselho que apresentamos, à luz das Escrituras.

Muitos salvos têm expressado preocupação sobre rejeitar o ensino de irmãos mais velhos. Alguns dizem: “Se eles ensinam assim, então eu devo aceitar o seu ensino”. Pedimos que os leitores, honestamente e sem preconceito ou parcialidade, avaliem o ensino escrito nestas páginas. Se, por acaso, alguns presbíteros são contrários à exposição das Escrituras detalhadas neste volume, esperamos que reconsiderem seriamente o seu parecer sobre estas questões. Além disso, alguns respeitados ensinadores têm ensinado sobre a impossibilidade do adultério perpétuo. Este livro, apoiado pelas Santas Escrituras, mostra que existe esta triste e solene possibilidade. Cremos que o padrão de Deus para a pureza moral e matrimonial tem que ser preservado.

Infelizmente, alguns presbíteros não sabem como agir quando essas questões surgem nas suas igrejas locais. Embora aqueles que são responsáveis pelo rebanho devam ser aptos para ensinar e governar, muitos dependem do conselho de outros e não do seu próprio conhecimento da Palavra de Deus. Isto não deveria acontecer mas, lamentavelmente, acontece muito. Em relação aos assuntos tratados dentro do

contexto deste livro, é essencial que os presbíteros de cada igreja sejam instruídos nas Escrituras para que possam, com competência, julgar cada dificuldade quando ela surgir. Nunca é demais destacar a importância de uma boa liderança pelos presbíteros em qualquer igreja. É a nossa convicção que a falha em julgar corretamente os problemas relacionados ao divórcio e novo casamento é, muitas vezes, por causa de lideranças fracas. Ao cumprir a sua responsabilidade, dada por Deus, e em agir consistentemente com a autoridade da Palavra de Deus, os presbíteros devem ficar firmes e não ser influenciados por aqueles que se opõem à sua posição.

Ao tratar deste assunto tão sensível, alguns ensinadores usam uma linguagem que não convém. Cremos que a “linguagem da rua” não deve ser usada no santuário. Assuntos de intimidade matrimonial não devem ser declarados publicamente. Nós temos que expor as Escrituras no temor de Deus e com dignidade santa. Os presbíteros têm de aceitar a responsabilidade de proteger o rebanho de qualquer linguagem antibíblica e ofensiva. É a sua responsabilidade corrigir qualquer servo que trata a Palavra de Deus e o povo de Deus de uma maneira indigna. Que Deus possa nos preservar deste modo imprudente de tratar as questões delicadas que estamos considerando neste livro. Sentimos como o Salmista que exclamou: “Salva-nos, Senhor, porque faltam os homens bons; porque são poucos os fiéis entre os filhos dos homens” (Sl 12:1).

O título: “O que Deus ajuntou” expressa o coração da mensagem deste livro porque, apesar da dureza do coração humano, o padrão de Deus não deve ser rebaixado. Concessão nunca é a solução a tais problemas, como já foi provado vez após vez na história da igreja. O propósito e motivo desta publicação é ajudar a tirar a confusão que existe nas mentes das muitas pessoas que fazem perguntas sobre este assunto. Elas acharão respostas no ministério dado nestas páginas.

Nenhuma questão necessária para a compreensão da verdade nesta matéria foi evitada propositalmente. Referências bíblicas são fornecidas através do livro, principalmente de passagens do NT e que mostram a instituição do Criador para a humanidade. Sentimos que a hora é certa, nas circunstâncias que afetam o povo de Deus, para uma explicação precisa sobre o que as Escrituras ensinam. Infelizmente, temos de reconhecer que possivelmente haja divisão em igrejas por causa destes assuntos. A exclamação de muitos é: “Que faremos nós?” Onde houver padrões diferentes, a santidade da igreja de Deus está em perigo. Para manter o padrão santo que Deus espera de nós na igreja local (pois não podemos contaminar este santuário) é essencial que o povo de Deus tenha direção clara nestes assuntos morais relacionados com o santo matrimônio.

Nossa oração é que Deus, na Sua graça, possa abençoar esta publicação para a Sua glória. Desejamos que ela ofereça direção clara àqueles que são casados e aos

que estão contemplando se casar. Também, nossa oração é que o testemunho da igreja seja preservado em unidade, santidade e pureza.

Oramos especialmente por aqueles que têm a grande responsabilidade de cuidar do rebanho; que sejam guiados no temor do Senhor, ao julgar os problemas locais, olhando somente para as Escrituras para resolver a variedade de casos que possam surgir, sem serem influenciados por opiniões de outros.

Finalmente, oramos por aqueles que não concordam conosco e que têm um outro ponto de vista, que possam seriamente, e com oração, considerar o que é apresentado aqui.

Cap. 1 — Divórcio e novo casamento: introdução

JOHN M. RIDDLE

Antigamente, quando o divórcio e um novo casamento eram relativamente raros, este assunto era quase que só um assunto acadêmico. Infelizmente, este não é mais o caso hoje em dia. As últimas estatísticas sugerem que 50% dos casamentos terminam num tribunal de divórcio. Enquanto esta porcentagem não se aplica aos crentes, há também, lamentavelmente, um aumento na incidência de casamentos desfeitos entre o povo do Senhor. Por isso é importante enfatizar, não apenas a gravidade do divórcio, mas também a seriedade do casamento.

J. C. Ryle, escrevendo em 1857, merece uma citação: “É um fato lamentável . . . que poucos são os casais jovens que pensam em convidar Cristo ao seu casamento! É um fato triste que casamentos infelizes são uma das grandes causas de tanta angustia e sofrimento que há no mundo. Pessoas descobrem, tarde demais, que cometeram um grande erro, e continuam em amargura pelo resto dos seus dias. Felizes são aqueles que, em relação ao casamento, observam três regras. A primeira é casar somente no Senhor, e somente depois de orar pela aprovação e bênção de Deus. A segunda é não esperar demais dos seus cônjuges e lembrar que, afinal, o casamento é a união de dois pecadores, e não de dois anjos! A terceira regra é esforçar-se ao máximo para ajudar na santificação um do outro. Quanto mais santos forem os casados, tanto mais felizes serão, também”.

Na consideração deste assunto sensível, temos de fazer três observações preliminares e necessárias:

- i) Temos de nos esforçar para saber o que as Escrituras realmente dizem. Somente assim estaremos numa posição para decidir como devemos aplicar as Escrituras. Assim,
- ii) Não seremos guiados pelas nossas emoções quando tratarmos deste assunto delicado. Sentimentos frequentemente dominam nestes casos e, se não tivermos cuidado, podemos não atentar para as Escrituras, ou forçá-las a dizer o que nós achamos que devem dizer.
- iii) Devemos também nos esforçar para demonstrar ternura e compaixão ao tratarmos com pessoas atingidas por este grave problema. Muitas situações são complicadas e aparentemente sem solução. Pessoas frequentemente enfrentam situações impossíveis, e mesmo que a culpa seja principalmente delas, isto não significa que devemos tratá-las com frieza ou indiferença. Devemos mostrar,

pelo menos, uma atitude de compaixão. O pecado tem causado grande estrago em todas as esferas da vida, e o divórcio e o novo casamento têm criado uma grande colheita de problemas e dificuldades.

Embora o ensino do Senhor sobre este assunto seja de grande importância, não podemos ignorar as circunstâncias em que o ensino foi dado, e também os princípios sobre os quais Ele respondeu às perguntas dos fariseus. Note portanto:

A tentativa de desacreditar o Senhor (Mc 10:1-2)

“E, aproximando-se dele os fariseus, perguntaram-lhe, tentando-o: É lícito ao homem repudiar sua mulher?”

As palavras “tentando-o” deixam bem claro que esta pergunta era uma “pergunta capciosa”. Se o Senhor respondesse: “Não, não é lícito ao homem repudiar sua mulher”, então os fariseus alegremente teriam citado Dt 24:1: “Quando um homem tomar uma mulher, e se casar com ela, então será que, se não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa indecente, far-lhe-á uma carta de repúdio, e lha dará na sua mão, e a despedirá da sua casa”.

Por outro lado, se o Senhor respondesse: “Sim, é lícito ao homem repudiar sua mulher”, então os fariseus, com a mesma alegria, teriam citado Gn 2:24: “Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne”.

Aparentemente não havia saída para o Senhor, e seus inimigos O haviam colocado numa situação impossível. Contudo, aquela tentativa para superá-LO falhou totalmente. Sua resposta: “Pela dureza dos vossos corações vos deixou ele escrito esse mandamento; porém desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea ...”, satisfazia as duas passagens das Escrituras.

Notamos aqui como mais tarde (veja Mc 12:13-17), ainda destemidos, os fariseus e os herodianos novamente tentaram apanhar o Senhor Jesus, e novamente foram silenciados. O Senhor mostrou, nas duas ocasiões, que Ele era o Mestre.

Agora, vamos notar os princípios sobre os quais o Senhor respondeu esta pergunta dos fariseus sobre o divórcio.

A resposta dada pelo Senhor (Mc 10:1-12)

O Salvador silenciou Seus inimigos ao explicar as duas passagens das Escrituras. Era o propósito dos fariseus usar uma passagem contra a outra. Eles fariam qualquer coisa para alcançar o seu propósito, mas a sua tentativa de derrotar o Senhor Jesus caiu por terra, quando as Escrituras pertinentes foram cuidadosamen-

te explicadas. Isto é muito importante. Quando duas passagens parecem ser contraditórias, ou quando outras pessoas dizem que há contradição, um estudo cuidadoso resolverá o problema. Temos de prestar atenção ao contexto em que o ensino foi dado, e à época em que foi dado. Ao tratarmos de qualquer assunto bíblico, todas as passagens precisam ser consideradas, e a interpretação tem que satisfazer a todas elas.

Isto também quer dizer que toda a Escritura tem de ser interpretada em relação aos propósitos iniciais e imutáveis de Deus. Isto se tornará bem claro agora, enquanto consideramos o ensino do Senhor sobre o divórcio e novo casamento em Mc 10:3-12.

A instituição do casamento por Deus (Mc 10:6-9)

Para o propósito deste estudo, e somente por causa da ordem cronológica, vamos considerar os vs. 6-9 antes dos vs. 2-5. Devemos notar, em primeiro lugar, que o Senhor Jesus respondeu a pergunta dos fariseus ao citar o propósito inicial e permanente de Deus no casamento: “Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea. Por isto deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher; e serão os dois, uma só carne. Portanto o que Deus ajuntou não o separe o homem” (vs. 6-9). Notamos como o Senhor cita Gn 1:27 e também 2:24. Isto, em si, contradiz qualquer sugestão de evolução. O Senhor confirma a criação de Adão e Eva, que não é surpresa quando lembramos que Ele é o Criador de tudo: “Todas as coisas foram feitas por Ele; e sem Ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1:3). Veja também Mt 19:8: “Moisés, por causa da dureza dos vossos corações vos permitiu repudiar vossas mulheres, mas no princípio não foi assim”.

O propósito do casamento

A lei de primeira menção é muito importante na interpretação das Escrituras, e nas primeiras três passagens em que encontramos a palavra “casamento” na Bíblia, três palavras hebraicas diferentes são usadas:

- i) “Então saiu Ló, e falou a seus genros, aos que haviam **de tomar** as suas filhas (“que estavam para casar com suas filhas”, ARA — Gn 19:14). Neste caso, a palavra “tomar” na linguagem original significa “obter ou receber”.
- ii) “E **aparentai-vos** conosco” (Gn 34:9). Aqui a palavra usada[†] significa “dar”.
- iii) “Se lhe tomar outra, não diminuirá o mantimento desta, nem o seu vestido,

* O autor refere-se ao uso da palavra “marriage” e suas derivadas na Bíblia em inglês, versão King James, também conhecida como Authorised Version (N. do E.).

† No inglês, “fazei casamentos conosco” (N. do E.).

nem a sua obrigação **marital**” (Êx 21:10). Neste caso a palavra “marital” significa “morar juntos”.

Estas referências podem ser resumidas da seguinte maneira: “O casamento foi designado para permitir que duas pessoas do sexo oposto vivessem juntas em harmonia. O casal que se casa é dado um ao outro pelos seus pais. Não somente o casal recebe muito mais do que perde, mas as duas famílias de onde vieram também recebem. O casamento une as duas pessoas e as duas famílias numa afinidade que de outro modo não existiria.”

O casamento que Deus instituiu incluiu um homem e uma mulher. Deus criou somente Adão e Eva no jardim. Ele podia ter feito duas mulheres, ou mais!

A queda não mudou nada. Havia quatro casais na arca, em contraste com a bigamia e poligamia que já existia naquele tempo, antes do dilúvio (veja, por exemplo, Gn 4:19, 23).

Muitos problemas desagradáveis surgiram por causa da poligamia. Temos só que pensar nos problemas na família de Abraão, de Jacó e de Davi. O rei de Israel não deveria multiplicar mulheres para si (Dt 17:17).

O ensino do NT embeleza e enfatiza este princípio de Deus para o casamento: “Cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido” (I Co 7:2).

Quando ocorre o casamento?

É importante entender quando ocorre o casamento. Com Adão e Eva isto aconteceu logo que Deus apresentou Eva a Adão. “E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne” (Gn 2:23). Adão foi então chamado o “seu marido” e Eva a “sua mulher” (Gn 3:6, 17, 20). Notamos que são chamados “marido” e “mulher”, mesmo embora o casamento ainda não fora consumado. É depois disto, em Gn 4:1, que lemos: “E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu”. Portanto, o argumento de que um casamento somente existe aos olhos de Deus quando é consumado é totalmente falso. Notemos também a ordem, inspirada pelo Espírito Santo, em Rt 4:13: “Assim tomou Boaz a Rute, e ela lhe foi por mulher; e ele a possuiu, e o Senhor lhe fez conceber, e deu à luz um filho”.

O casamento ocorre quando a noiva e o noivo aceitam um ao outro em matrimônio. A maneira exata pode variar conforme a cultura do lugar, mas o casamento começa neste ponto de tempo. Na Inglaterra, por exemplo, depois de aceitarem um ao outro, o juiz ou ministro diz: “Eu agora declaro que sois doravante marido e mulher ...” É num momento posterior que o homem se “apega” a sua mulher. É bom notar a diferença importante entre “um corpo” e “uma só carne” (I Co 6:16). A

primeira frase se refere ao relacionamento com uma prostituta; é físico e nada mais. A segunda se refere ao relacionamento entre marido e mulher; é completo, física e emocionalmente.

A estabilidade do casamento

Deus estabeleceu, desde o princípio, a indissolubilidade do casamento. Com a palavra falada Ele povoou as águas com peixes, o firmamento com aves e a Terra com os seres vivos, segundo a sua espécie. Mas o homem foi uma criação especial (veja Gn 2:7). A mulher também foi especial na sua criação (veja Gn 2:21-22). Por que Deus fez a mulher de uma maneira diferente? A resposta, obviamente, é para que pudesse haver, no casamento, um vínculo indissolúvel, o que não ocorre e não pode ocorrer com qualquer outra parte da criação de Deus: “eles serão uma só carne”.

Isto indica que, desde o princípio, o casamento foi indissolúvel. O Senhor Jesus enfatizou isto quando advertiu: “O que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mc 10:9). Ele também acrescentou: “Qualquer que deixar a sua mulher e casar com outra, adultera contra ela” (Mc 10:11). Paulo diz pelo Espírito: “A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo que o seu marido vive; mas, se falecer o seu marido fica livre para casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor” (I Co 7:39). Estas Escrituras, por si, devem acabar, para sempre, com o pensamento de que podemos desfazer o jugo divino do casamento. Nunca lemos de divórcio no livro de Gênesis; ele nem é considerado; e nem deveria ser considerado hoje. Isto está de acordo com o ensino do NT. A epístola aos Romanos afirma: “Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei, mas, morto o marido, está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for de outro marido” (Rm 7:2-3). Isto precisa ser sempre repetido hoje. Deus faz o casamento indissolúvel, e somente Ele pode romper esta união, pela morte. Isto é verdade de todos os casamentos, quer sejam de salvos ou incrédulos, quer realizados antes ou depois da salvação.

Temos de observar que as palavras “não o separe o homem” são incondicionais. “Fica em aberto se a referência é a uma das duas pessoas envolvidas, ou a alguém de fora que quer destruir o casamento ou a um ‘oficial’ que pronuncia um decreto de divórcio” (St John). Devemos notar também que isso não ensina que existe a possibilidade do laço matrimonial ser desfeito, mas sim que a vida harmoniosa de marido e mulher, juntos, pode ser prejudicada.

O fato de Paulo citar Gênesis 2, ao falar de “Cristo e a igreja” (Ef 5:31-32) indica o propósito permanente e indissolúvel do casamento. Este padrão nunca foi abolido. O casamento é considerado como uma solene aliança perante Deus. Vemos

isto em Pv 2:17: “A mulher estranha ... que deixa o guia da sua mocidade e se esquece da aliança do seu Deus”, e também em MI 2:14: “Sendo ela a tua companheira, e a mulher da tua aliança”. Deus tem revelado a Sua mente sobre o assunto do divórcio de uma maneira muito clara. “Porque o Senhor Deus de Israel diz que odeia o repúdio” (MI 2:16). O desejo de todos os salvos deve ser cumprir a vontade revelada de Deus em relação ao casamento e, portanto, o divórcio nunca deve ser contemplado.

Temos de enfatizar novamente o princípio mais importante: os propósitos iniciais de Deus são imutáveis, independentemente do que acontecer posteriormente. Para resolver qualquer questão, portanto, temos sempre de voltar para o princípio. Repare como Paulo aplicou este princípio em Gl 1:8-9. Ele conclui que a questão da justificação pela fé, e não pela lei, é decidida exatamente neste princípio. Veja Romanos 4.

Também é importante destacar aqui que embora falamos de “casamento cristão”, de fato não existe tal coisa. Casamento é ligado com a criação e não com o cristianismo, e temos sempre que lembrar disto ao tratar de qualquer caso de divórcio.

O impacto do adultério no casamento

Será que o adultério desfaz o laço matrimonial? Frequentemente é dito que “aquilo que faz o casamento é aquilo que o desfaz”. Contudo, temos notado que não é a consumação que estabelece o casamento. Devemos observar que o Senhor mesmo ensinou que “qualquer que deixar a sua mulher e casar com outra, adúltera contra ela” (Mc 10:11). Notemos esta frase “contra ela”. Não importa o processo legal que passou, perante Deus a esposa inicial ainda é sua esposa. Vemos isto quando João Batista repreendeu Herodes porque “casou” com Herodias, “mulher de seu irmão, Filipe” (Mt 14:3). Mesmo que ocorrera adultério, e ela estava com outro homem, Deus ainda a via como mulher de Filipe. Já notamos o colapso da ordem matrimonial no caso de Abraão e Jacó, mas apesar disto, nenhum casamento verdadeiro foi desfeito. Sarai era a primeira mulher de Abraão, e não há nenhuma sugestão de divórcio apesar do seu relacionamento com Agar. Isto continua através da história do VT. Mesmo quando Davi cometeu adultério com Bateba, ela continuou casada com Urias até que este morreu na trama assassina de Davi. Todos os casamentos foram reconhecidos por Deus até que Ele removeu um dos parceiros pela morte. Notamos também que em Números 5, que trata da suspeita de adultério, são sempre chamados “marido” e “mulher” em todo o capítulo. Mesmo quando o adultério foi provado, ela continuou sendo a “mulher” daquele homem.

A Escritura deixa bem claro: “A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo que o seu marido vive; mas, se falecer o seu marido, fica livre para casar com

quem quiser, contanto que seja no Senhor” (I Co 7:39).

A introdução do divórcio por Moisés (Mc 10:2-5)

Agora chegamos à única situação em que o divórcio era permitido no VT. As circunstâncias devem ser examinadas cuidadosamente; e depois de uma consideração cuidadosa, o escritor chegou à conclusão de que esta não é a “cláusula de exceção” citada pelo Senhor Jesus Cristo (Mt 5:32).

Apesar do fato do Senhor Jesus, ao responder à pergunta dos fariseus sobre o divórcio, citar o propósito original e imutável de Deus para o casamento, Ele também perguntou, antes disto: “Que vos mandou Moisés?” Os fariseus responderam: “Moisés permitiu escrever carta de divórcio, e repudiar”. O Senhor Jesus então explica esta concessão de Moisés dizendo: “Pela dureza dos vossos corações vos deixou ele escrito esse mandamento” (vs. 3-5). A palavra “dureza” indica um caráter duro e até desumano. A referência aqui é a Dt 24:1-2: “Quando um homem tomar uma mulher, e se casar com ela, então será que, se não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa indecente, far-lhe-á uma carta de repúdio, e lha dará na sua mão, e a despedirá da sua casa. Se ela, pois, saindo da sua casa, for, e se casar com outro homem ...” Aqui a mui respeitada tradução de J.N. Darby diz: “E ela sairá da sua casa e irá embora, e pode se tornar a mulher de outro homem”. (Mais instruções são dadas nos vs. 3-4; se a mulher, fosse subsequentemente divorciada ou se tornasse viúva, seu primeiro marido não poderia se casar de novo com ela.)

Temos de notar que esta é a única base para o divórcio no VT. Mas, qual era esta base? Obviamente não era adultério, pois a penalidade por adultério era a morte (Dt 22:22). Também não era infidelidade durante o tempo de noivado, antes do casamento, pois conforme as circunstâncias, a penalidade desta infidelidade era também a morte (Dt 22:23-27). Se um homem acusasse a sua mulher de infidelidade durante o noivado, e não fosse provado: “lhe será por mulher, em todos os seus dias não a poderá despedir” (Dt 22:19). Mas, se fosse provada a infidelidade, então ela seria apedrejada (Dt 22:20-22).

Assim, esta pergunta tem de ser repetida: “Qual era a base para o permitido divórcio?” Notamos a frase já citada de Dt 24:1: “por nela achar coisa indecente”. O que era esta “coisa indecente”? Alguns têm interpretado isto como fornicação durante o período do noivado, e que foi descoberto somente depois do casamento. Mas, se fosse assim, por que não dizer, como diz em Dt 22:14, 17: “Não a achei virgem”? Aqui, em Deuteronômio 24, parece que a mulher não pecou, mas que o marido simplesmente descobriu nela alguma coisa da qual não gostou* e considerou

* Pode nos ajudar a entender que a frase “coisa indecente” não significa imoralidade, se a compa-

“indecente” ou “feia”. Não é questão de imoralidade, e sugerimos que o que a lei de Moisés está dizendo é que se o homem descobrisse que por alguma razão física, cerimonial ou outra, não era desejável para ele consumir o casamento, e assim produzir filhos, ele tinha que lhe dar uma carta de divórcio, para manter a dignidade da mulher, por causa do seu “coração duro”.

No VT o divórcio, embora não previsto no ideal divino para o casamento, foi permitido para salvar uma mulher infeliz de um casamento sem amor. Esta é a explicação dada pelo Senhor Jesus: “por causa da dureza dos vossos corações ele vos deixou escrito este mandamento” (Mc 10:3-5). Como outro escreveu: “Não era a solução ideal, mas era a melhor que Israel tinha condições para receber”. É suficiente dizer que o filho de Deus vive, não pela melhor solução para o homem não regenerado, mas pelo alto padrão ensinado em Gn 2:24.

Mas mesmo esta “permissão” evidentemente estava sendo abusada, e os homens estavam divorciando suas esposas por qualquer razão, e por isso temos a pergunta de Mt 19:3: “É lícito para o homem repudiar a sua mulher por qualquer motivo?” A escola de Shammai (os que seguiam os ensinamentos do Rabi Shammai) permitia o divórcio somente no caso de adultério. A escola de Hillel (os que seguiam os ensinamentos do Rabi Hillel, que tinha opiniões mais liberais) permitia o divórcio por razões surpreendentes. Um comentário antigo sobre Mt 5:31 diz: “A escola de Hillel diz que se uma mulher prepara a comida do marido com muito sal, ou a queima, ela deve ser divorciada”. Edersheim (respeitado comentarista judaico) diz que esta mesma escola permitia o divórcio quando o homem achava outra mulher mais atraente do que a sua esposa. Outros permitiam ao homem divorciar a sua mulher se ela tecesse na rua, ou falasse dos seus pais de maneira desrespeitosa na sua presença.

O ensino de Cristo sobre divórcio

Em vista do abuso de Dt 24:1-2, o Senhor Jesus ajustou a provisão (ou concessão) de Moisés ao reafirmar o ideal divino e as consequências da sua transgressão: “Qualquer que deixar sua mulher e casar com outra, adultera contra ela. E, se a mulher deixar a seu marido, e casar com outro, adultera” (Mc 10:11-12). Compare com a referência de Lucas: “Qualquer que deixa sua mulher, e casa com outra, adultera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido adultera também” (Lc 16:18). Marcos e Lucas não admitem qualquer exceção.

Note que em Marcos 10 o homem, divorciando sua mulher e casando de novo, comete adultério “contra ela”. Portanto, o primeiro casamento continua em

rarmos com Dt 23:13-14, onde achamos a mesma palavra traduzida “coisa feia” em relação às necessidades fisiológicas normais (N. do T).

vigor. Também a mulher que, divorciando seu marido, casa de novo, comete adultério; portanto, o primeiro casamento está ainda em vigor. Em Lucas 16, não somente o homem que divorcia sua mulher comete adultério ao casar de novo, mas o homem que casa com a mulher divorciada também comete adultério.

Em Mateus caps. 5 e 19 somente há menção do homem divorciando sua mulher, mas em Marcos 10 é diferente. O homem que divorcia sua mulher e a mulher que divorcia seu marido são ambos mencionados. Em Marcos 10, o Senhor leva o assunto totalmente fora do contexto judaico, como foi em Mateus. Sabemos disso pela simples razão que sob a lei dos judeus, o marido podia divorciar sua mulher, mas a mulher não podia divorciar seu marido. Marcos 10 não tem um contexto judaico e portanto não tem uma cláusula de exceção.

O Senhor Jesus está claramente substituindo a lei de Moisés. Devemos reconhecer que Ele tinha autoridade para fazer isto. Note como é semelhante ao Seu ensino em Mt 19:8-9: “Disse-lhes ele: Moisés por causa da dureza dos vossos corações vos permitiu repudiar vossas mulheres, mas ao princípio não foi assim. Eu vos digo ...” Acharmos um ensino paralelo em Mt 5:31-32: “Também foi dito, qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de desquite. Eu, porém, vos digo ...” A autoridade do Senhor é vista claramente nas palavras: “Eu, porém, vos digo”. É notável que no último livro do VT há muitas ocorrências da frase “Assim diz o Senhor”; entretanto no primeiro livro do NT ela não ocorre, mas é substituída por “Eu vos digo”. O Senhor que fala do Céu, em Malaquias, está falando da Terra, em Mateus.

Paulo esclarece bem a posição: “A lei tem domínio sobre o homem por todo tempo que vive. Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido será chamada adúltera, se for doutro marido; mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for doutro marido” (Rm 7:1-3).

Não podemos deixar o assunto, baseado em Mc 10:1-12, sem considerar as outras passagens que têm ligação com o mesmo assunto.

Mateus 5:32 e 19:9

Estes dois versículos têm o que é frequentemente chamado de “a cláusula de exceção”. “Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de desquite. Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição (ou fornicação — *pornéia*) faz que ela cometa adultério (*moicheia*), e qualquer que casar com a repudiada comete adultério (*moicheia*)” (Mt 5:31-32). “Eu vos digo, porém que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de fornicação (*pornéia*) e casar com outra, comete adultério (*moicheia*) e o que casar com a repudiada também comete adultério (*moicheia*)” (Mt 19:9). Uma coisa se tor-

na perfeitamente clara — estes versículos permitem o divórcio somente num caso: a imoralidade. Não crueldade mental, incompatibilidade, deserção, colapso irreversível, ou qualquer outra razão. A única base é a imoralidade. Se o motivo não for imoralidade (e a palavra exata usada é *pornéia*: “fornicação” ou “prostituição”) então o marido que divorcia sua mulher e casa de novo se torna culpado de adultério (Mt 19:9). Também a mulher que foi divorciada e casar novamente, comete adultério (Mt 5:32); e a pessoa que casa com a mulher divorciada, também comete adultério (Mt 5:32 e 19:9).

Contudo, a imoralidade tem de ser qualificada. A palavra exata usada pelo Senhor Jesus nestes versículos é “fornicação” ou “prostituição” (*pornéia*) e é aqui que entram as diferenças nas interpretações de homens estudiosos. Há duas interpretações principais:

- i) Que “fornicação” (*pornéia*) inclui todo tipo de imoralidade. Isto é, imoralidade antes do casamento ou depois do casamento, e inclui, portanto, o adultério. Infelizmente W. E. Vine, no seu excelente “*Expository Dictionary of New Testament Words*”, diz* que em Mt 5:32 e 19:9, “a palavra indica e inclui adultério”. Contudo, se o Senhor Jesus queria indicar que adultério é a única base para o divórcio, então por que Ele não disse isso? Em qualquer caso, se aceitarmos que fornicção e adultério são sinônimos, então tanto Mt 5:19 como 19:9 contém uma situação absurda. A mulher é repudiada por causa de adultério e isto faz com que ela, novamente, cometa adultério!
- ii) Que é necessário distinguir entre “fornicação” e “adultério”. Isto é, “fornicação” (*pornéia*) significa apenas imoralidade antes do casamento. O fato de somente Mateus, que escreveu aos judeus, incluir a “cláusula de exceção”, apóia o argumento de que o homem somente podia divorciar a sua mulher se houvesse evidência de imoralidade antes do casamento. Sob as leis judaicas de noivado, a moça “desposada” era considerada como mulher do homem, embora na realidade não fossem ainda casados. Vemos isso claramente em Dt 22:23-24 (“Quando houver moça virgem, desposada ... a mulher do seu próximo”). E também em Mt 1:18-20, onde José é chamado “seu marido”, e Maria é chamada “tua mulher”, mesmo “antes de se ajuntarem”. Portanto, existe um contexto especificamente judaico em Mateus 5 e 19, que não é aplicável a Marcos e Lucas, onde não existe a cláusula de exceção.

Dando apoio adicional a esta interpretação, observamos que onde a palavra “fornicação” (*pornéia*) é usada sozinha, ela se refere à imoralidade no sentido geral,

* A versão Atualizada também mostra esta interpretação traduzindo *pornéia* por “relações sexuais ilícitas” (N. do T.).

mas onde é usada com a palavra “adultério” se refere especificamente à imoralidade antes do casamento, e não depois.

A palavra “fornicação” usada sozinha.

Às vezes, escrevendo a gentios, a palavra fornicção é usada para descrever a imoralidade de todo tipo, antes e depois do casamento. Temos um exemplo disto em I Co 5:9: “Já ... tenho escrito, que não vos associeis com os que se prostituem (*pornéia*)”. Também em I Co 6:18: “Fugi da prostituição” (*pornéia*). Nestes casos não podemos limitar a palavra fornicção à imoralidade antes do casamento, pois isto daria a entender que as outras formas de imoralidade eram permissíveis. Os coríntios teriam entendido bem este significado gentio da palavra, dando-lhe a aplicação geral.

“Fornicação” usada no mesmo contexto que “adultério”.

Em Mt 5:32 e 19:9, fica claro que o Senhor não usou palavras diferentes só por diversidade. Obviamente, há uma diferença de significado entre as duas: “Eu porém vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por prostituição (*pornéia*), faz que ela cometa adultério, e qualquer que casa com a repudiada comete adultério” (Mt 5:32). “Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de fornicção (*pornéia*), e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério” (Mt 19:9).

Além desses, temos que acrescentar outros versículos onde as duas palavras são usadas juntas desta maneira: “Não vos enganeis; nem fornicários, ... nem os adúlteros ... herdarão o reino de Deus” (I Co 6:10, VB). “Seja honrado o matrimônio por todos, e seja o leito sem mácula; pois aos fornicários e adúlteros, Deus os julgará” (Hb 13:4, VB). “Pois do coração procedem maus pensamentos, homicídios, adultérios, fornicções ...” (Mt 15:19, VB). “E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; e pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando ... Disseram-lhe, pois, nós não somos nascidos de prostituição (*pornéia*)” Jo 8:3-4, 41. Os judeus queriam com isso dizer que o Senhor fora concebido em fornicção, porque foi concebido antes do casamento dos Seus “pais”. Notando como os judeus usaram as duas palavras “adultério” e “fornicação” (ou “prostituição”) aqui em João 8, aprendemos que eles sabiam a diferença entre estas coisas. O significado da palavra fornicção também é muito claro em I Co 7:2: “Mas, por causa das fornicções, cada um tenha a sua mulher e cada uma o seu marido” (VB).

I Coríntios 7

Às vezes, alguns versículos deste capítulo são citados em favor do divórcio. Por exemplo, vs. 12-15: “Se algum irmão tem mulher descrente, e ela consente em habitar com ele, não a deixe. E se alguma mulher tem marido descrente, e ele consente em habitar com ela, não o deixe ... Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito a servidão, mas Deus chamou-nos para a paz”. Isto não significa um divórcio. Significa que esta pessoa não é culpada se não cumprir as suas responsabilidades no casamento. Não significa que o laço matrimonial cessa de existir, mas que a pessoa não é obrigada a cumprir os deveres matrimoniais quando o cônjuge sai de casa.

Os vs. 27 e 28 também são muito importantes: “Estás ligado à mulher? Não busques separar-te. Estás livre de mulher? Não busques mulher. Mas, se te casares, não pecas”. As palavras “Estás ligado à mulher? Não busques separar-te” não significam “És casado? Não procure divórcio”, como alguns ensinam. Também, as palavras: “Estás livre de mulher? Não busques mulher”, não significam “És divorciado? Não procures casar-te de novo”. Também as palavras “Mas, se te casares, não pecas” não significam “mas, se depois de se divorciar casares de novo, não pecas”. Este é o ensino de alguns hoje, mas é um grave erro de interpretação da Palavra de Deus.

As palavras “Estas livre de mulher? Não busques mulher” são traduzidas por J. N. Darby da seguinte maneira: “És solteiro? Não procures esposa”. As palavras “Mas, se casares, não pecas”, se referem ao casamento, não a um novo casamento depois do divórcio! O homem solteiro que se casa não peca, “todavia, os tais terão tribulações na carne”! F. F. Bruce deixa o sentido destes versículos bem claro: “Você é casado com uma mulher? Não tente desfazer o laço do casamento. Você é solteiro? Não procure uma esposa. Mas, se casar, você não pecou ...”

Em casos quando o marido ou a esposa abandonam seus cônjuges, estes precisam ficar sozinhos. O seu casamento continua válido perante Deus.

I Coríntios 6:11

Alguns citam I Co 6:11: “E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus”. Ao citar estas palavras eles procuram dizer que os coríntios continuaram com os seus antigos relacionamentos, depois da sua conversão. Entretanto, é evidente que aqueles que receberam esta carta, embora no passado vivessem em pecado, tinham mudado seu estilo de vida como resultado da sua salvação. Este versículo será considerado detalhadamente no cap. 5 deste livro.

Cap. 2 — O matrimônio pertence à criação ou ao Cristianismo?

JAMES D. MCCOLL

Antes de considerar esta pergunta diretamente, vamos examinar o conceito do casamento, de uma perspectiva bíblica. Afinal de contas, a instituição do casamento originou-se com Deus.

Livrarias, especialmente as evangélicas, estão cheias de livros sobre o casamento e assuntos vinculados a isso. Eles se concentram nos métodos empregados na escolha de um cônjuge idôneo, na solução dos problemas matrimoniais, e em como ter um casamento durável e feliz. Há também conselheiros matrimoniais descrentes que fornecem suas opiniões e soluções alternativas, que eles consideram que satisfirão os desejos e caprichos de muitos na nossa sociedade moderna. O conceito bíblico sobre o casamento está sendo comprometido, atacado e condenado por muitos hoje em dia, e por esta razão é importante considerar a origem da instituição do casamento.

O livro de Gênesis, o livro dos “princípios”, nos dá informações vitais sobre a origem de todas as coisas e, portanto, sobre o significado de todas as coisas, informações essas que, de outro modo, seriam completamente desconhecidas. O estado universal e estável do casamento e do lar, numa cultura social monogâmica patriarcal, é descrito em Gênesis como sendo ordenado por Deus. É exatamente isto que o Senhor Jesus afirmou quando lhe fizeram a pergunta sobre divórcio e novo casamento: “... mas no princípio não foi assim” (Mt 19:8).

Outra pergunta relacionada com o título deste capítulo é: Deus reconhece a união matrimonial entre duas pessoas descrentes? À luz das Escrituras, a resposta é sim. Em I Coríntios, Paulo lembrou os crentes em Corinto da sua vida pecaminosa antes da conversão, e incluído na lista dos pecados que ele mencionou está o adultério. “Nem os devassos [fornicadores], nem os idólatras, nem os adúlteros ... herdarão o reino de Deus. E é o que alguns tem sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus” (I Co 6:9- 11).

O adultério é a violação deliberada do contrato matrimonial por qualquer um dos cônjuges, através de uma relação sexual com uma terceira pessoa. É esta palavra “adultério” (*moicheia*) que encontramos em relação a homens, em Mt 5:32, e em relação a mulheres em Mc 10:12.

Em Mt 14:1-12 vemos uma ilustração disso na ação cruel e covarde de

Herodes Antipas. Depois de casar-se com uma filha de Aretas, rei da Arábia, ele fez propostas imorais a Herodias, que era esposa do seu irmão Filipe. Ela o aceitou, e começaram a viver juntos, em pecado. João Batista corajosamente reprovou este relacionamento ilícito, e repreendeu Herodes por ter tomado Herodias, “mulher de seu irmão Filipe”, e por causa disto ele sofreu uma morte violenta. É muito importante observar como João se refere claramente a Herodias como sendo ainda a mulher do seu irmão, provando que Deus reconhece o casamento entre descrentes e também condena qualquer violação do casamento. A condenação pública deste relacionamento adúltero é feita na afirmação: “Não te é lícito possuí-la” (Mt 14:4).

Consideremos agora alguns aspectos do casamento, baseados especificamente no livro de Gênesis.

1. O matrimônio e sua instituição

“E disse o Senhor: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora ... Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu ... formou uma mulher e trouxe-a a Adão” (Gn 2:18, 21-22). “Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea” (Mc 10:6).

Note a ênfase na identificação de masculinidade e feminilidade. No sexto dia da criação, Deus formou o homem “do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida, e o homem foi feito alma vivente” (Gn 2:7). O barro sem vida se tornou vivo pelo sopro de um Deus Criador.

Entretanto, o Seu plano não estava completo ainda, e lemos: “Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele” (Gn 2:18). Isso mostra claramente que a instituição do casamento, por Deus, foi pela união de um homem e uma mulher, os dois (e somente dois) se tornando um.

2. O matrimônio e sua união

“E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada Mulher (*Issah*, no hebraico), porquanto do Homem (*Isb*, no hebraico) foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn 2:23-24). “Portanto, o que Deus juntou não o separe o homem” (Mc 10:9). “Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne” (Ef 5:31). Estas passagens clássicas estabelecem o conceito bíblico e a natureza do casamento. Este é o plano de Deus para o estado matrimonial. Quando Adão acordou do seu profundo sono, ele abriu seus olhos e viu o rosto da mulher que Deus havia providenciado especialmente para ele. Deus poderia ter suprido uma infinidade de mulheres para Adão, mas foi o

intento de Deus fazer desta forma.

As primeiras palavras de Adão, faladas talvez com surpresa, gratidão e êxtase, foram estas: “Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne, esta será chamada Mulher, porquanto do Homem foi tomada”. Literalmente, ele disse: “Esta finalmente osso — meu osso! Carne — minha carne! Esta será chamada mulher porque do homem foi tomada” (Gn 2:23). Quando perguntaram ao Senhor Jesus, tentando-o: “É lícito ao homem repudiar a sua mulher?” (Mc10:2), Ele respondeu fazendo-os lembrar do que aconteceu no princípio da criação, destacando três afirmações impressionantes:

“Deixará pai e mãe ...”

Isto não significa abandonar os pais, pois as Escrituras claramente afirmam: “Honra a teu pai e a tua mãe ...” (Mt 15:4). Entretanto significa mais do que sair de casa. Para os pais, significa abrir mão da sua autoridade sobre seus filhos. Para os filhos, significa aceitar plenamente esta liberdade. Assim a noiva, pelo consentimento de ambos os lados, deixa uma liderança para aceitar outra. A mulher está sempre sob autoridade. Este é o plano divino. O momento quando a noiva é dada em casamento, pelos seus pais, é sempre um momento emocional importante na cerimônia de casamento.

“Apegar-se-á à sua mulher”

Isso inclui um relacionamento que é exclusivo, especial e recíproco. A expressão significa “ser colados um ao outro” em casamento. É visto como um relacionamento permanente, até a morte. Infelizmente, hoje, este aspecto do casamento está sendo desprezado e abandonado por muitos.

“Serão uma só carne”

Isto aconteceu no jardim do Éden quando Deus trouxe a mulher ao homem, e disse: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra ...” (Gn 2:28). Não há dúvida que Adão e Eva eram “uma só carne” antes da sua união física. É importante notar que Adão chamou Eva de sua mulher quatro vezes antes de lermos que ele a conheceu. Deus estabeleceu esta ordem para toda a humanidade, assim assegurando a dignidade do casal e a segurança das crianças nascidas deste casamento.

As referências nas Escrituras a “uma só carne” são muito significativas, e dão um ensino precioso sobre a indissolubilidade do casamento. Encontramos estas referências em Gn 2:24; Mt 19:5-6; I Co 6:16-17 e Ef 5:31-32.

“... e serão dois numa carne” (Ef 5:31). Assim como marido e mulher, no sentido físico, formam os elementos de uma pessoa completa, um sendo o complemen-

to do outro, assim também a Igreja, na esfera espiritual, é o complemento de Cristo. A Igreja, que é o Seu corpo, compartilha uma união de vida e energia com Ele. Os salvos gozam de unidade orgânica vital e indissolúvel com Cristo, o Cabeça. A Igreja é descrita como sendo “a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Ef 1:23). Ela é o complemento dEle. Sem a Igreja, que é o Seu corpo, o Senhor Jesus estaria eternamente sem uma noiva. Esta Escritura estabelece, não somente a intimidade da união espiritual, mas também a sua indissolubilidade.

As três expressões em I Coríntios 6 (“um corpo”, “uma só carne” e “um mesmo espírito”) têm diferenças que devemos observar:

- i) “Um corpo” é uma união física (v. 16);
 - ii) “Uma só carne” é uma união matrimonial (v. 16);
 - iii) “Um mesmo espírito” é uma união espiritual (v. 17).
- i) “... o que se ajunta com a meretriz, faz-se um corpo” (I Co 6:16). Isto fala de uma união proibida e impura. A ausência de amor puro e lealdade são evidentes. É impossível encontrar uma união instigada e promovida por afeição genuína neste relacionamento ilícito e degradante. Nada mais é do que uma união física, fornecendo gratificação torpe entre um macho e uma fêmea.
 - ii) “Porque serão, disse [Deus], dois numa só carne” (I Co 6:16). Isso apresenta um aspecto completamente diferente sobre a união de duas pessoas. A palavra “carne” realmente significa “pessoa”, embora cada parte retenha a sua identidade individual, e responsabilidades diferentes no relacionamento. As duas pessoas até começam a pensar, agir e sentir como uma só pessoa. Ef 5:28-31 indica que o relacionamento é tão íntimo que o que o marido faz (seja de bom ou de mal) para sua esposa, ele faz também para si mesmo, visto que os dois são uma só carne.

A união sexual não é a mesma coisa que a união matrimonial. O casamento é uma união que indica uma união sexual, como uma obrigação e prazer importantes (I Co 7:3-5), mas o casamento tem de ser visto como algo diferente de, e maior do que, mas que inclui, a união sexual. Entretanto as duas coisas não são sinônimas. A afirmação original feita por Deus na criação deixa este fato bem claro. Quando Deus trouxe Eva a Adão Ele disse: “Portanto deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn 2:24). Obviamente, Deus tinha em mente as gerações futuras, pois Adão e Eva não tiveram pais.

- iii) “Mas o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito” (I Co 6:17). Isto se refere, sem dúvida, à união incomparável entre o Senhor Jesus e a Igreja, que é

o Seu Corpo. Esta união é, necessariamente, mais profunda e mais íntima do que qualquer união física ou matrimonial.

No livro de Rute lemos dos dois casamentos dela. Seu primeiro casamento aconteceu na terra idólatra de Moabe, onde ela se tornou a esposa de Malom, filho de Elimeleque e Noemi. Este casamento terminou com a morte de Malom. Mais tarde, e pouco tempo antes do seu casamento com Rute, Boaz diz: “também tomo por mulher a Rute, a moabita, que foi mulher de Malom” (Rt 4:10). Deus reconheceu ambos os casamentos de Rute.

Embora não lemos de qualquer cerimônia de casamento, é evidente que muitas pessoas testemunharam a união em matrimônio santo entre Boaz e Rute. A formação deste novo relacionamento de marido e mulher foi confirmada e testemunhada pelos anciãos e pelo povo. É evidente que Boaz satisfêz todas as exigências legais e, visto que Malom estava morto, Boaz estava livre para agir desta maneira, em amor puro e abnegado para com Rute.

Em Rt 4:13 vemos três aspectos importantes referentes ao casamento:

“Assim tomou Boaz a Rute, e ela lhe foi por mulher”.

Tendo tomado-a, Deus os ajuntou, e isto é exclusivo à união matrimonial. Quão apropriadas as palavras do Senhor Jesus em Mateus: “Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne. Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mt 19:5-6).

“E ele a possuiu ...”

Esta é uma referência clara à união física, que é permitida somente dentro do relacionamento matrimonial. É importante observar, porém, que este ato nunca deve ser considerado como o início da união matrimonial, senão, qualquer ato de fornicação constituirá um laço matrimonial e, portanto, cada novo ato de fornicação com o mesmo parceiro se tornará lícito. Quando estes dois atos distintos, de tomá-la como esposa e depois possuí-la, são vistos numa perspectiva correta, torna-se claro que a união física não faz, nem desfaz, o laço matrimonial. I Co 6:18 e 7:10-11 não indicam que a fornicação desfaz o laço matrimonial. Estes versículos não fornecem uma base para o argumento que a “cláusula de exceção” permite o divórcio.

“E o Senhor lhe fez conceber, e deu à luz um filho.”

Aqui Deus é visto como o Doador da vida humana. Além disto, como vemos neste caso específico, a Sua bênção foi evidenciada no nascimento de um filho. Foi a intenção de Deus que a instituição do casamento produzisse filhos, e para cada

casal judaico temente ao Senhor, sempre havia a alegre expectativa do Messias prometido.

Desta bela união matrimonial, o Messias prometido finalmente viria: “E Boaz gerou a Obede, e Obede gerou a Jessé, e Jessé gerou a Davi” (Rt 4:21-22). Desta linhagem, mais de um milênio depois, veio o Messias-Salvador.

Uma coisa preciosa é dita sobre Boaz e Rute, em relação à sua conduta antes de se ajuntarem em união matrimonial e física: “... e levantou-se antes que pudesse um conhecer o outro” (Rt 3:14). Nada indecente aconteceu, provando a maturidade do caráter dos dois. Eles tiveram domínio próprio sobre o que poderia ter-se tornado uma situação muito perigosa. Portanto, estavam em condições ideais para se casarem, com toda o potencial para desenvolverem um relacionamento durável e feliz. Vivemos num tempo quando muitas pessoas estão propagando idéias diferentes sobre o casamento. Alguns dizem que o casamento convencional é restritivo, que as crenças tradicionais sobre o casamento são antiquadas, e que somente ao escapar da armadilha do casamento é que uma pessoa pode estar livre para se desenvolver como indivíduo. Nós insistimos que o casamento foi instituído por Deus, com a intenção de que fosse permanente e desfeito somente pela morte.

3. O matrimônio e sua violação

“E tomou Lameque para si duas mulheres ...” (Gn 4:19). Lameque, um descendente de Caim, e a sétima geração depois de Adão, foi o homem que levou os seus descendentes a se rebelarem abertamente contra Deus. Ele começou por desafiar o princípio estabelecido por Deus sobre a monogamia, em Gênesis 2. Lameque mudou a instituição e composição de Deus para o casamento, porque ele teve duas mulheres ao mesmo tempo. Isto insultou o plano de Deus para a vida matrimonial. Sua ação foi uma negação nítida da instituição de Deus do casamento, e uma violação deliberada da constituição criatorial de um homem e uma mulher. À luz da sua rejeição do plano de Deus, e da tendência atual na nossa sociedade, seria conveniente sublinhar a forte injunção achada em Hebreus: “Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém, aos que se dão à prostituição, e aos adúlteros, Deus os julgará” (Hb 13:4).

O matrimônio é uma instituição e um relacionamento santo, feliz e honroso. Foi estabelecido por Deus no Jardim do Éden, santificado pela presença do Senhor Jesus no casamento em Cana da Galiléia e pronunciado como venerado pelo Espírito Santo (Hb 13:4). Este versículo revela que devemos guardá-lo de qualquer mancha de impureza e lascívia. O casamento não é certidão de respeitabilidade para aqueles que são casados, mas uma obrigação de se usar o relacionamento de maneira que honre a Deus, pois Deus julgará qualquer violação da sua santidade, quer seja

por negligência ou pelo uso incorreto. O casamento exige lealdade e sinceridade, e também amor e afeição, e não deve ser contraído de maneira frívola e irresponsável. Todos serão responsáveis perante Deus.

Talvez seria apropriado registrar aqui “A cerimônia do Casamento” de acordo com a lei australiana*:

“Quando um casamento for realizado por, ou na presença de, uma pessoa autorizada para realizar casamentos, a pessoa autorizada dirá aos cônjuges, na presença de testemunhas, as seguintes palavras: “Eu estou devidamente autorizado pela lei para realizar um casamento de acordo com a lei. Antes de vocês serem unidos em casamento, na minha presença e na presença destas testemunhas, eu tenho de lembrá-los da natureza solene e permanente do relacionamento em que vocês estão para entrar. O casamento, de acordo com a lei da Austrália, é a união de um homem e de uma mulher, com a exclusão de todos os outros, assumida voluntariamente e para toda a vida”.

Esta declaração reflete, com clareza, a natureza e o caráter criacionista do casamento, como estabelecido em Gn 2:18-25, e como afirmado pelo Senhor Jesus em Mc 10:6.

4. O matrimônio e seu procedimento

“Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus juntou não o separe o homem” (Mt 19:6). “Portanto, o que Deus juntou, não o separe o homem” (Mc 10:9). “... sendo ela a tua companheira, e a mulher da tua aliança” (MI 2: 14).

O plano de uma união permanente é outra dimensão do casamento na Bíblia. A intenção divina é que o casamento seja para a vida toda. Em Mateus, o Senhor Jesus afirma isto claramente: “... o que Deus juntou, não o separe o homem” (Mt 19:6). Às vezes a Palavra de Deus ilustra esta união usando a figura de uma “aliança”. Malaquias visualiza Deus como uma “testemunha entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira, e a mulher da tua aliança” (MI 2:14).

Citamos agora o que E. H. Merrill escreveu, ao tratar deste versículo no seu comentário sobre Malaquias: “A impressão que temos aqui é que muitos judeus tinham se divorciado de suas mulheres para se casarem com mulheres pagãs. Isso, diz Malaquias, é agir com ‘deslealdade’ (v. 14). O mesmo verbo ‘desleal’ (*bâgad* no

* Extraído de um documento oficial publicado pelo governo da Austrália, país de residência do autor: *Handbook for Marriage Celebrants*, Canberra. Australian Government Publishing Services, 1979, p26.

hebraico) já foi usado várias vezes pelo profeta, e uma análise cuidadosa do seu uso esclarece a questão toda aqui. No v. 10, onde a palavra é traduzida ‘agimos aleivosamente’ (‘desleais’, ARA), ela é usada no sentido de quebrar a aliança, neste caso, as estipulações da aliança Mosáica, que proibia casamentos com as nações pagãs. O v. 11 confirma esta ligação por associar a deslealdade com a profanação do santuário (da aliança), o qual Deus ama. Portanto, a ‘deslealdade’ mencionada no v. 14 deve também estar ligada à violação de uma aliança, e de fato está, como o v. 16 prova além de qualquer dúvida. Mas aqui não é mais a deslealdade à aliança recebida por Moisés, mas, deslealdade à aliança feita pelo casamento, que uniu marido e mulher. Tal aliança, embora não seja especificamente estipulada no VT, é um acordo legal de união entre um casal, tendo Deus como Testemunha. Para o judeu abandonar sua mulher e casar-se com outra, especialmente uma estrangeira, não era apenas moralmente repugnante, mas legalmente proibido. ‘A mulher da tua mocidade’, continua o profeta, não é alguém que pode ser levemente deixada, mas é, de fato, uma ‘companheira’, uma ‘consorte’ (*habereth* no hebraico), ligada inextricavelmente ao seu marido pela garantia de uma aliança.”

A intenção divina sobre a permanência do matrimônio é também afirmada pelo Senhor Jesus no Evangelho de Lucas: “Qualquer que deixa sua mulher, e casa com outra, adúltera e aquele que casa com a repudiada pelo marido, adúltera também” (Lc 16:18). Neste versículo Ele resume a intenção criacionista em relação à união matrimonial. Em Mc 10:6-9 Ele novamente enfatiza a natureza e caráter criacionista do casamento como estabelecido em Gn 1:27; 2:24, ao dizer: “Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea. Por isso deixará o homem a seu pai e mãe, e unir-se-á a sua mulher, e serão os dois uma só carne ... Portanto, o que Deus juntou não o separe o homem”.

Alguns comentaristas desconsideram completamente Lc 16:18, outros têm dificuldades em reconhecer o seu significado contextual, e ainda outros o aplicam somente à experiência dos salvos. Contudo, Lucas especificamente relata que o Senhor falava aos Seus discípulos (Lc 16:1) e também aos fariseus (Lc 16:14-15), mostrando claramente que tanto os discípulos (salvos) como os fariseus (descrentes) estão incluídos neste discurso.

Surgem, deste discurso, certas questões morais e espirituais que têm uma relação positiva com a afirmação do Senhor Jesus no v. 18, onde Ele diz que o divórcio conduz ao adultério. Incluídas neste capítulo estão as questões morais e éticas de mordomia, responsabilidade, compromisso, lealdade, auto justificação, cobiça, a necessidade de integridade em relação à lei, e a autoridade suprema das palavras do Senhor Jesus Cristo. Tais fatores estabelecem a ligação entre os três temas principais abordados por Ele neste capítulo.

- i) Responsabilidade quanto à mordomia (vs. 1-17);
- ii) Responsabilidade quanto ao casamento (v. 18);
- iii) Responsabilidade quanto às possessões materiais (vs. 19-31).

Lc 16:16-18 enfatiza a grande importância de autoridade e de valores. Os fariseus deliberadamente deixaram de lado a lei para seguirem sua conduta, e zombavam do ensino de Cristo. A Sua declaração autoritária, proibindo o divórcio que conduz ao adultério, é uma indicação clara desta autoridade. Ele também mostra que a justiça rejeita os atos imorais e não éticos nos relacionamentos matrimônios. Sua referência ao reino enfatiza o valor do compromisso com Deus e com os outros. Ele revela o padrão da ética, dizendo, com efeito, que se alguém faz um voto de se casar e ser fiel ao cônjuge perante Deus, e depois desfaz este voto ao entrar em outro relacionamento matrimonial, ele comete adultério porque o voto original não foi cumprido.

O divórcio é a violação de uma aliança tripla entre Deus, o marido e a mulher. Enquanto a essência da justiça é integridade, a essência do pecado, neste caso, é a violação da promessa feita a Deus e a outros.

Resumindo, as Sagradas Escrituras enfatizam que o casamento é um estado permanente para todos os que têm contraído matrimônio. Devemos lembrar que a união do casamento é formal, pública, legal, sagrada e um contrato permanente.

5. O matrimônio e sua intenção

“E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele” (Gn 2:18). “Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação” (I Tm 2:15). “Mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido” (I Co 7:2).

Este assunto pode ser tratado de três maneiras:

O matrimônio é para companheirismo

“... far-lhe-ei uma ajudadora idônea” (Gn 2:18). Esta frase significa que ela está em harmonia com ele, ou se aproxima dele. O casamento é uma parceria. Deve haver união de propósito, atitude e compromisso. Para muitos, o casamento resolve o problema da solidão. Companheirismo deve ser a essência do casamento. A vida, sem o casamento, seria difícil e enfadonha para muitas pessoas. Por esta razão, consideração e não comentários insensíveis e imprudentes devem ser oferecidos aos solteiros. As viúvas idosas (como Ana em Lucas 2) e os viúvos que se abstêm de

casar de novo devem receber a nossa admiração. Não que seja errado para viúvos ou viúvas casarem novamente, pois Paulo encoraja as viúvas mais novas a se recasarem, assim evitando a possibilidade do adversário de maldizer (I Tm 5:14).

O matrimônio é para a reprodução

“... macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra” (Gn 1:27-28). “Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação” (I Tm 2:15). Macho e fêmea os criou; não macho e macho, ou fêmea e fêmea. Os estilos alternativos que estão sendo propagados hoje, junto com o aumento nos divórcios e novos casamentos, só podem resultar numa sociedade instável e degenerada. A procriação de filhos é o resultado normal do casamento, e Deus planejou que os filhos fossem nascidos e criados num ambiente estável e carinhoso, onde cuidado e disciplina pudessem ser aplicados. Nos casamentos desfeitos são as crianças que mais sofrem, e este fato deve receber a devida consideração.

O matrimônio é para preservação

“Por causa da prostituição [imoralidade] cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido” (I Co 7:2).

Este ensino serve para salvos e descrentes. O propósito de Deus, desde a criação, continua o mesmo. A obra de Cristo no Calvário tratou do pecado resultante da queda e suas consequências, mas não mudou as leis morais de Deus em relação ao casamento e aos relacionamentos matrimoniais. Este versículo está ensinando sobre o casamento monógamo — um homem e uma mulher, suprimindo a proteção contra a imoralidade sexual. Uma união matrimonial saudável não somente é uma grande ajuda, mas é uma necessidade absoluta. Esta injunção mostra que a satisfação das necessidades sexuais dentro do casamento é correta, que somente a monogamia deve ser praticada, que a fidelidade sexual é obrigatória para cada cônjuge e que o celibato não é o normal para a maioria das pessoas.

Citamos agora A. W. Pink, no seu comentário sobre Hebreus: “A instituição divina do matrimônio ensina que o estado ideal, tanto do homem como da mulher, não é em separação, mas em união, que cada um é feito para o outro, e que o ideal de Deus é que haja esta união, baseada em amor e lealdade, durante toda a vida, isento de qualquer concorrência ou outras associações”.

Um Criador sábio e amável instituiu o matrimônio para o bem estar da humanidade. Na Bíblia, o casamento é visto como o laço primordial da sociedade, o alicerce da vida social. O matrimônio é o vínculo entre duas pessoas, um macho e uma fêmea. O desígnio sábio do Criador para um relacionamento matrimonial

é heterossexual e monógamo, não polígamo. A injunção reprodutiva obviamente exclui “casamentos” homossexuais. A exclusividade perfeita de Deus de “uma só carne” proíbe qualquer outro relacionamento como homossexualidade, poligamia, fornicção, adultério, concubinato, incesto, bestialidade e prostituição cultural. Estas, e outras perversões sexuais, são violações da união íntima do relacionamento matrimonial, e eram frequentemente punidas com morte (Lv 20:1-19; Dt 22:13-27).

Em vista de tudo o que foi exposto neste capítulo, é bom lembrar que Deus ajuntou o homem e a mulher quando estavam num estado de inocência. Portanto, o matrimônio é a intenção divina original para o homem e a mulher, e não a Sua solução por causa da entrada do pecado. O matrimônio é parte da criação e é o ideal exclusivo de Deus para o bem estar da humanidade.

Cap. 3 — O ensino do Senhor sobre o divórcio

Mateus 19:1-15, e passagens relacionadas

WILLIAM M BANKS

O contexto (vs. 1-2)

O contexto de Mateus 19 é interessante e instrutivo. “Concluindo Jesus estes discursos” (v. 1). (Veja 13:53 e 26:1, onde a mesma expressão é usada, e também 7:28, e 11:1, onde uma expressão parecida é usada.) O assunto do cap. 18 é duplo: humildade (vs. 1-19) e perdão (vs. 21-35). Estas qualidades são fundamentais para se ter um casamento bem sucedido, que é o assunto dos versículos no começo do cap. 19.

Além disso, a localização geográfica é significativa. Ele “saiu da Galiléia e dirigiu-se aos confins da Judéia, além do Jordão”. Este era o território de Herodes, onde o assunto de um casamento impróprio já tinha sido tratado por João Batista. João falou corajosamente a Herodes: “Não te é lícito possuir a mulher do teu irmão” (Mc 6:18). Apesar de Herodes ter “casado com ela” (Mc 6:17), ela ainda era “a mulher do teu irmão”. O segundo casamento não tinha desfeito o primeiro vínculo matrimonial.

O corajoso João sofreu a morte por ter falado fielmente sobre a indissolubilidade da união matrimonial e denunciado o infrator, Herodes. Portanto, a região da Judéia, além do Jordão, era um território hostil para se falar sobre divórcio. Os pensamentos de muitos, hoje em dia, também são desfavoráveis a este assunto.

As opiniões prevalecentes na Judéia, e em Israel em geral, eram muito divergentes. Os seguidores de Hillel permitiam o divórcio por razões triviais, enquanto que os seguidores de Shamai somente permitiam o divórcio em casos de adultério. Assim, quando os fariseus perguntaram ao Senhor sobre o divórcio, pensavam que qualquer resposta Lhe traria problemas.

Um ministério de cura (v. 2) era necessário em tais circunstâncias de confusão e desânimo matrimonial. Quão mais necessário é nos nossos dias!

Foi neste contexto que surgiu a sessão de perguntas e respostas entre o Senhor e os fariseus. Não havia nenhum interesse real da parte deles — eles estavam simplesmente “tentando-o”! Infelizmente, muitos que fazem perguntas sobre este importante assunto, hoje em dia, não o fazem por ter um desejo sincero de aprender a verdade, mas meramente para apresentar assuntos para uma discussão inútil, semelhante às “fábulas e genealogias intermináveis, que mais produzem questões do que

edificação de Deus, que consiste na fé” (I Tm 1:4).

A primeira pergunta e sua resposta (vs. 3-6)

A primeira pergunta é muito geral: “É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?” Não importa qual a resposta dada, com certeza haveria oposição — pensavam que a armadilha colocada por eles era perfeita!

Contudo, a resposta revelou seu problema fundamental: “Não tendes lido?” (v. 4). Uma leitura cuidadosa das Escrituras teria eliminado a necessidade da pergunta. Quantas vezes este é o caso hoje em dia! Mas, a qual Escritura o Senhor se referiu? Ele não os levou aos livros proféticos (que teriam servido para dar ajuda prática ou experimental) nem aos livros históricos (que teriam revelado exemplos sobre o que tinha acontecido com a nação, no passado). Não, Ele os levou ao Livro dos princípios (Gênesis), à doutrina fundamental sobre o matrimônio; de fato os levou à primeira cerimônia de casamento e ao primeiro sermão sobre casamento, dado, não por homem algum, mas pelo próprio Criador. “Aquele que os fez no princípio ... disse” (vs. 4-5). O Criador os fez e lhes deu ordens sobre as condições do casamento. Deus está falando: “Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne” (v. 5). O princípio é claro — uma unidade indivisível está sendo estabelecida — dois estão se tornando um só. Citamos aqui J. D. Pentecost: “Os fariseus consideravam o casamento como uma instituição social governada pelas leis de homens. Mas Cristo considerou o matrimônio como uma instituição divina governada pelas leis de Deus”.

Observe a ordem “deixar ... unir ... ser ...”. O matrimônio inclui uma nova esfera de vida resultando do “deixar”; uma nova associação exemplificada pelo “unir” (permanentemente unidos como cola); e um novo relacionamento ao ser “uma só carne”.

Repare que “serão dois numa só carne” é parte da citação do Criador “no princípio”. Esta citação é de Gn 2:24. A idéia de que mais do que dois podiam ser “uma só carne” não é contemplada. O Senhor conclui: “Assim, não são mais dois, mas uma só carne” (v. 6).

Vemos claramente que este era o caso de Adão e Eva em Gênesis 2, antes de qualquer consumação física da união. Tais relações conjugais não começaram até Gn 4:1. Portanto, o relacionamento “uma só carne” está em vigor desde o momento do término da cerimônia matrimonial, que hoje é a declaração de que são marido e mulher. Não é a união física que a estabelece, alias, a união física só é permitida porque o casal já é uma só carne, que é uma união emocional e indissolúvel. Esta idéia é confirmada pelo Senhor, na Sua conclusão e no Seu resumo desta resposta à primeira pergunta: “Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”.

É incrível os esforços mentais e linguísticos que alguns fazem para tentar fazer esta frase simples significar algo diferente. A verdade é clara — Deus une, o homem separa. Contudo, esta atitude é completamente contrária à vontade de Deus e, com certeza, receberá um juízo severo.

A segunda pergunta e sua resposta (vs. 7-9)

Sendo silenciados pela referência do Senhor à ordem primitiva e divina na criação, que é claramente uma ordem permanente, os fariseus então resolveram fazer mais perguntas. Desta vez eles também mencionam as Escrituras, e agem de uma maneira que muitos fazem hoje — questionando: “Por que?” Agora fazem um apelo à “experiência”. Havia um caso prático. Não foi assim que aconteceu no passado? Agora pensavam que o Senhor não teria nenhuma saída.

“Por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio, e repudiá-la?” Eles conheciam bem Deuterônimo 24 — este texto era mais agradável para eles do que Gn 2:24! Não estava aqui uma saída? Não estava o divórcio incluído na lei de Moisés? É interessante ver que eles não citaram a profecia de Malaquias: “O Senhor, o Deus de Israel diz que odeia o repúdio” (Ml 2:16). Eles perguntaram: “É lícito ao homem repudiar sua mulher?” — Deus o odeia! Mas este texto era muito doloroso para eles, e pensavam que Deuterônimo 24 lhes daria a saída procurada.

A resposta do Senhor foi devastadora ao pensamento deles. Devemos notar alguns aspectos desta resposta:

- i) **Era uma “permissão”, não um “mandamento”.** Moisés vos “permitiu” repudiar vossas mulheres! Não há nenhuma desculpa para o uso dos fariseus da palavra “mandou”. Deuterônimo 24 nunca é visto como um mandamento para divorciar-se (nem mesmo em Marcos 10); foi somente uma permissão, e com uma razão. A razão é dada pelo próprio Senhor, e mais conclusões podem ser deduzidas de Deuterônimo 24.
- ii) **Foi por causa “da dureza dos vossos corações”!** A razão fundamental pela permissão dada foi a “dureza ... de coração”. O homem que divorciou a sua mulher em Deuterônimo 24 era um homem “duro”. Ele não tinha compaixão pela condição emocional da sua esposa. Seu único pensamento era gratificação egoísta. Certamente o Senhor está dizendo que isto não serve como argumento em favor do divórcio. O divórcio em Deuterônimo 24 é uma indicação de um espírito inflexível, com pouco respeito para com os sentimentos dos outros (e por isso era algo que Deus odiava!). Mas, por que, então, Moisés o permitiu? A razão é clara. Foi para proteger a dignidade da mulher. O divórcio foi permitido para que a mulher fosse salva de uma situação de abuso arrogante de um homem de coração duro. Em Deuterônimo 24 o casamento

não fora consumado, senão o divórcio não teria sido possível (veja Dt 22:29) e, nessas circunstâncias, a mulher era inocente (e continuava virgem) depois do primeiro processo de divórcio (veja também o Capítulo 1 deste livro).

iii) Era contrário à intenção divina para o casamento. O uso da palavra “mas” é importante. Moisés permitiu, por causa da “dureza dos ... corações”; mas, em contraste com isso, o Senhor diz que “no princípio não foi assim” (v. 8). Este é o ideal divino. Doutrina nunca é baseada numa “permissão”, mas nos padrões imutáveis que Deus decretou desde o princípio. Nunca foi a intenção de Deus que o divórcio fosse contemplado. Ele achou necessário regular o que nunca aprovou. Isso é visto claramente na próxima frase.

iv) Agora foi suplantada pela palavra autoritária de Cristo. “Eu vos digo”. A Sua Palavra é final. Deuteronômio 24 não é mais a base do mandato doutrinal, e portanto do mandato devoto para relacionamentos matrimoniais nesta dispensação presente (embora permaneça com autoridade no seu contexto). Eis aqui a afirmação final, autoritária, imutável e invariável do Filho de Deus: “Qualquer que repudiar sua mulher ... e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério”. Esta afirmação é simples, absoluta e clara. O novo casamento é proibido para os que estão num relacionamento matrimonial. Mesmo que a separação (por qualquer motivo) seja uma possibilidade, o novo casamento não é. Aparentemente, a construção da gramática grega confirma esta conclusão, e os primeiros ensinadores, quase todos, tinham esta opinião. Isso é também plenamente consistente com o que foi dito antes, nesta passagem.

Mas existe uma exceção! A cláusula de exceção, traduzida aqui “não sendo por causa de fornicção” contém somente três palavras na língua original, e não existem outras três palavras que tem produzido tão grande montanhas de papel! Uma grande estrutura tem sido construída sobre um alicerce muito fraco. Mesmo se aceitarmos esta frase como base para o divórcio, há dois fatores que precisamos notar:

- i) Um novo casamento de quem se divorciou não é aprovado nesta passagem, e isto é consistente com todos os outros trechos do NT que tratam deste assunto, como Rm 7:1-3 e I Co 7:10-11.
- ii) Baseado nesta passagem, somente o homem teria direito de divorciar a sua esposa; a passagem não dá licença para a mulher divorciar o seu marido.

O que, então, significa a cláusula de exceção?

Precisamos notar o uso das palavras “fornicação” ou “prostituição”* (*porneia*) e

* Nas Bíblias em Português, a palavra grega *porneia* é traduzida de diversas formas: “prostituição”, “fornicação”, ou “relações sexuais ilícitas”. (N. do E.).

“adultério” (*moicháō*) na mesma passagem. Não há dúvida de que a palavra *porneía*, quando usada sozinha, é uma palavra geral para pecados sexuais de vários tipos. Contudo, quando é usada no mesmo contexto que a palavra *moicháō* (veja também Gl 5:19, Hb 13:4), obviamente é importante fazer uma diferença. É claro que este é o caso aqui em Mt 19:9. Fornicação (*porneía*) é infidelidade sexual antes do casamento, e adultério é infidelidade sexual depois do casamento. Isso é consistente com o uso pelo Senhor da palavra *porneía* em outras passagens, como Mt 5:32, 15:19 e Mc 7:21. O Senhor usou somente a palavra *porneía* para indicar infidelidade pré-nupcial.

Mas, se é infidelidade pré-marital que está em vista, por que a palavra é usada aqui no contexto de casamento e divórcio? O contexto geral nos ajuda neste ponto. Quase todos concordam que Mateus escreveu tendo em mente o judeu, e com um pano de fundo dispensacional. O período ao qual o Senhor se refere é, sem dúvida, o período que os judeus chamavam de “desposamento”. O primeiro capítulo deste Evangelho nos ajuda neste sentido. Aparentemente, este período no noivado judaico durava mais ou menos um ano. Durante este tempo, embora as relações sexuais eram proibidas até depois da cerimônia formal de casamento, o casal era considerado como marido e mulher (veja Mt 1:19-20). Infidelidade sexual durante, ou antes, deste período permitia que o marido repudiasse sua “mulher”. José pensou que este era o caso com Maria, e “tentou deixá-la secretamente” (v. 19).

Portanto, considerando o contexto de Mateus 19, a única exceção que o Senhor tinha em mente era, obviamente, a imoralidade antes ou durante o período do desposado. Isto explica o uso da palavra “fornicação” e não “adultério”. Esta infidelidade permitiria que o “desposado” fosse desfeito, deixando o parceiro inocente livre para se casar (não casar de novo, pois o casamento formal ainda não tinha acontecido). Um novo casamento (assim como o divórcio), nunca é contemplado no NT, enquanto o primeiro cônjuge ainda vive. Um novo casamento nestas circunstâncias conduz ao estado de adultério perpétuo, quer a pessoa envolvida seja crente, crente professo ou descrente. Este estado de adultério perpétuo somente pode ser mudado se os envolvidos se separarem.

A reação dos discípulos (vs. 10-12)

A indissolubilidade absoluta do matrimônio, ensinada pelo Senhor, claramente surpreendeu os discípulos, até ao ponto de dizerem: “não convém casar”. Se fosse tão permanente, então, talvez seria melhor ficar “eunuco”! Contudo, o Senhor indicou que permanecer sem se casar não é uma condição que “todos” poderiam aceitar. Há alguns que têm esta capacidade; e estes se dividem em três grupos: aqueles que nasceram assim, aqueles feitos eunucos por homens, e aqueles que, para viver uma vida separada para o serviço divino, estavam preparados a fazer o sacrifício necessário.

Vemos aqui, com clareza, que os discípulos não ficaram com nenhuma dúvida sobre as restrições colocadas pelo Senhor sobre pessoas casadas. Nem divórcio, nem um novo casamento eram uma possibilidade.

As crianças (vs. 13-15)

Talvez estranhemos que crianças sejam mencionadas aqui no contexto de matrimônio e divórcio. Não é o caso que as crianças, e especialmente as “criancinhas”, são as que mais sofrem como resultado de um casamento desfeito? Com certeza o melhor ambiente para a criação dos filhos é um lar unido e carinhoso onde o ambiente de acolhimento e boas vindas e afeição é visto e conhecido. “Deixai os meninos e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus” (vs. 14-15).

Marcos 10:1-16

Está é uma passagem paralela àquela de Mateus 19. Embora haja muitas semelhanças nas duas passagens, também há algumas diferenças importantes. Estas diferenças serão enfatizadas agora ao examinarmos o trecho.

O contexto (v. 1)

No fim do cap. 9, o Senhor focaliza algumas coisas que podem causar ofensa aos discípulos:

“se a tua mão te escandalizar, corta-a” — v. 43

“se o teu pé te escandalizar, corta-o” — v. 45

“se o teu olho te escandalizar, lança-o fora” — v. 47

O Senhor está mostrando a importância daquilo que fazemos (“tua mão”), de onde vamos (“teu pé”) e do que vemos (“teu olho”). Todo este ensino importante é dado no contexto de casamento e divórcio, e a última, especialmente, é a causa de cobiça que conduz a muitos outros pecados. A falta de cuidado com aquilo que vemos, ou lemos, também pode causar relacionamentos errados. “Tende sal ... e paz uns com os outros” (v. 50). Estas coisas previnem muitos problemas!

Perguntas e respostas (vs. 2-9)

A localização geográfica é a mesma que em Mateus 19, e com as mesmas implicações.

Contudo, a primeira pergunta é um pouco mais geral do que aquela em Mateus: “É lícito ao homem repudiar sua mulher?” (v. 2). Em outras palavras: será que o divórcio é uma possibilidade?

A resposta do Senhor é interessante: “Que vos mandou Moisés?” O Senhor está se referindo aos escritos de Moisés como Ele fez em outros lugares nos Evangelhos, como Jo 8:5 e Lc 5:14. Já sabemos pelas palavras do Senhor em Mateus 19, que a linguagem de Deuterônimo 24 não foi um “mandamento”, mas uma “permissão”. Então, o que foi que Moisés “mandou”? Os vs. 6-8 deixam claro que o Senhor está se referindo a Gênesis 2 (que foi escrito por Moisés). O mandamento era bem claro! “Deixar ... unir ... ser uma só carne”!

A resposta dos fariseus à pergunta do Senhor indicou que eles pensavam que tinham uma base bíblica suficiente para praticar o divórcio. “Moisés permitiu escrever carta de divórcio e repudiar”. Sim, estavam certos! Moisés permitiu o divórcio por causa da dureza dos seus corações, não por causa de um mandamento. O Senhor volta para o “mandamento” que veio do “princípio da criação”, e chega à mesma conclusão relatada por Mateus: “Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”. Assim, a pergunta do v. 2 foi respondida conclusivamente, e baseada num mandamento divino!

As perguntas dos discípulos (vs. 10-13)

Há outro ponto em que o relato de Marcos é diferente ao de Mateus. Esta sessão de perguntas e respostas ocorreu em casa! Os discípulos aqui em Marcos procuraram mais elucidação sobre o que o Senhor tinha falado em Mt 19:9. Talvez a restrição absoluta fosse pesada demais para eles (veja Mt 19:10-12) — será que ainda podiam descobrir uma base para reduzir a força do mandamento do Senhor? Se estavam pensando assim, o Senhor iria desapontá-los. Ele não apenas repetiu a restrição registrada em Mateus, mas Ele fez isto sem a cláusula de exceção, e também estendeu a restrição! Estes detalhes não foram falados a um grupo específico. Sendo que o matrimônio é criacionista e não exclusivamente cristão, os princípios têm aplicação universal:

“Qualquer que deixar a sua mulher e casar com outra, adultera contra ela. E, se a mulher deixar a seu marido, e casar com outro, adultera” (vs. 11-12).

Alguns detalhes que devemos notar

i) **O novo casamento é totalmente proibido para pessoas casadas enquanto o cônjuge está vivo.** A linguagem não deixa qualquer dúvida, é fácil de entender e absolutamente clara. Não pode existir dúvida sobre a importância desta afirmação do Senhor. Isso também nos ajuda a entender Mateus 19. É uma regra sadia de interpretação; devemos usar o que é muito claro em Marcos e Lucas, como base para entender o que é aparentemente menos claro e mais difícil de entender em Mateus. Assim, a passagem em Mateus tem de ser entendida

como somente permitindo o término do noivado durante o período do desposado, isto é, um relacionamento fora da esfera do casamento formal. Se não, a passagem em Marcos é contraditória. Além disto, a autoridade a que Paulo se refere em I Coríntios 7, só pode ser uma referência a Marcos 10.

- ii) **Diferentemente da passagem em Mateus, aqui a possibilidade de uma mulher divorciar seu marido é mencionada.** Não há menção desta possibilidade em Mateus, no contexto judaico. Marcos está escrevendo para outros leitores. Ele escreve para os romanos. No contexto romano aparentemente era comum a mulher divorciar o seu marido e casar-se novamente. O Senhor está indicando que isto não é permissível — o novo casamento produz o estado do adultério perpétuo .
- iii) **Não há uma cláusula de exceção.** A razão é óbvia — não existe exceção! O período do desposamento, tão bem conhecido pelos leitores judaicos do evangelho de Mateus, simplesmente não se aplicava aos leitores gentios de Marcos. Não haveria contratos formais de noivado a serem desfeitos, porque tais contratos não existiam. No mundo dos gentios os que estavam noivos não eram conhecidos como “marido” e “mulher” e, portanto, “divórcio”, como exceção, não seria apropriado. A linguagem dos vs. 11-12 nunca foi anulada para a dispensação presente. É permanente e não deixa lugar para dúvidas. Aqueles que usam a exceção para permitir o divórcio para os legalmente casados, fazem isto contra o ensino claro desta passagem. Além disto, é improvável que aqueles que ensinam a possibilidade do divórcio, por causa de adultério, ficarão apenas com esta única exceção. Já em igrejas do povo de Deus muitas outras razões, como deserção e incompatibilidade, estão sendo usadas para justificar o divórcio, e com conseqüências devastadoras. Uma vez que a porta se abre, é quase impossível parar a inundação de pecado.

As crianças (vs. 13-16).

Como em Mateus, as crianças são mencionadas aqui e pela mesma razão. É lindo ver que embora pudessem ser maltratadas pelas crueldades de divórcio e novo casamento, o Senhor “tomando-os nos seus braços, e impondo-lhes as mãos, os abençoou” (v. 16).

Mateus 5:27-32

O Contexto

A passagem tem um contexto duplo. É parte do primeiro “Sermão do monte” no Evangelho de Mateus. Este “sermão”, obviamente, tem conotações judaicas, em-

bora naturalmente contendo princípios para todos. É, sem dúvida, o “Manifesto do Rei”. Os detalhes todos somente serão cumpridos quando o Rei reinar. Isso quer dizer que a interpretação dos versículos tem de ser feita tendo em mente este contexto.

Adicionalmente, os detalhes dos versículos imediatamente precedendo os vs. 31 e 32 são semelhantes àqueles achados no final de Marcos 9.

“se teu olho direito te escandalizar, arranca-o” — v. 29

“se tua mão direita te escandalizar, corta-a” — v. 30.

A razão da necessidade de se arrancar o olho é dada nos vs. 27 e 28 — o olho pode ser usado para olhar com desejo impuro, causando adultério no coração e, sem dúvida, conduzindo também ao ato de adultério. A mão também pode ser usada para cumprir o desejo impuro do olho. Qual o significado disto no contexto de casamento e divórcio? Lamentavelmente, estas coisas podem conduzir ao estado de adultério perpétuo, como resultado do divórcio. O Senhor deseja que isto seja evitado.

O contraste (vs. 31-32)

“Também foi dito ... Eu, porém vos digo”. A permissão (“dê lhe carta”) agora é substituída. Foi dada por razões particulares, detalhadas no cap. 19. A situação é diferente agora. Nenhuma carta de desquite é possível. A única base para deixá-la é a infidelidade pré-marital durante o período do desposado judaico — exatamente como temos visto nos detalhes do cap. 19.

Há, porém, quatro detalhes importantes aqui:

- i) **A construção do versículo prova que “fornicação” ou “prostituição” (pornéia) não pode ser “adultério”,** caso contrário a expressão “faz que” seria totalmente inapropriada: “Qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de adultério, faz que ela cometa adultério”. Isto seria uma tautologia*. Como ela poderia ser levada a cometer aquilo que já estava cometendo? Se fornicação ou prostituição é o mesmo que adultério, ela simplesmente iria continuar a cometer o que já estava cometendo, em vez de entrar numa nova esfera de atividade proibida. Obviamente, “fornicação” ou “prostituição” aqui não pode ser “adultério”.

O Senhor sempre usou palavras precisas. Compare o Seu uso da palavra “adúltera” em Mt 12:39; 16:4 e Mc 8:38, em relação à situação espiritual da nação, “transferindo suas afeições de Deus”. Poderíamos pensar que “fornicação” seria

* “Vício de linguagem que consiste em dizer, por formas diversas, sempre a mesma coisa” (Dicionário Aurélio) — ou seja, uma repetição sem sentido e incoerente (N. do E.).

a palavra mais apropriada aqui. Contudo, o Senhor somente usou a palavra “fornicação” quando Se referia exclusivamente ao pecado pré-marital, nos Seus discursos públicos. Este uso é também confirmado pelo seu uso pelos adversários em João 8. A mulher foi pega em “adultério” (*moicháo*) no v. 3. Todavia, no v. 41, eles acusam o Senhor, sugerindo que Ele nasceu fora do matrimônio quando dizem “nós não somos nascidos de prostituição” (*porneia*).

- ii) **A mulher que é repudiada é levada a cometer adultério junto com a pessoa que casa com ela.** Esta é a única vez, no ensino do Senhor, que a mulher divorciada é chamada adúltera. Isto completa o quadro. As pessoas culpadas de adultério nas quatro passagens onde o Senhor se refere ao divórcio são as abaixo mencionadas:

O marido que repudia	Mt 19:9; Mc 10:11; Lc 16:18
A mulher que repudia	Mc 10:12
A mulher que é repudiada	Mt 5:32
A pessoa que se casa com a mulher repudiada	Mt 5:32; 19:9; Lc 16:18

Portanto, o ensino de Mateus 5 está em perfeita harmonia com o de Mateus 19 e o de Marcos 10, indicando a natureza indissolúvel do vínculo matrimonial.

- iii) **Não há possibilidade de um novo casamento para o cônjuge “inocente”.** É possível que a mulher que é repudiada, no v. 32, seja totalmente inocente de qualquer má conduta. Talvez ela foi repudiada por causa da dureza do coração do seu marido, mas, mesmo neste caso, o novo casamento simplesmente não é considerado como uma possibilidade.
- iv) **A iniciativa do divórcio se aplica exclusivamente ao homem.** Se o Evangelho de Mateus fosse usado para justificar o divórcio, ou novo casamento, então apenas o homem poderia iniciar o processo! Para uma mente equilibrada, a conclusão é claríssima — nem o divórcio, nem o novo casamento, é permitido!

Lucas 16:18

Este versículo em Lucas é a última referência que temos ao ensino do Senhor sobre este assunto. Há dois fatores importantes a destacar:

O contexto

Este versículo parece estar fora de contexto. Contudo, há três coisas que devem ser observadas. A primeira é que, no contexto, o Senhor está enfatizando impossibilidades, por exemplo:

- i) “Não podeis servir a Deus e a Mamom” (16:13);
- ii) “... os que quisessem passar daqui para vós não poderiam” (16:26).
- iii) Também, é impossível “cair um til da lei” (v. 17).
- iv) Assim, também o divórcio é impossível!

O segundo assunto enfatizado é o contraste entre o que é de “grande estima” e o que é de “pouca estima”. Os fariseus “que eram avarentos” (v. 14) claramente enalteciam a busca pela riqueza e possessões. Mas isto era “abominação perante Deus” (v. 15). Nos vs. 16-18 o que eles estimavam pouco em relação à lei e ao matrimônio, era o que Deus elevava. Eles desprezavam a lei e os profetas e o padrão divino para o matrimônio. Porque davam pouco valor ao casamento, o divórcio e novo casamento eram comuns entre eles. O que eles desprezavam, Deus elevava.

O que segue também enfatiza este mesmo contraste. O que os homens estimam muito é agora representado pelo homem rico que perece. O mendigo pobre e pouco estimado pelos homens, representando a fé na Palavra de Deus (ilustrado pela referência ao seio de Abraão, o pai dos fieis) é abençoado.

O terceiro aspecto do contexto imediato é a ligação com “a lei” (vs. 17-18). Aqui no v. 18 a lei do matrimônio está implícita: não pode falhar! Vem desde o “princípio”, como vemos em Mateus 19 e Marcos 10, assim dando a base para os princípios que indicam a continuidade e a estabilidade do relacionamento matrimonial.

A ausência da cláusula de exceção

Lucas (um gentio) está escrevendo para gentios — assim não há a cláusula de exceção. O ensino deste versículo é imutável e, portanto, pertinente e permanente nesta presente dispensação. Não poderia haver uma afirmação mais clara sobre a indissolubilidade do vínculo matrimonial.

Cap. 4 — O matrimônio em Romanos 7

JAMES R. BAKER

Embara Paulo nunca tivesse visitado a igreja em Roma, ele tinha um profundo interesse nela. Sendo o apóstolo aos gentios, ele sentia a sua responsabilidade em ajudar os santos ali na doutrina, e também na prática do seu desenvolvimento espiritual.

Sua carta a eles se divide em quatro partes nitidamente apresentadas; as primeiras três sendo doutrinárias e a quarta parte ensino prático. As divisões são as seguintes:

1-5	O Evangelho e a justiça de Deus.....	Judicial
6-8.....	O Evangelho e a santidade de Deus	Ética
7-11	O Evangelho e a fidelidade de Deus.....	Dispensacional
12-16....	O Evangelho e o serviço de Deus	Prática

No início da parte judicial, Paulo trata dos assuntos fundamentais de “pecado” e “pecados”. Ele apresenta três testemunhas para provar que a raça humana, durante toda a sua história, está longe do padrão de Deus. Estas testemunhas são:

- i) A Criação (cap. 1).
- ii) A Consciência (2:1-16).
- iii) O Concerto da Lei dada a Israel (2:17-3:3).

A última testemunha, a Lei, mostra que até o judeu, procurando viver pelo padrão da lei e com seu sinal e selo de circuncisão, tinha falhado.

Assim os homens de todos os tipos são comprovadamente culpados perante Deus. A solução divina à condição sem esperança da humanidade também é descrita nesta parte, que revela como Deus pode ficar justo e ao mesmo tempo ser o justificador “daquele que tem fé em Jesus” (3:26), e ao assim fazer ainda continua declarando Sua própria justiça. Uma descrição clara já foi dada, mostrando o meio usado para permitir que tal declaração fosse feita. É o produto da graça de Deus e a obra de reconciliação de Cristo pela Sua morte na cruz. As grandes verdades da redenção, propiciação e justificação são vistas como o alicerce pelo qual Deus pode oferecer perdão e bênção a todos.

Nosso interesse específico, neste livro, é nos capítulos 6-8, que formam o centro da parte doutrinária do livro de Romanos. A necessidade do pecador é demonstrada na parte anterior, mas aqui o ensino é para o salvo. Três áreas principais da

vida cristã são consideradas. Em primeiro lugar: a questão do pecado na vida do salvo, e isto ocupa a maior parte do cap. 6. O próximo assunto, tratado no final do cap. 6 e no cap. 7, é o lugar da lei na vida dos salvos. A resposta completa às questões feitas nos caps. 6 e 7 é dada no cap. 8, onde os assuntos principais são o poder, a presença e a atividade do Espírito Santo na vida cristã. Não é nossa intenção, aqui, dar uma exposição detalhada desta parte da epístola, mas somente considerar os primeiros versículos do cap. 7, que falam sobre o matrimônio e sua indissolubilidade.

É interessante, e nos ajuda muito, observar um paralelo entre o começo do cap. 6 e do cap. 7. Como já notamos, o assunto do cap. 6 é o pecado e seu efeito na vida do salvo. No cap. 7 o assunto é a Lei e seu efeito na vida do salvo. Estes dois assuntos são tratados da mesma maneira. No cap. 6, o apóstolo começa fazendo uma pergunta: “Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?” Ele então faz uma afirmação baseada no fato que nós, em Cristo, temos morrido para o pecado. Isto conduz à conclusão clara “de modo nenhum”, ou “longe esteja tal pensamento”.

Em seguida ele usa como ilustração o batismo, e isto é seguido pela exposição doutrinária, com uma conclusão e uma aplicação final.

Encontramos a mesma ordem no capítulo 7:

	Romanos 6	Romanos 7
Afirmação	Estamos mortos para o pecado	A lei tem domínio somente durante a vida.
Ilustração	Batismo de morte e ressurreição.	O matrimônio é para a vida.
Exposição	Agora andamos em novidade de vida	A morte permite um novo casamento.
Aplicação	Nos consideramos mortos ao pecado	Novo casamento produz novo fruto.

Uma vez que o assunto da lei foi mencionado, logo temos a afirmação de que a lei tem domínio sobre o homem enquanto ele vive. Em seguida, o matrimônio é usado como ilustração, seguido por uma exposição doutrinária, terminando com uma aplicação. Os mesmos que dizem que devemos ignorar a ilustração do matrimônio no cap. 7 como parte da doutrina, ensinam sem dificuldade a ilustração do batismo, no cap. 6, como sendo a principal passagem doutrinária daquele assunto.

Em ambos os casos, fica claro que o uso ilustrativo de doutrinas confiáveis está sendo empregado para apoiar as respectivas verdades ensinadas. Assim, uma consideração cuidadosa dos primeiros versículos dos dois capítulos mostrará que a doutrina do batismo é usada para ilustrar a nossa morte judicial ao pecado, e a doutrina da indissolubilidade do matrimônio, sendo a morte o único meio da sua dissolução, é

usada para ilustrar a nossa morte judicial à lei. Ao observarmos o paralelo mencionado acima, é interessante (e lamentável) observar como alguns ensinadores têm feito afirmações com a intenção de desviar, ou pôr de lado, o sentido claro daquilo que este texto das Escrituras diz sobre o casamento.

Um deles escreveu: “É errado usar Romanos 7:1-3 numa discussão sobre divórcio. O apóstolo nesta passagem está usando os princípios originais do casamento ideal, de uma maneira ilustrativa. Ele não está afirmando qualquer ponto doutrinário, a não ser a sua dissolução com a morte”*. Outro autor diz: “Divórcio não é o assunto de Romanos 7; portanto não podemos tirar nenhuma conclusão deste trecho. O contexto é o relacionamento entre o salvo e a lei”†. Se fizermos assim com o resto das epístolas, poderemos chegar ao ponto de questionar se qualquer passagem específica ensina alguma doutrina. Esta opinião distorcida das Escrituras nunca pode produzir a assimilação sadia da doutrina dos apóstolos, que é tão urgentemente necessária. Provavelmente, chegaram a esta conclusão por lerem demais as extensas obras de modernos comentaristas liberais.

O autor deste capítulo está convicto de que, longe de afirmar que o apóstolo, em Romanos 7, não está salientando algum ponto técnico em relação ao casamento além da sua dissolução pela morte, realmente é o contrário. Ele está afirmando, e com muita clareza, a indissolubilidade do casamento até o momento da morte. Não há outra maneira de entender as palavras: “De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for de outro marido; mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for de outro marido”. Se as palavras têm qualquer significado, elas significam o que dizem!

O cap. 7 tem três partes principais, e cada uma trata do salvo e do seu relacionamento com a lei de Deus. Estas são:

- i) A Lei e seu poder..... vs. 1-6
- ii) A Lei e sua santidade..... vs. 7-13
- iii) A Lei e sua incapacidade..... vs. 14-25

A primeira parte esclarece que o salvo, que anteriormente estava sujeito e preso pelo poder da lei, agora está livre, tendo morrido para a lei. A segunda parte ensina que isto não avilta, de forma alguma, a lei; a lei continua santa, justa e boa. A terceira parte do capítulo revela a incapacidade total da lei de dar vida e vitória ao salvo.

Agora examinaremos a primeira parte em mais detalhe, especialmente as referências ao matrimônio.

* Gunn, J. *A Biblical History of Marriage Divorce and Remarriage*, 2nd impression. Ontario, Everyday Publications Inc, 1982

† Megaughan, M. *Marriage and Divorce*. Reading: Open Bible Trust, sem data.

A afirmação

“Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive?” (v. 1). O apóstolo sabe que está escrevendo aos que têm algum conhecimento da lei, sejam eles judeus ou gentios. Todos, normalmente, estão sujeitos a ela e às suas exigências. A frase “por todo tempo que vive” é fundamental no seu argumento. Assim, este versículo simplesmente diz que enquanto o homem vive ele está sujeito à lei, porque ele está sob a sua jurisdição. Normalmente, a única maneira do homem poder ficar livre do poder e da influência da lei é pela morte, quando o indivíduo sai da sua esfera de poder e autoridade. Paulo já falou isto em relação ao pecado: “Porque aquele que está morto está justificado do pecado” (6:7).

A ilustração

“Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas morto o marido, está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for de outro marido, mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for de outro marido” (vs. 2-3). Nestes versículos vemos que uma mulher casada, com base na lei, está ligada indissolúvelmente ao seu marido enquanto ele vive, e que a única maneira em que esta união pode ser desfeita é pela morte. Isto é afirmado categoricamente nas palavras “mas, morto o marido, está livre da lei do marido”. A posição afirmada é enfatizada ainda mais ao dizer: “De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for de outro marido, mas, morto o marido, livre está da lei; e assim não será adúltera, se for de outro marido”. Todos têm que admitir que estas palavras são claras, facilmente entendidas, sem ambiguidade e sem qualquer possibilidade de serem mal entendidas. Não há nenhuma base para descartar tais versículos claros na Palavra de Deus como se constituíssem alguma história obscura a ser aplicada de uma maneira vaga. À luz destes fatos, vemos aqui claramente uma afirmação doutrinária importante, sobre a indissolubilidade absoluta do matrimônio e os resultados de desfazer o laço matrimonial durante a vida. Se um novo casamento ocorrer, adultério é o resultado sério e contínuo de tal ação. Esta passagem deixa bem claro que o adultério começa quando os relacionamentos sexuais começam no segundo casamento. É igualmente claro que a morte anula o laço matrimonial, porque o outro cônjuge não vive mais na esfera onde a lei tem poder para manter aquele laço. Citamos aqui o comentário de Bruce: “O que Paulo quis dizer pode ser expressado da seguinte maneira: como a morte desfaz o vínculo entre marido e mulher, assim a morte — a morte do salvo com Cristo — desfaz o vínculo que anteriormente o ligava à lei, e agora ele está livre para entrar em união com Cristo”.

A exposição doutrinaria

“Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais de outro, daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus. Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte” (vs. 4-5). Através da obra de Cristo, o salvo agora é visto como morto para a lei. Nossa morte judicial não é apenas em relação ao pecado, mas também em relação à lei. Não estamos mais debaixo da lei, mas debaixo da graça. Esta doutrina revela a precisão da ilustração usada, e a razão por ela ter sido usada. Assim como eles tinham estado ligados intimamente à lei e suas exigências, agora estavam livres daquele relacionamento por causa de uma morte que desfez o vínculo. Paulo é consistente com aquilo que ensinou no cap. 6, onde escreveu: “Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” Os tempos dos verbos usados naquela passagem mostram que a sua morte para o pecado já tinha acontecido. Aqui o ensino é o mesmo, e com os mesmos tempos dos verbos. Eles, e todos os salvos, não somente tinham morrido, judicialmente, para o pecado, mas também para a lei, da mesma maneira. Contudo, uma pergunta agora pode surgir: “Por que o apóstolo mudou a ordem daquela que usou na ilustração? Na ilustração, o cônjuge que ficou vivo está livre para casar de novo, mas aqui é aquele que morreu que está livre para casar de novo”. A resposta é que nem o pecado nem a lei morreram; estão muito vivos ainda. Foi o salvo que morreu para o pecado e para a lei. Mais adiante no cap. 7, o apóstolo prova, conclusivamente, que “a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom” (v. 12).

Qual é então a continuação do ensino nesta passagem? É que o salvo está morto para a lei através, ou por causa, da sua ligação em, ou com, o corpo de Cristo, e assim o salvo é, pelo mesmo processo, “de outro, daquele que ressuscitou dentre os mortos”; e o grande propósito, “que demos fruto para Deus”, agora pode ser efetuado em tal vida. Godet diz o seguinte sobre esta mudança na ordem: “É a aplicação que Paulo pretende fazer da sua ilustração para a vida espiritual que dará a solução à questão. Paulo, na realidade, tinha em vista não somente a desunião da alma do salvo com a lei (o primeiro marido), mas também a sua nova união com Cristo ressuscitado (o segundo marido). Agora, nesta figura do segundo casamento, somente Cristo pode representar o marido, e, conseqüentemente, o salvo representa a esposa”.

A aplicação

“Mas agora temos sido libertados da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra” (v. 6). A expressão “libertados da” contém uma preposição que indica a sepa-

ração completa do salvo em Cristo da esfera da lei. Corresponde às palavras do capítulo anterior: “pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça” (6:14). A frase “aos que estão debaixo da lei” (3:19) se refere à nação de Israel, que aceitou um lugar debaixo da lei quando inicialmente disseram, na presença de Deus e de Moisés: “Todas as palavras, que o Senhor tem falado, faremos ... e obedeceremos” (Êx 24:3, 7). Quando nosso Senhor Jesus Cristo veio ao mundo, Ele tomou Seu lugar na nação, debaixo da lei (Gl 4:4). É notável que Rm 7:4 mostra que agora estamos ligados indissolivelmente àquele “que ressuscitou dentre os mortos”. Nosso vínculo vital e eterno agora é com um Homem que está além da esfera onde a lei opera. Esta mudança, feita pela salvação, tornou possível aos santos do NT viver uma vida frutífera. A parte final deste capítulo mostra que para Paulo este serviço frutífero não era possível debaixo da lei, nem mesmo com muito esforço, mas com o desenvolver do argumento no cap. 8, a verdadeira fonte e poder de todo este serviço é encontrado na energia e poder do Espírito Santo de Deus que habita no salvo.

A exposição do restante de Romanos 7 não foi incluída, pois não se aplica ao assunto do livro do qual este capítulo faz parte.

Cap. 5 – Uma só carne

BRIAN CURRIE

A sociedade moderna tem aceitado o princípio de que tudo é relativo, nada é absoluto, e com isso está vivendo uma degeneração moral incrivelmente rápida. Quando Deus e Sua Palavra são excluídos, desobedecidos e deixados de lado, então a estrutura da sociedade fica sob uma tremenda pressão, e o colapso logo segue. É com este triste pano de fundo que este artigo está sendo escrito.

Uma manchete no jornal inglês “The Daily Mail” de sexta-feira, 29 de Agosto de 2003, dizia o seguinte: “O Dilúvio do Divórcio”. O artigo correspondente dizia: “As estatísticas mostram que o divórcio aumentou dramaticamente no ano passado ... o número de casamentos está no ponto mais baixo desde o reinado da rainha Vitória ... o fim dos casamentos também provavelmente trará pobreza e doença aos adultos ... Isto deixou 150.000 crianças — 25% das quais têm menos que cinco anos de idade — em lares desfeitos”. Enquanto um casamento desfeito causa tristeza e dor a todos, são as crianças inocentes as que mais sofrem. Esta situação agora é aceitável na sociedade, e com muita frequência é apoiada pelos planos do governo. No mesmo artigo havia a seguinte citação: “O sistema de impostos de renda e benefícios sociais está pesando contra os casados, e temos uma cultura que aparentemente não gosta de relacionamentos fiéis”. Como outro escreveu: “A sociedade, em todas as suas formas, depende do matrimônio. O ataque contra o casamento é realmente um ataque contra a sociedade (e também contra Deus, que fundou a sociedade sobre o matrimônio)”.

Precisamos responder às seguintes perguntas: “O divórcio é aceitável a Deus?”, e “É aceitável ao povo de Deus?”

As respostas não serão achadas na sociedade, nem na hierarquia religiosa e sua confusão, nem devemos confiar na sentimentalidade humana ou até mesmo na compaixão que sentimos para com aqueles envolvidos; nem podemos usar exemplos obscuros como alicerce para construir teorias que muitas vezes são sentimentais e inadmissíveis. Temos de ir para as Escrituras, que são nosso único guia. Isaías encorajou seus leitores, e assim nós também, quando disse: “À lei e ao testemunho” (Is 8:20).

Não devemos ficar surpreendidos com este ataque, porque Satanás sempre ataca o que é de Deus. Foi assim desde o princípio. No final de Gênesis 2, quatro coisas lindas foram estabelecidas por Deus.

* A linda criação que veio ao poder de um Criador.

- * O homem é o cabeça desta criação.
- * O homem está em comunhão com Deus.
- * Homem e mulher foram unidos como marido e mulher.
Satanás odeia estas quatro coisas e as atacou, e continua a atacá-las.
- * A linda criação foi estragada pela entrada do pecado, e continua sendo estragada e atacada pela abominável teoria de evolução.
- * A liderança masculina criacionista continua sendo atacada pelo feminismo agressivo.
- * A comunhão foi interrompida pelo pecado, e enquanto muitos verdadeiros crentes gozam de comunhão com seu Salvador e Deus, a maior parte da humanidade continua nos seus pecados e longe de Deus.
- * A pressão contra a união matrimonial está aumentando, com a crescente aceitação do divórcio.

Ao tratarmos do relacionamento de uma só carne e seu impacto no assunto de casamento e divórcio, vamos considerar o seguinte:

- i) Iniciando um casamento
- ii) A instituição do casamento
- iii) A essência do casamento.

Iniciando um casamento

Depois de aceitar a Cristo como Salvador, a decisão de se casar é a mais importante que uma pessoa pode fazer. A salvação traz consequências para a vida toda e também para a eternidade, mas o casamento traz consequências para toda a nossa vida. O mundo pode aceitar “testes de casamentos” (simplesmente viver juntos), mas tais relacionamentos são realmente fornicação licenciosa.

Com respeito ao elevado ideal do matrimônio em Gênesis 2, um ideal que nunca mudou, vemos que Deus “a trouxe ao homem” (v. 22 – VB). Não podemos esperar que descrentes levem Deus em consideração neste assunto, mesmo embora deveriam neste assunto criatorial, mas para os salvos esta consideração é vital. Não podemos colocar limites em Pv 3:5: “Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento”. Se houvesse mais dependência em Deus sobre este importantíssimo assunto, menos erros seriam cometidos. Se houvesse mais oração, antes do casamento, haveriam muito menos problemas depois.

Jovens salvos precisam ser avisados contra as idéias mundanas de namo-

ro, a frequente troca de namorado(a), e encontros de uma só noite. Pela oração e pelo discernimento espiritual assim adquirido, direção é dada para reconhecer o namorado(a) espiritualmente compatível. Temos de guardar em mente as afirmações claras das Escrituras: “Não vos prendais a um jugo desigual com os inféis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? O que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (II Co 6:14-16). Também Am 3:3: “Porventura andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?”

Às vezes corremos o risco de pensar que podemos mudar a pessoa, para que ela se torne na pessoa que queremos que seja. Também, às vezes pensamos que o salvo pode casar com alguém que é descrente e assim contribuir para a sua salvação. Será que podemos pedir a Deus que abençoe a desobediência? Será que a voz da incredulidade, que em Rm 3:8 diz: “ façamos males, para que venham bens”, deve ser ouvida de um salvo?

A instituição do casamento

Há aqueles que falam de “matrimônio cristão”. Contudo, o casamento foi instituído antes do cristianismo, do judaísmo, e até mesmo da era dos patriarcas. O casamento teve início na criação. Assim não encontramos o padrão para o casamento na lei nem no comportamento dos patriarcas. O Senhor Jesus mostrou que, como sempre, os primeiros pensamentos de Deus são também os Seus pensamentos finais, quando, falando sobre o casamento, Ele disse: “Ao princípio não foi assim” (Mt 19:8).

Assim, voltamos para Gn 2:21-25: “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; e da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne. E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam”.

A sugestão de que isto se aplica somente a Adão e Eva, e não a nós hoje em dia, é totalmente inválido. Lemos no v. 24: “Portanto deixará o homem seu pai e mãe, e apegar-se-á à sua mulher e serão ambos uma só carne”. É importante notar a expressão “deixará ... seu pai e mãe”. Podemos perguntar, será que Adão deixou seu pai e mãe? Não! Quando Deus introduziu o matrimônio em Gênesis 2, Ele estava

colocando a base e o padrão, o Seu padrão, para todos os casamentos, para todos os tempos. Concordamos de todo coração com Paul Wilson, que disse: “Se queremos ter pensamentos corretos sobre casamento e divórcio, temos de voltar para o princípio — para o que Deus estabeleceu. Não vamos encontrá-los observando a opinião ou a prática do mundo”.

O ensino de que o casamento é cristão implica sutilmente que Deus tem pouco interesse nos casamentos dos descrentes. Contudo, em I Co 6:9-11 lemos: “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E é o que alguns tem sido ...” Muito obviamente, o apóstolo aqui está se referindo às pessoas descrentes quando ele indica estas características imorais que marcaram os coríntios antes da sua conversão. Porém, o fato dele mencionar, por inspiração, um pecado como adultério prova que Deus considera aquele pecado na vida dos descrentes. Se Ele reconhece adultério, Ele tem de reconhecer também a união do casamento que foi violado pelo pecado do adultério. Em Hb 13:4 lemos também: “Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém, aos que se dão à prostituição, e os adúlteros, Deus os julgará”. Este versículo, novamente, se refere aos “adúlteros” e destaca que Deus julgará tais pessoas. Como poderia Deus justamente julgar pessoas por algo que Ele não reconhece?

Talvez seja necessário definir “adultério”. Esta palavra é usada pela primeira vez em Êx 20:14, e ocorre trinta e uma vezes no VT. Geralmente é traduzida “adultério” (dezessete vezes), adúltero (oito vezes), adúltera (quatro vezes), mas há uma referência onde seu significado é explicado: “E julgar-te-ei como **mulheres que quebram o vínculo matrimonial**” (Ez 16:38*). Assim, adultério é definido por Deus como “quebrar o vínculo matrimonial”. Isto não significa que a união matrimonial foi destruída, mas que a pessoa foi infiel àquela união e teve um relacionamento com outra pessoa.

Precisamos enfatizar que Deus reconhece todos os matrimônios, e espera, sim, exige, o padrão estabelecido no Éden, isto é, de um homem e uma mulher. Isto desqualifica a prática da poligamia, a homossexualidade, a bestialidade e qualquer tipo de perversão. Deus é imutável, como é enfatizado nas seguintes citações bíblicas: “Deus não é homem para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa; porventura diria ele, e não faria? Ou falaria, e não o confirmaria?” (Nm 23:19); “Porque eu, o Senhor, não mudo” (Ml 3:6); “Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança

* O autor aqui se refere à Bíblia Inglesa na versão K. James, onde Ez 16:38 diz “And I will judge thee, as women that break wedlock”, que é traduzido literalmente no texto acima. (N. do T.)

nem sombra de variação” (Tg 1:17); “O conselho do Senhor permanece para sempre; os intentos do seu coração de geração em geração”(Sl 33:11); “Para sempre, ó Senhor, a tua palavra permanece no céu” (Sl 119:89). Se nos atrevemos a mudar um decreto de Deus, então por que não mudar outros também para satisfazer os nossos desejos ou os da sociedade em que vivemos?

A essência do matrimônio

Talvez a pergunta mais importante a ser respondida e que salienta o ponto crucial deste assunto, é “quando, realmente, ocorre o casamento?”

Uma só carne

Muitos expositores sugerem que o casamento ocorre quando as relações sexuais se iniciam e a união é consumada. Este pensamento é baseado na sua compreensão da expressão “uma só carne”.

Num folheto (onde, na opinião do presente autor, este assunto é argumentado de uma maneira muito fraca) O. L. McLeod, explicando a frase “ambos serão uma só carne”, afirma o seguinte: “Agora, considere como em I Co 6:16 esta frase é usada em relação ao homem tendo relações com uma meretriz. Se eu entendo as Escrituras corretamente, isso indica que, perante Deus, o homem, tendo relações com a meretriz é uma só carne com ela, praticamente como se fosse casado com ela. Todos nós sabemos que não é a cerimônia legal que une o homem e a mulher, mas a união sexual.” Em nossa opinião, afirmamos que por causa desta má compreensão, Deus está sendo difamado, Sua verdade mal representada e Seu povo mal informado.

Isso mostra uma falta de cuidado na leitura e na explicação, porque não é assim que está escrito. Para entender esta passagem, é essencial que façamos uma diferença entre “um corpo” e “uma só carne”.

Em outra publicação, onde o escritor trata a união matrimonial de uma maneira muito leviana (ao ponto de considerar que crueldade, embriaguez, encarceramento por toda a vida, ou fraqueza mental, são razões para o divórcio), ele afirma: “No casamento o marido e a mulher consumam o casamento e assim se tornam um, e esta uma só carne é algo que é de Deus”. Esta afirmação se contradiz a si mesmo, pois reconhece que o casal era marido e mulher antes da consumação, no entanto foi esta mesma consumação que os fez um!

Outro ainda afirma que “em toda a Escritura os casados são vistos como uma só carne, o que claramente se refere ao relacionamento físico, portanto a idéia de um casamento não consumado é estranho às suas páginas”.

Mesmo uma leitura superficial de Gênesis 2 mostrará que estas afirmações não estão corretas. É em Gênesis 2 que Eva é formada e trazida a Adão, e antes de qualquer consumação ela é chamada de sua mulher (v. 25). Não há menção de consumação deste casamento até Gn 4:1, onde lemos: “E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu, e deu à luz Caim, e disse: Alcancei do Senhor um homem”. Ela era, obviamente, sua mulher antes que ele “a conheceu”. Se alguém pensa que isto é argumentar tendo como base o estado da inocência, que não tem relação nenhuma com a sociedade moderna, note a ordem nas seguintes Escrituras:

Gn 24:67: “E Isaque trouxe-a para a tenda de sua mãe Sara, e tomou a Rebeca, e foi-se por mulher, e amou-a. Assim Isaque foi consolado depois da morte de sua mãe”. Rt 4:13: “Assim tomou Boaz a Rute, e ela lhe foi por mulher; e ele a possuiu, e o Senhor lhe fez conceber, e deu à luz um filho”.

Estas citações deixam claro que o casamento ocorreu antes da consumação.

I Coríntios 6

Enfatizamos novamente que a correta compreensão da frase “uma só carne” é a chave para entender estas passagens. A Escritura que esclarece isto é I Co 6:15-17.

Este capítulo tem duas divisões:

- i) vs. 1-11, onde o assunto é a divisão, enfatizando o meu relacionamento com meu irmão.
- ii) vs. 12-20, onde o assunto é fornicção, enfatizando minha responsabilidade com meu corpo.

Em cada uma das divisões há muitas perguntas, mas em cada uma encontramos a frase “Não sabeis” três vezes.

Na primeira parte, estas perguntas se referem ao futuro, indicado pela palavra “hão” ou “havemos”:

- i) “Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?” (v. 2);
- ii) “Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos?” (v. 3);
- iii) “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus?” (v. 9).

Isto é, a minha conduta deve combinar com a minha posição futura.

Na segunda parte, nos vs. 12-20, as perguntas se referem ao presente, indicado pelas palavras “são”, “faz-se”, e “é”:

- i) “Não sabeis vós que vossos corpos são membros de Cristo?” (v. 15);

- ii) “Ou não sabeis que o que se ajunta com meretriz, faz-se um corpo com ela?” (v. 16);
- iii) “Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo?” (v. 19).

Isto é, **a minha conduta deve combinar com o meu privilégio presente.**

No v. 15 chegamos ao primeiro “não sabeis” desta segunda parte, e para enfatizar a natureza detestável da permissividade sexual, Paulo pergunta: “Tomarei, pois, os membros de Cristo, e fá-los-ei membros de uma meretriz?” Ele considera esta pergunta tão repugnante que ele rapidamente acrescenta, “Não, por certo”.

O segundo “não sabeis” está no v. 16, onde ele pergunta, aparentemente com alguma incredulidade: “Não sabeis que o que se ajunta com meretriz, faz-se um corpo com ela? Porque serão, disse, dois numa só carne”. Por que ele usa estas duas expressões diferentes “um corpo” e “uma carne”? Ele indica que a união com a meretriz é somente uma união física, e para aqueles poucos momentos dois corpos foram fisicamente unidos e, portanto, se tornaram “um corpo”. Isso está em contraste com o elevado e sublime ideal de “uma carne” que ocorre somente no casamento. A citação de Gn 2:24 é para condenar, e não desculpar, a prostituição.

Ele não pode citar Gênesis 2 sobre “um corpo”, pois nada é escrito ali sobre “um corpo”. Nem pode dizer que a união com a meretriz é “uma carne”, pois esta expressão apenas é usada para descrever o vínculo permanente do casamento. Assim ele faz diferença entre os dois. Devemos notar que a palavra “porque”, no v. 16, é parte da citação de Gênesis 2, e não está explicando “um corpo”. É o contraste entre as duas expressões que está sendo enfatizada.

Qual é, então, a diferença entre as duas expressões? “Um corpo” é apenas uma rápida união física, que ocorre durante o ato sexual. Em contraste, “uma carne” é a união de um homem e uma mulher em casamento, união esta que é formada por Deus e desfeita somente pela morte ou pela volta do Senhor para buscar o Seu povo. Assim lemos: “Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mt 19:6). Se esta união é a consumação, em que sentido seria Deus quem os ajuntou?

Veja também Ef 5:31-32: “Por isso deixará o homem seu pai e mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da sua igreja”. Não há nenhum mistério sobre o assunto da união sexual! O relacionamento de “uma carne” é o resultado de um homem tomando, e se unindo a uma mulher e esta união sendo ratificada no céu. A linguagem de Gn 5:2 é instrutiva: “Homem e mulher os criou; e os abençoou e chamou seu nome Adão, no dia em que foram criados”. Não diz que Ele os chamou Adão e Eva, mas desde a criação eles foram “uma carne” e assim o seu nome era “Adão”.

As duas expressões: “Deus ajuntou” e “grande é este mistério”, precisam ser compreendidas com clareza no contexto do casamento. Quando duas pessoas se prometem uma a outra, Deus misteriosamente ratifica esta promessa no céu e os ajunta para que se tornem uma só carne. Isso significa que são um em perspectiva e ambição, e não mais duas pessoas separadas, mas uma só. A linguagem do Senhor Jesus Cristo, em Mt 19:5-6 enfatizou Gn 2:24: “... Porque, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne, Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”. A frase “Assim não são mais dois, mas uma só carne” é pertinente. A linguagem de Ef 5:28-29 é muito terna: “... assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne, antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja”. Vejamos também como a frase “quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne”, é importante. Estas frases indicam que a união é tão íntima que estes dois indivíduos foram feitos uma pessoa. Lembramos também que na criação eram um, pois Adão afirmou: “Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne ...” (Gn 2:23). É por causa desta união que a intimidade sexual é permitida. Tal intimidade fora do matrimônio é pecado. A associação de marido e mulher é tão íntima que Moisés escreveu: “A nudez da mulher de teu irmão não descobrirás; é a nudez do teu irmão” (Lv 18:16), e também em Lv. 20:21: “E quando um homem tomar a mulher do seu irmão, imundícia é; a nudez de seu irmão descobriu ...” Assim, a violação da mulher é comparada a uma união homossexual e incestuosa.

Esta união no relacionamento de “uma carne” acontece em cada casamento, seja num cartório, num salão de reuniões, num templo, numa capela, ao ar livre, ou onde quer que a cultura das pessoas permita que um casamento seja realizado. Não faz diferença se o casal é salvo ou não. Deus reconhece todos os casamentos porque, como já vimos, esta ordenança de matrimônio é criacionista*. Agora, como resultado desta união de “uma carne”, o relacionamento mais íntimo é permitido. Sem isto é o relacionamento de “um corpo” é pecado — é o mesmo que ser unido fisicamente com uma meretriz.

Este relacionamento somente pode ser desfeito pela morte, quer sejam salvos ou não. Deve estar claro a todos que seguiram este raciocínio que, como um ato físico não constitui um casamento, um ato físico também não pode desfazê-lo.

Podemos definir o momento quando ocorre o casamento da seguinte maneira: “Um marido e uma esposa se tornam um perante Deus quando o casamento é realizado de acordo com as leis do país; é um laço que não tem igual no mundo”. Esta

* Veja o cap. 2 deste livro.

diferença entre “um corpo” e “uma carne” é mencionada por muitos outros. Vamos incluir algumas citações:

“Sendo que I Co 6:16 descreve a união com a meretriz como ‘um corpo’ e não ‘uma carne’, a união matrimonial tem de ser algo mais que somente físico, embora isto esteja incluído”.

“Alguns erroneamente dizem que adultério desfaz o casamento porque um novo casamento se fez. Mas, biblicamente, isto não é verdade. Também, alguns dizem que o casamento já foi desfêito perante Deus, no caso do adultério. Mas este tipo de linguagem (e o raciocínio por traz dele) não tem apoio bíblico. A idéia de que o casamento começa na lua de mel, quando começam as relações sexuais, e não quando os votos são feitos, é totalmente estranha às Escrituras ... Relações sexuais, em si, não constituem, e não desfazem um casamento”.

“No casamento eles não são mais dois, mas somente um. Limitar a frase ‘os dois serão uma só carne’ ao relacionamento sexual, é uma má compreensão da frase ... Há uma união para toda a vida terrestre; o marido e a esposa compartilham uma só vida.”

“Gênesis 2 não está dizendo que além de serem dois indivíduos, agora são também um só. Está dizendo que no nível mais fundamental, depois do casamento, eles não são mais dois.”

“Embora a união sexual certamente faça parte do casamento, por si só não faz o casamento. O homem e a mulher têm o direito de se unirem sexualmente por terem já se unido como marido e mulher.”

“Por favor, vamos observar que o homem e a mulher se tornam indissolúvelmente uma carne, não no momento da consumação, mas no momento em que o homem toma a sua esposa em casamento ... Adão e a mulher eram, sem dúvida, uma carne no jardim do Éden antes de qualquer filho nascer. Quando um homem toma uma esposa Deus os une (Mt 19), e isto é restrito ao laço matrimonial. É isto que sanciona a associação mais íntima de marido e esposa e a limita a este relacionamento singular de ‘uma só carne’.”

“É importante saber por certo quando um casamento ocorre aos olhos de Deus. Com Adão e Eva foi quando Deus apresentou Eva a Adão, e Adão disse: Agora esta é osso dos meus ossos e carne da minha carne. Então Adão foi chamado ‘seu marido’ (Gn 3:6), e Eva ‘sua mulher’ (Gn 3:17, 20). Isto foi apesar do fato do casamento não ser consumado até o cap. 4 ... Portanto, o argumento que o casamento somente é verdadeiro aos olhos de Deus quando é consumado é totalmente inválido.”

Isso significa que porque um homem e uma mulher são “uma só carne”, a intimidade sexual é permitida. Esta intimidade fora do casamento é “um corpo”, e é pecado. De fato, é a mesma coisa que ter relações com uma prostituta (I Co 6:16).

A expressão original em Mt 19:5, conforme a margem da Bíblia Newberry, tem a preposição grega ‘*eis*’, permitindo que a frase seja lida: “tornando-se os dois em uma só carne”. Alguns têm usado esta referência marginal para provar que o relacionamento de “uma só carne” acontece algum tempo depois da cerimônia do casamento, no momento da consumação. Contudo, depois de tudo que já consideramos, chegar a esta conclusão baseado numa referência marginal é um alicerce muito fraco!

A resposta a esta aparente confusão é que as palavras em Mt 19:5 são uma tradução de Gn 2:24, onde esta palavra que é traduzida “*eis*” aparece na sua forma hebraica. Se pudermos achar outro versículo do VT, citado no NT, onde esta mesma palavra aparece, seria muito útil para compreender melhor o seu significado. Felizmente, há outro versículo semelhante em Is 8:14: “Então ele vos será por santuário.” Claramente, isto se refere ao Senhor Jesus Cristo.

Se nós interpretamos isto da mesma maneira que alguns querem fazer com a expressão semelhante em Mt 19:5, então teremos que aceitar que houve um tempo depois da Sua encarnação quando Ele se tornou um santuário. Ninguém que é espiritual aceitaria este pensamento blasfemo. Cristo não se tornou o santuário de Deus, Ele sempre foi. Assim, vemos que esta expressão não olha para a frente, mas para trás, para o momento do Seu nascimento quando Ele, como Homem, foi o santuário de Deus. Isto torna a expressão em Mt 19:5 bem clara: “e serão dois numa só carne” olha para trás, para os votos matrimoniais feitos na cerimônia de casamento, e não para a frente, para a consumação.

Será que a infidelidade desfaz este vínculo?

Devido ao fato que alguns procuram tolerar e aceitar o divórcio, eles ensinam que é a união física que cria o casamento, e assim uma nova união física desfaz esta união. Sua linha de pensamento é a seguinte:

- i) O ato sexual = uma só carne
- ii) Casamento = uma só carne
- iii) Assim, o ato sexual = casamento.

Se isso for verdade então não existe o pecado de fornicção que, no contexto de homem e mulher, é a união sexual entre duas pessoas solteiras. Um casal que age desta maneira acabou de se casar! Contudo, note o que diz I Co 7:2: “Mas, por

causa da prostituição [ou fornicação: *pornéia*, no grego], cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha seu próprio marido”. Aqui o casamento e a fornicação são vistos como opostos — de fato, o casamento é visto como um preventivo para a fornicação. Este é o motivo mais baixo e fundamental para se casar; não é uma razão nobre e elevada para se casar, e pode causar dificuldades mais tarde. Por exemplo, pode surgir uma condição física, médica ou mental que impede as relações íntimas do casal. Isso não deve afetar o amor e a relação carinhosa entre marido e esposa. De fato, a enfermidade deve os unir mais, enquanto um ajuda o outro no seu problema, de maneira compreensiva. Seria muito desumano insistir nos direitos conjugais em tais circunstâncias. Lembramos do conselho de Pedro aos maridos: “Igualmente, vós maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra a mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus co-herdeiros, da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações” (I Pe 3:7). Veja também o cap. 6 deste livro, onde I Coríntios 7 é exposto detalhadamente .

O erro de pensar que é o ato físico que constitui o casamento também é demonstrado em Gn 34:1-4: “E saiu Diná, filha de Lia, que esta dera a Jacó, para ver as filhas da terra. E Siquém, filho de Hamor, heveu, príncipe daquela terra, viu-a, e tomou-a, e deitou-se com ela, e humilhou-a. E apegou-se a sua alma com Diná, filha de Jacó, e amou a moça e falou afetuosamente à moça. Falou também Siquém a Hamor, seu pai, dizendo: Toma-me esta moça por mulher”. Claramente, o ato de deitar-se com ela não tornou Diná a sua esposa.

Também, veja o caso de Judá com sua nora Tamar, em Gn 38:13-26. O ato de Judá deitar com Tamar não a tornou sua esposa.

Esta verdade também é ensinada em Êx 22:16-17: “Se alguém enganar alguma virgem, que não for desposada, e se deitar com ela, certamente a dotará e tomará por sua mulher. Se seu pai inteiramente recusar dar-lha, pagará ele em dinheiro conforme ao dote das virgens”. Obviamente eles não eram casados, senão o seu pai não podia recusar dar-lha. Ele tinha que pagar a dote (cinquenta siclos de prata, Dt 22:29) que o pai dela normalmente receberia quando ela se casasse.

Estes três exemplos enfatizam a diferença entre “um corpo”, a união sexual, e “uma carne”, a união matrimonial.

O ensino de que a consumação é necessária para que haja um casamento significa que um eunuco nunca poderia se casar. Já conhecemos o valor da “lei da primeira menção” na interpretação bíblica. A primeira menção de um eunuco é Gn 37:36: “E os midianitas venderam-no no Egito a Potifar, oficial de Faraó, capitão da guarda”. A palavra “oficial” é a mesma palavra “eunuco”. Porém, lemos no cap. 39:7-9: “E aconteceu depois destas coisas que a mulher do seu senhor pôs os olhos em José, e disse: Deita-te comigo ...” Três vezes nestes versículos ela é chamada de

sua mulher — a esposa de um eunuco!

É dito, também, que a prova de qualquer ensino, se é correto ou espiritual, é ver como ele afeta o Senhor Jesus. O ensino que um casamento não é realmente um casamento até que seja consumado significa que o nosso bendito Senhor e Salvador nasceu fora do casamento. Isto logo é ofensivo e repugnante a qualquer mente espiritual. Mt 1:24-25 diz: “E José, despertando do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu a sua mulher; e não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe por nome Jesus”.

Um espírito

Para completar, devemos notar também a terceira união mencionada em I Co 6:17, “um espírito”. Esta é a união indestrutível entre o Senhor e o Seu povo. Visto que espíritos não morrem, esta união não pode ser desfeita. Este versículo começa com “Mas” que serve para enfatizar nossa segurança eterna. Se a união entre marido e esposa fosse espiritual, então até mesmo a morte não a poderia desfazer. Contudo, porque é “uma só carne”, somente a morte, ou a Sua vinda, pode desfazê-la, mas nós, como santos, estamos unidos eternamente ao Senhor na união de “um espírito”.

Existe a permissão para se casar de novo?

As epístolas do NT nos guiam em relação ao rompimento do laço matrimonial, e vemos esta orientação, claramente, em Rm 7:2-3: “Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for de outro marido; mas, morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for de outro marido”. Note também I Co 7:39: “A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo que o seu marido vive, mas, se falecer o seu marido fica livre para casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor”.

Alguns santos amados e piedosos conheceram a terrível experiência de verem seus cônjuges os abandonarem, ou trair-lhes, ou até mesmo obter um divórcio sem o seu consentimento. Estes devem ser tratados com o máximo amor e compaixão, enquanto se adaptam a viver o resto de suas vidas sozinhos. As Escrituras não apoiam, em nenhuma parte, qualquer possibilidade de um novo casamento enquanto o primeiro cônjuge ainda vive.

Alguns dizem que a “parte inocente” está livre para se casar novamente, mas à luz das seguintes Escrituras em Marcos e Lucas, como pode ser assim? Sendo que o Evangelho de Marcos foi escrito para a mente romana, a possibilidade de uma mulher deixar o seu marido é apresentada. Este não era o caso na lei judaica. Também, na seguinte exposição, supõem-se que o cônjuge inocente deixa o culpado.

Marcos 10:11-12: “E Ele lhes disse: Qualquer que deixar a sua mulher [um homem inocente deixa sua mulher culpada]* e casar com outra, adultera contra ela [a parte inocente cometeu adultério contra a parte culpada]. E, se a mulher deixar a seu marido [a mulher inocente deixa seu marido culpado] e casar com outro, adultera” [a parte inocente cometeu adultério].

Lucas 16:18: “Qualquer que deixa sua mulher, [o marido inocente deixa sua mulher culpada] e casa com outra, adultera [ao casar de novo a parte inocente comete adultério]; e qualquer que casa com a repudiada pelo marido, adultera também” [quem se casa com uma mulher divorciada comete adultério].

Não é previsto um novo casamento para a “parte culpada” ou a “parte inocente”. O casamento da “parte inocente” é adultério porque ele, ou ela, ainda está casado com o cônjuge original; e se a “parte culpada” se casar de novo, também é adultério porque ela, ou ele, ainda é o cônjuge dele, ou dela. Para nós não existe exceção. Estas Escrituras, e a assim chamada “clausula de exceção” em Mateus 5 e 19, são consideradas detalhadamente no capítulo 3 deste livro.

O ensino de que a parte inocente está livre para se casar novamente está baseado na premissa falsa de que o adultério desfaz o laço matrimonial — que nunca é ensinado nas Escrituras. Se fosse assim, e a parte inocente perdoasse a parte culpada, então teriam de se casar novamente! Citamos Strauss, que fez uma afirmação muito clara sobre isto: “Eu nunca li um versículo na Bíblia onde Deus aprovasse o divórcio. Pelo contrário, a idéia do divórcio é inteiramente contrária ao plano de casamento como foi instituído por Deus”. Ele também afirma: “Cuidado com os ensinadores e ensinos, sejam da igreja organizada, ou fora dela, que falam sobre ‘razões bíblicas para o divórcio.’” Citamos também Laney, que disse: “O casamento é um relacionamento que liga o casal até a morte. Isso é implícito no conceito de se apegar — sendo “colados” ou ligados num relacionamento de uma só carne. O Senhor Jesus e Paulo ensinaram, explicitamente, que o relacionamento matrimonial somente é desfeito pela morte ... Digo, outra vez, não há base legítima e bíblica para o divórcio ... Se ensinos exatos e precisos sobre divórcio e novo casamento fossem ensinados nas nossas igrejas, haveria menos divórcios entre os salvos”. Rogers também diz: “O Senhor, em nenhum lugar, dá consentimento para o divórcio por causa de adultério ...”.

A legislação atual

Quando consideramos o estado atual da legislação sobre o divórcio, talvez seja necessário um comentário. Digamos que haja um casal em comunhão numa igreja

* Os textos entre colchetes são comentários do autor.

local, e seu casamento entra em dificuldades e uma das partes procura o divórcio. É possível obter-se o divórcio pela insistência de uma só parte. A outra parte talvez não queira, ou nem considere o divórcio como opção. A questão a ser encarada é: “Qual é a situação deste casal em relação à comunhão da igreja?” Se um deles foi infiel sexualmente, então a disciplina tem de ser administrada e a pessoa culpada colocada fora de comunhão. Entretanto, o problema a ser tratado aqui é em relação a um novo casamento. Nenhum dos dois pode casar-se novamente e ainda permanecer em comunhão, ou ser recebido de volta à comunhão. A união de “uma só carne” somente pode ser desfeita pela morte ou pela vinda do Senhor.

Lavados?

Muitos enfatizam I Co 6:9-11: “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos (*pornéia*), nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E é o que alguns têm sido; mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus”, e ensinam que os cristãos em Corinto eram caracterizados pelos pecados mencionados acima, mas pelo poder do Evangelho foram salvos, o seu passado de culpa foi apagado, e agora estavam em comunhão na igreja local. Embora isto seja verdade, de um modo geral, um esclarecimento é necessário.

Em primeiro lugar, devemos observar o que Paulo escreveu: “E é o que alguns têm sido”. Ele não escreveu: “E é o que alguns são”. Isto é, aqueles que tinham sido fornicadores não mais praticavam aquele pecado; aqueles que tinham sido adúlteros não mais praticavam aquele pecado, aqueles que tinham sido efeminados não mais praticavam aquele pecado, etc. O ensino é claro; aqueles que estavam em comunhão na igreja não viviam mais como viviam antes. Houve uma mudança nas suas vidas para que se conformassem com a mensagem que professavam ter recebido. Como se efetuou esta mudança?

A próxima frase diz: “mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados...”. O primeiro verbo (“lavados”) está na voz média (no grego), enquanto que os próximos dois (“santificados” e “justificados”) estão na voz passiva. A voz média significa que o sujeito executou a ação sobre si mesmo (ação reflexiva), ou para seu próprio benefício. Contudo, a voz passiva significa que o sujeito recebe a ação. Assim “vós vos lavastes” (ARA, *apoloúō*) significa que se lavaram a si mesmos. Por causa disto muitos pensam que é uma referência ao seu batismo. Seja como for, o ensino é que eles limpavam as suas vidas de tal forma que os pecados anteriores não eram mais vistos — eles se lavaram a si mesmos destes pecados. O tempo aorista do verbo (no grego) usado aqui mostra que a lavagem foi total.

Alguns concluíram que esta é uma referência à purificação pelo sangue de Cristo quando o pecador recebe a salvação. Esta palavra “lavados” ocorre apenas uma outra vez no NT, em At 22:16: “E agora por que te deténs? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor”. Não há dúvida alguma, Saulo foi salvo na estrada para Damasco. Foi naquela ocasião que ele reconheceu que ele estava errado e que Cristo estava certo, e reconheceu Cristo como Senhor. (Rm 10:9 expressa bem a sua experiência pessoal: “Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”.) Ainda caído na poeira da estrada de Damasco, ele foi comissionado pelo Cristo exaltado, At 26:16-18: “Mas levanta-te e põe-te sobre teus pés, porque ti apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; Livrando-te deste povo, e dos gentios, a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim”. O Senhor nunca comissionou um pecador ao Seu serviço, portanto fica claro que Saulo já era salvo neste ponto. Assim, depois da sua salvação, ele foi ordenado: “Levanta-te e batiza-te, e lava os teus pecados ...” Esta seria uma proclamação pública de que ele tinha abandonado a sua antiga vida, tinha morrido com Cristo, tinha mudado e estava andando em novidade de vida (Romanos 6). Assim, a lavagem vem depois da salvação — é algo pela qual a pessoa é responsável, indicando uma mudança de vida, que acompanha uma verdadeira conversão a Deus. Esta mudança é por causa da apreciação que o salvo tem de tudo que Deus fez por ele, e está incluído nas palavras “santificados” e “justificados”.

Portanto, o significado desta palavra “lavado” é a lavagem de separação, e não a lavagem de salvação.

As afirmações estão na ordem inversa à experiência cristã. Nossa experiência de salvação começou com a justificação, mas a ordem aqui enfatiza que todos aqueles em comunhão na igreja tinham se livrado dos grilhões e manchas do pecado das suas vidas anteriores. Obviamente, ninguém pode se santificar ou justificar, no sentido de I Co 6:11. Estas coisas pertencem somente a Deus, mas é a responsabilidade de todo aquele que profere o nome de Cristo apartar-se da iniquidade (II Tm 2:19).

A lista que temos nos vs. 9-10 não pode ser classificada em termos de gravidade, permitindo a recepção do bêbado, mas recusando aquele que continua a ser devasso. O sentido dos versículos ensina que a pessoa a ser recebida na comunhão precisa ter-se lavado destes pecados.

Mais especificamente, no contexto desta publicação, precisamos mencionar que a pessoa solteira que vivia na devassidão sexual antes de ser salva, e assim era

fornicador, cessou desta prática. Uma pessoa casada que, por exemplo, tinha relacionamentos extra-maritais, e portanto era adúltera, deixou aquela vida. Qualquer relacionamento sexual que uma pessoa casada tem com alguém que não é seu cônjuge, enquanto o cônjuge vive, é considerado adultério. Isto significa que a pessoa que continua com um relacionamento como esse não pode ser recebida na comunhão da igreja. Essa pessoa precisa abandonar este tipo de vida. Seria totalmente ilógico se pessoas vivendo em pecado fossem recebidas, e ao mesmo tempo alguém em comunhão que cometesse um pecado de adultério semelhante fosse cortado da comunhão.

Estas afirmações não impedem um novo casamento se o primeiro cônjuge já morreu.

Resumo

O resultado horrível do divórcio e novo casamento sendo aceito numa igreja local pode ser resumido da seguinte maneira:

- i) Rouba Deus da Sua pureza.
- ii) Rouba Cristo da Sua glória.
- iii) Rouba o Espírito Santo da Sua infalibilidade.
- iv) Rouba a Palavra da sua autoridade.
- v) Rouba a igreja local da sua santidade.
- vi) Rouba os santos do seu testemunho.
- vii) Rouba a Noiva da sua segurança.

Cap. 6 – Uma exposição sobre o matrimônio em I Coríntios 7

JAMES R. BAKER

A igreja em Corinto tinha escrito uma carta ao apóstolo Paulo, composta de uma série de cinco perguntas. As primeiras duas são sobre questões ligadas ao matrimônio, e este cap. 7 é dedicado às suas respostas. Encontramos as outras perguntas em 8:1; 12:1 e 16:1. Elas se referem a vários assuntos, e o apóstolo as responde detalhadamente.

Pergunta 1

“Ora, quanto às coisas que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher” (7:1). A resposta de Paulo é dada nos vs. 1-24.

Introdução (vs. 1-2)

A primeira pergunta é sobre a prudência e a necessidade, ou não, do casamento. A expressão “tocasse” refere-se ao casamento. Com efeito, eles estavam sugerindo que seria mais fácil servir a Deus se fossem solteiros, portanto, seria melhor não casar. Alguns pensam que o assunto deste capítulo todo é sobre “casar ou não casar”. Bruce interpreta os vs. 1 e 2 da seguinte maneira: “Alguns de vocês dizem que seria uma coisa boa para o homem não ter nada a ver com uma mulher. É verdade, mas mesmo se for somente por causa das uniões ilícitas que aconteceriam se as relações entre os sexos fossem deixadas desreguladas, cada homem tenha a sua própria mulher e cada mulher seu próprio marido”. Esta versão, embora um tanto livre, certamente expressa bem o sentido da primeira pergunta e sua resposta. O domínio próprio é enfatizado, e é afirmado que embora o celibato possa ser a vontade de Deus para alguns, não é a Sua vontade para todos. No v. 2, “prostituição” (*porneia*) está no plural (no grego), indicando as várias formas de impureza que podem tentar aqueles que não são casados. O casamento foi ordenado e iniciado para o homem, por Deus, e “venerado seja entre todos” (Hb 13:4). A resposta à sugestão deles agora é ampliada, enquanto três assuntos são tratados. Vamos considerá-los separadamente.

A questão da continência (vs. 3-9).

Ou, deve existir o celibato, ou mesmo o domínio próprio, no casamento?

Esta parte começa nos vs. 3 e 4 com o assunto da responsabilidade conjugal mútua entre um homem e sua esposa. Abrange o que deve ser a atitude normal sobre as relações físicas íntimas do casal nesta união. Aqui não há nenhum ênfase sobre a

autoridade do homem ou o controle sobre sua mulher. Cada um é visto como tendo um dever igual para com o outro, e tendo um direito que lhe é devido do outro. Um não deve defraudar o outro em tais coisas. Nos vs. 5 e 6, o assunto paralelo das relações interrompidas com consentimento mútuo é tratado, porque sempre temos que lembrar que o relacionamento matrimonial dos salvos é também um relacionamento espiritual. Assim, se a necessidade para oração e jejum surgir, então, depois de conversarem, um acordo pode ser feito entre o casal. Tal acordo deve incluir um tempo específico de abstinência das intimidades físicas normais, depois do qual os dois se ajuntarão novamente (v. 5). Tais fatos, sendo bem entendidos, evitam que o acordo seja uma ferramenta nas mãos de Satanás. Devemos notar que as palavras “Digo, porém, isto como que por permissão e não por mandamento” (v. 6), não dão motivo para pensarmos que Paulo não estava inspirado quando escreveu os versículos anteriores. O fato de estarem na epístola é prova inegável da sua inspiração.

Os vs. 7-9 terminam esta parte com a importância do entendimento geral e reconhecimento por todos de que cada caso, em tais assuntos, é único e individual. O apóstolo tinha certeza quanto à sua posição pessoal. Ele estava persuadido disto, e ele desejava que todos pudessem servir ao Senhor da mesma forma, mas suas palavras “porque queria que todos os homens fossem como eu mesmo; mas cada um tem de Deus seu próprio dom, um de uma maneira e outro de outra”, deixam bem claro que ele reconhecia que os que já eram casados estavam na sua posição e chamada pelo dom pessoal que receberam de Deus. Seu conselho aos solteiros e viúvos, “que lhes é bom se ficarem como eu, mas se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se” (vs. 8-9), é para os que estavam numa posição igual a dele. Ele sabia que alguns deles podiam viver a vida de abstinência que ele vivia, mas nem todos. Alguns poderiam ser apanhados pela tentação, e para eles seria melhor estar dentro da segurança moral do casamento. Aqui, vemos a sabedoria que é necessária antes de julgarmos os outros.

A questão da constância (vs. 10-16).

Ou, será que o divórcio é uma opção viável para os salvos, seja com um cônjuge convertido ou não convertido? Tendo dado conselho apostólico, na parte anterior, o escritor, com suas palavras “todavia, aos casados mando, não eu, mas o Senhor” (v. 10), está consciente de que o que ele vai dizer é parte do mandamento do Senhor; isto é, ele sabe, através do relato dos escritores dos Evangelhos, que o Senhor Jesus tinha falado esta verdade nos Seus discursos aos discípulos e aos fariseus (Mc 10:11-12, Lc 16:18). Constância, ou a continuidade do casamento, é o tema principal do ensino dado aqui pelo Senhor. O serviço para Deus nunca deve destruir esta constância, nem ser o motivo para interrompê-la. Em nossos dias, e no clima moral existente, este ensino é vital, e precisa ser ensinado ao povo de Deus.

No primeiro conselho, nos vs. 10-11, temos dois salvos que são casados. Uma situação triste é prevista, onde a irmã casada sente que deve se separar do seu marido. A resposta bíblica, dada no v. 10, é bem clara, “a mulher não se aparte do marido”; não é a vontade de Deus que tal separação ocorra.

Mas, o apóstolo também reconhece que pode haver circunstâncias onde, apesar deste conselho, a esposa ainda vai deixar seu marido, e, para ajudar neste caso, mais conselho é dado; ela tem de permanecer não casada, ou se reconciliar com o seu marido. Não existe alternativa, as únicas opções são estas.

Às vezes a pergunta é feita: “será que a palavra ‘apartar’ usada nestes versículos significa uma separação legal?” Pela consideração anterior, podemos concluir que o ensino, e a linguagem empregada, exclui totalmente esta idéia. Os versículos estão enfatizando, de maneira clara e simples, a indissolubilidade do matrimônio, e estão ensinando que, se problemas entre cônjuges salvos têm causado o triste e não recomendável passo de separação, então a situação deve ser resolvida o mais rápido possível. Esta separação não desfz o vínculo matrimonial, de forma alguma, pois as palavras “mulher” e “marido” são sempre usadas. Na última parte do v. 11 temos a primeira referência no capítulo ao divórcio, e a afirmação categorica que ele não deve ocorrer. O mandamento aqui é para o homem, ele não pode “deixar”, isto é, divorciar, sua esposa. Fica evidente pela linguagem usada nos vs. 10-11 que se refere a um marido e uma mulher salvos.

O resto deste trecho, do v. 12 em diante, é diferente, porque casamentos entre salvos e descrentes estão sendo considerados. Em primeiro lugar devemos notar que enquanto a Bíblia toda fala contra o jugo desigual, esta situação frequentemente surgia, e ainda pode surgir, quando a salvação chega à família e somente um cônjuge é salvo. O lar em que Timóteo foi criado provavelmente era assim (veja At 16:1). O ensino inspirado do apóstolo é muito claro, afirmando que este problema certamente não é motivo para divórcio, e assim temos o segundo conselho, nos vs. 12-17, ao cônjuge salvo. Em primeiro lugar é o marido salvo que é considerado, no v. 12, e depois a esposa salva, no v. 13. Em cada caso há um conselho firme: para o homem, “não a deixe”, e para a mulher, “não o deixe”. Bruce, no seu comentário, usa a palavra “divórcio” apenas três vezes neste capítulo todo. Estas referências estão nos vs. 11, 12 e 13, e em cada caso a frase que ele usa é “não pode divorciar-se”. O tema deste capítulo, no seu contexto, não é o divórcio, e quando é mencionado nestes poucos versículos, a ordem clara dada é para não divorciar. Portanto, fica muito claro que é a constinuidade do casamento que é ensinada nesta parte.

Os vs. 14-16 contêm mais conselhos e ensinamentos para aqueles que estão num lar dividido, espiritualmente. O apóstolo aqui está encorajando o marido salvo, ou a mulher salva, quanto à sua posição individual. Santificação tem muitos aspectos, no

NT, e o aspecto tratado aqui é frequentemente chamado de “santificação relativa”. Não é que a presença do cônjuge salvo traz a santificação da salvação para o outro. Antes, mostra como Deus considera o jugo matrimonial de uma maneira especial por causa da influência da presença do salvo. O relacionamento normal da vida conjugal do marido e mulher pode continuar, e os filhos também são santificados no mesmo sentido. O v. 15 reconhece que sempre haverá o cônjuge descrente que deixará aquele que foi salvo. O salvo já foi encorajado a não fazer tal coisa, mas se o descrente o faz, o cônjuge deixado deve ficar passivo, “aparte-se”.

A próxima afirmação tem gerado muita discussão: “porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz” (v 15). Isso é considerado por muitos como uma base legítima para o divórcio e possível novo casamento. É ensinado também que, se o descrente insiste no divórcio, o salvo não pode negar o pedido, e os dois ficam livres para se casarem de novo. Tal interpretação não observa bem o contexto e entende, no v. 15, algo que não está nele. Devemos notar que a escravidão mencionada aqui não é a mesma que encontramos no final do capítulo. Aqui a palavra empregada é a palavra comum para um escravo (*douloô*). Esta palavra nunca é usada nas Escrituras para matrimônio, e é muito diferente do verbo *deô* que é usado no v. 39, onde significa “estar ligado”.

A liberdade da servidão, mencionada no v. 15, não se aplica ao suposto direito de um novo casamento, mas à continuidade da vida cristã normal do salvo. Ele, ou ela, se torna livre e tranquilo para adorar e servir ao Senhor, sem as constantes dificuldades no lar causadas pelas exigências impróprias, e talvez, pela oposição do descrente. O comentário de Barnes sobre a expressão “aparte-se” neste versículo é útil: “Você não pode o evitar, portanto deve se submeter à situação com paciência, e suportá-la como salvo”. Também, seu comentário sobre “o irmão, ou irmã não está ...”, é: “Muitos têm deduzido que isto significa que eles estariam em liberdade para casar-se de novo, quando o descrente for embora. Mas isto vai contra a força do argumento do apóstolo. O significado da expressão ‘não está sujeito à servidão’ é que, se eles impetuosamente se separaram, aquele que fica não tem mais a responsabilidade de sustentar aquele que saiu, ou fazer algo que possa ser prejudicial à sua fé ao tentar obrigar ou forçar aquele que quer sair a ficar contra a sua vontade. Antes, está em liberdade para viver separado, e deve aceitar que é certo fazer isto”. Também, sobre a expressão “Deus chamou-nos para a paz”, Barnes escreve: “A religião é pacífica e evita contendas e brigas. Isto deve ser um princípio fundamental. Se isso não pode ser obtido vivendo juntos, deve haver uma separação pacífica; e onde tal separação acontecer, aquele que saiu deve poder viver separado em paz”. Assim, o apóstolo nos relembra que fomos chamados a, ou em, paz.

As palavras que seguem são também muito importantes para a compreensão

do contexto aqui. “Porque de onde sabes ...” (v. 16). Qual seria o motivo destas palavras se o ensino da passagem é sobre a possibilidade de desfazer o vínculo matrimonial? Pelo contrário, o apóstolo aqui está confirmando a possibilidade de que aquele que saiu ainda seja abençoado com a salvação, e o resultado será uma reconciliação e harmonia matrimonial em Cristo. O trecho todo, dos vs. 10-16, está enfatizando a importância da perpetuidade do casamento.

A questão do contentamento (vs. 17-24).

Ou, será que um novo convertido deve deixar o cônjuge descrente? As afirmações finais da sessão anterior expressam o desejo pela salvação do cônjuge descrente. Obviamente, o salvo não pode salvar o outro. A referência é sobre uma vida piedosa e exemplar, acompanhada de muita oração. Mas será necessário um tempo de espera para que esta salvação aconteça. É aqui que entra a necessidade de uma vida pacífica, com contentamento. Os caminhos soberanos de Deus, na vida individual, às vezes trazem circunstâncias que exigem disciplina e o reconhecimento de que Deus está no controle. A verdade do v. 17 não é facilmente aprendida. A salvação muda a vida da pessoa salva, mas não muda as circunstâncias da vida em que esta pessoa se encontra no tempo da sua conversão. Agora, vários exemplos são acrescentados. Antes de considerarmos estes exemplos, devemos notar que Deus está no controle de tudo, e quer que nós aceitemos nossas circunstâncias como vindas dEle mesmo.

Nos vs. 18-20, os exemplos provam que alguns já eram circuncidados antes da sua salvação. Estes foram salvos do mundo do judaísmo. Outros não eram circuncidados e estes foram salvos do mundo dos gentios. O apóstolo aqui está mostrando que o passado não pode, nem deve, ser mudado. Ele também mostra que a posição no judaísmo não tem valor no presente dia da graça. Nos vs. 21-23, a mesma coisa é agora ilustrada para aqueles que, no tempo da sua conversão, eram escravos, enquanto outros eram livres. Se surgisse a oportunidade para o escravo se tornar livre, então ela deveria ser aproveitada, mas o aspecto principal da liberdade e do serviço agora pertence à esfera espiritual, não à física. A lição principal é viver submisso a, e satisfeito com, as circunstâncias nas quais Deus nos permite estar. O v. 24 termina esta parte com a exortação para vivermos perante Deus no lugar que Ele escolheu para nós.

Antes de deixar esta parte, devemos notar o perigo de entender mal este conselho. Isso não se aplica a comportamento moral. Se, antes da conversão, alguém tinha sido, durante muitos anos, ladrão, ele precisava mudar o comportamento da sua vida, desde o momento quando nasceu de Deus. O mesmo apóstolo escreveu: “Aquele que furtava, não furtar mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade” (Ef 4:28). Alguns

contradizem isto usando as palavras de Paulo em I Co 6:11: “E é o que alguns têm sido”. Podemos facilmente ver que não diz: “E é o que alguns são”. O comportamento dos coríntios tinha mudado depois da conversão, como sempre precisa acontecer.

Pergunta 2

“Ora, quanto às virgens ... é bom para o homem o estar assim” (vs. 25-26).

Introdução (v. 25)

A segunda pergunta é sobre virgens, e inicialmente trata especificamente daqueles que tinham se entregado voluntariamente à vida de celibato. Como o apóstolo desenvolveu a primeira pergunta detalhadamente, agora ele considera este assunto com muitos detalhes também. Talvez seja importante repetir que, quando possível, ele faz referência aos mandamentos do Senhor Jesus sobre o assunto tratado. Contudo, a ausência destas referências não nega, de modo algum, a inspiração que é o alicerce de cada parte das Escrituras. Precisamos notar que a palavra “virgem”, nas Escrituras, se refere tanto a homens como a mulheres. Vemos isso com clareza em Apocalipse, onde lemos dos 144.000 remidos da terra: “Estes são os que não estão contaminados com mulheres; porque são virgens ... Estes são os que dentre os homens foram comprados” (14:4). Aqui, no nosso trecho, o apóstolo usa a palavra para descrever homens e também mulheres, e sabemos a quem a expressão se refere pelo contexto imediato. Devemos acrescentar que no VT mais que uma palavra hebraica é usada para “virgem”, mas no NT a mesma palavra grega é sempre empregada. Neste capítulo esta palavra é usada cinco vezes, diretamente, e na primeira referência (v. 25) parece referir-se a ambos os sexos. No v. 26 a palavra é usada indistintamente, e se refere ao homem.

Muitas sugestões (com opiniões opostas) tem sido feitas ao longo dos anos sobre a identidade destes virgens. Contudo, há boas e firmes razões para considerá-los como sendo os pares comprometidos durante o tempo de desposado (noivado), pelas seguintes razões:

- i) Em outras partes do NT a palavra “virgem” frequentemente é usada para descrever uma moça desposada (Lc 1:27; Mt 1:18, 23; 25: 1-13; II Co 11:2).
- ii) O caráter judaico do Evangelho de Mateus enfatiza a distinção entre o período de desposado e o tempo quando o marido tomaria sua noiva da casa do seu pai. Mas o relacionamento entre José e Maria é simplesmente descrito por Lucas como “desposado”. Isso porque ele estava escrevendo a um grego.
- iii) Os vários usos da palavra “mulher” devem ser diferenciados no relato de

Mateus, lembrando da seriedade com que o “desposado” era visto na sociedade judaica.

Assim, o apóstolo está dando conselho inspirado a homens e mulheres que são virgens desposados. Devemos notar que este desposado era especificamente um costume hebraico, mas não era restrito aos judeus, pois esta epístola foi dirigida a uma igreja localizada no mundo gentio. Nós sabemos que havia muitos na igreja em Corinto que tinham uma forte ligação judaica (At 18:4, 7-8). A pergunta que estes casais fizeram a Paulo estava relacionada ao seu dever de cumprir, ou não, o seu compromisso matrimonial, por causa da presente necessidade. Em resposta, o apóstolo novamente enfatiza o valor de ficar livre da responsabilidade matrimonial para servir melhor ao Senhor, sem dizer que o casamento impossibilita este serviço. A resposta à pergunta agora é ampliada, nos vs. 26-37, dando três vantagens ao celibato.

O celibato e a necessidade presente (vs. 26-28)

Não fica totalmente claro o significado da frase “a instante necessidade”, no v. 26. Certamente já existia muita perseguição e tribulação na obra do Senhor naquele tempo. Também, sabemos que não muitos anos depois disto, aconteceu o grande cerco de Jerusalém, por Tito e seu exército. Também, Paulo sabia que sua própria vida de serviço era um caminho de constante tribulação física. À luz destes fatos, ele desejava ficar o mais livre possível para servir ao Senhor, enquanto as oportunidades ainda existiam. Tais fatos provavelmente são a explicação correta pela urgência que ele expressa aqui. Liberdade total para servir era vital, e isto influenciava o conselho que ele dava aos outros sobre o casamento.

As exortações dos vs. 27-28 (“Estás ligado a mulher? não busques separar-te. Estás livre de mulher? não busques mulher”) precisam ser vistas com este mesmo pano de fundo em mente. Citamos o comentário de Alford sobre este versículo: “Estás livre de mulher” não indica que houve um casamento anterior, mas descreve todos que não estão ligados pelo laço matrimonial, quer tivessem sido casados, ou não”. J. N. Darby, na sua tradução do versículo, diz: “Tu estás ligado a uma mulher? Não procures ser desligado dela. Tu estás livre de mulher? Não procures uma esposa”. Também, Barnes comenta: “a frase ‘tu estás livre de mulher?’ deve ser traduzida: ‘Tu estás solteiro?’ Não indica, necessariamente, que a pessoa tenha sido casada antes, embora possa incluir isso, e se referir àqueles que foram separados da sua esposa pela morte. Não há qualquer necessidade de supor que Paulo se refere à pessoas que tinham divorciado suas esposas”.

Na consideração destas citações, precisamos enfatizar, novamente, que Paulo aqui está respondendo a uma pergunta feita por pessoas (virgens) desposadas e não

casadas ainda. Ele não está recapitulando assuntos já tratados nos versículos anteriores. Alguns têm insistido que, porque a palavra “*deō*” aqui é a mesma usada na ilustração empregada em Rm 7:2, o vínculo, nos dois casos, tem que ser o matrimonial. Contudo, a regra segura em toda a interpretação é sempre guardar em mente o contexto. Romanos 7 trata, obviamente, do caso de uma mulher casada, mas aqui o contexto é sobre um casal desposado. Tal linguagem é adequada quando lembramos que a moça desposada é chamada de “mulher” (esposa) em Mt 1:20. A expressão “separar-te” é uma só palavra no grego. Sua força não é necessariamente passiva, e poderia significar “não procures desligamento” (*lúsis*). O versículo não nos informa sobre como este desligamento deve acontecer. A palavra em si não é usada mais no NT grego, nem na Septuaginta, para indicar divórcio. Além disso, este versículo é uma proibição. A ordem negativa é “não busques separar-te” (ou “busques não *lúsis*”). Portanto, fica claro que tal frase não pode ser usada como licença para o divórcio. Devemos notar também que antes, neste capítulo, quando o escritor fez menção do divórcio, o verbo que ele usou não foi *úigō* ou *apoliō*, mas *aphiēmi*. Isto, em si, torna suspeita qualquer sugestão de que ele esta falando sobre divórcio, e confirma que não há nenhuma razão gramatical na passagem para interpretá-la como sendo divórcio.

Alguns têm afirmado que a expressão “livre de mulher” permite o divórcio, mas já vimos que não existe o pensamento de divórcio nesta parte do capítulo, e nenhuma indicação de como tal separação poderia ser realizada. Se significasse o divórcio (por exemplo, um homem divorciando sua esposa), precisaríamos de mais evidência no contexto antes de podermos ensinar tal conclusão, e não encontramos esta evidência no NT nem na Septuaginta. O argumento mais forte contra o ensino que o possível divórcio é sugerido aqui é que, como já observamos, o contexto trata de pessoas ainda não casadas (veja v. 25). As únicas referências ao divórcio, neste capítulo, são para desencorajar o seu uso. Assim, o alvo principal da exortação é dar prioridade ao avanço da obra de Deus, à luz da possibilidade de vir um tempo de tribulação sobre eles. A informação dada no v. 28 apóia ainda mais o fato de que é a virgindade dos noivos que está em vista neste trecho.

O celibato e a volta futura de Cristo (vs. 29-31)

O apóstolo Paulo, nos seus escritos, enfatiza muitas vezes a brevidade de tempo que nos resta para servir ao Senhor. Foi a ele que a verdade do arrebatamento iminente foi revelada, e portanto não lhe era uma mera teoria, e também não deve ser para nós. A importância do devido respeito mútuo no casamento já foi mencionado, mas aqui o fato da iminência da vinda de Cristo deve regular até isso. No v. 30 as tristezas, alegrias e também os nossos recursos financeiros devem ser sujeitos a este grande fato da volta do Senhor. No v. 31, o mundo e seus caminhos também

devem ser mantidos nesta perspectiva.

O celibato e a ordem espiritual das nossas vidas (vs. 32-38)

Esta seção geral termina aqui com um resumo e aplicação do valor da condição de liberdade na vida daqueles que não têm compromissos com outros. Paulo respondeu à pergunta de uma maneira ordenada e sensata. Ele deseja ardentemente que os salvos tivessem o mínimo de ansiedade nas suas vidas, pois isto poderia desviá-los da Obra, tão importante a Paulo no seu serviço devotado a Deus. Nos vs. 32-35, ele enfatiza isto e fala da diferença entre uma esposa e uma virgem, isto é, uma mulher solteira. Os fatos são claros, embora o apóstolo reconhece aqui, como em outros lugares, que o matrimônio é de Deus, e tem a Sua aprovação. Sua ambição principal é que o Senhor e Seus interesses sejam sempre servidos.

Nos vs. 36-38 há uma referência a um homem e sua virgem. Várias opiniões têm sido sugeridas sobre o significado correto desta situação. Parece correto ao escritor considerar isto como uma continuação contextual do tema que vem sendo considerado desde v. 25. Em vez de um comportamento indigno, o casal desposado há muito tempo deve se casar. Contudo, se este tempo de desposado pudesse ser prolongado com o devido controle, isto serviria melhor às prioridades apresentadas neste capítulo, e assim os interesses de Deus seriam melhor servidos. Porém, se houvesse dúvida, seria melhor casar, mesmo sabendo que haveria circunstâncias físicas difíceis de enfrentar.

Compromisso (vs. 39-40)

Em conclusão, estes dois versículos enfatizam tanto o compromisso como a continuidade do estado matrimonial. O vínculo, estabelecido pelo casamento, somente pode ser desfeito pela morte. Durante a vida este vínculo continua, perante Deus, qualquer que seja a circunstância; a união é formada por Deus e somente pode ser desfeita por Ele. A liberdade para um novo casamento, depois da morte do marido, é restrita a um novo marido que esteja “no Senhor”. O versículo final enfatiza a liberdade que a morte trouxe, e com ela a oportunidade de permanecer livre e usar mais tempo em servir ao Senhor. Isso não é obrigatório, mas é recomendado e merece uma consideração cuidadosa.

Cap. 7 — O padrão supremo do casamento aplicado à Igreja (Ef 5)

JAMES V. PATTERSON

Introdução

O ápice da revelação divina sobre o casamento é encontrado em Efésios 5. Com percepção profunda, Paulo revela doutrina baseada na verdade fundamental relacionada a Gn 2:24: “Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne”. Efésios 5 é o monte alto do qual podemos avistar todos os aspectos do vínculo matrimonial. Ninguém que tenha compreendido a importância da doutrina estabelecida aqui pode, honestamente, justificar o divórcio, nem pensar em tomar outra esposa enquanto a primeira ainda vive. Alguns ensinam que a figura usada aqui não deve ser enfatizada demais, pois a morte danifica a figura, assim como o divórcio. Contudo, este não é um ensino sadio. Enquanto todos os casamentos são desfeitos pela morte, o vínculo entre Cristo e a Igreja não pode ser desfeito, porque nem uma das partes pode morrer. Na maioria dos casos onde ocorre o divórcio, embora não em todos, a razão principal é para facilitar um novo casamento. À luz de Efésios 5, isto rebaixa a majestade da expressão do matrimônio entre Cristo e a Igreja. Aqueles que rejeitam a continuidade do casamento por toda a vida negam na sua vida que Cristo e a Igreja são a expressão ideal do matrimônio, que estava no coração e mente de Deus mesmo antes da fundação do mundo. Uma apreciação desta verdade e das consequências práticas que isto exige dos casados, evitará o divórcio e o pecado de um novo casamento.

Von Allmen observa: “Ninguém pode arrepender-se do seu casamento, no sentido bíblico de arrependimento. Ninguém pode pedir perdão a Deus pelo que Ele próprio fez. Portanto, o casamento não está, de forma alguma, no nível de fornicação ou adultério, mas no nível santificado onde a vontade original de Deus é restaurada, e onde, por antecipação, a Sua vontade final já encontra o seu campo de ação dentro da igreja”. Ele acrescenta: “Temos visto que a união entre Jesus Cristo, o único Senhor, e Sua noiva, a única igreja, é o verdadeiro fundamento teológico da monogamia cristã. Esta união também é a razão profunda pela indissolubilidade do laço conjugal. Os casais cristãos não podem livrar-se um do outro, mas precisam ficar — e ficam — inseparavelmente unidos, porque Jesus Cristo nunca virá outra vez em toda humildade para Se dar, por meio de uma nova cruz, a uma nova Igreja. O que o apóstolo escreveu em Efésios 5 perderia todo o seu sentido se a união do casal cristão fosse dissolúvel. A idéia de unir pessoas divorciadas, cujos cônjuges ainda vivem, em nome de Deus, nunca teria ocorrido na mente do apóstolo, porque é tão

contrário a todo o seu ensino sobre o casamento. Tal ato tornaria Deus o autor de um adultério”. Os escritores deste livro concordam com esta opinião, e muitas outras citações poderiam ser dadas para apoiar nossa convicção.

Em termos gerais, a carta aos Efésios pode ser dividida em duas partes: os capítulos sobre posição e propósito (1-3), e os capítulos práticos (4-6). Podemos dizer que das alturas dos lugares celestiais, na primeira parte da carta, nós descemos para viver tudo isto no nível da planície, no nosso andar diário. Devemos ser na prática o que somos por nome; em condição, o que somos em posição. Seis vezes o filho de Deus é lembrado de como ele andava no passado, e instruído sobre como deve andar agora como cristão (veja 2:10; 4:1, 17; 5:2, 8, 15).

O leitor talvez poderia indagar se o andar cristão tem qualquer coisa a ver com o casamento. O andar do cristão deve demonstrar Cristo na união matrimonial. Se as virtudes de Cristo não são vistas neste vínculo, onde então serão achadas? O que está errado na sociedade de hoje onde tantos casamentos estão sendo desfeitos? Quando o divórcio é contemplado, onde está o amor que foi prometido no dia do casamento? Que afronta à comunidade cristã, que testemunho ao mundo, quando os votos feitos na presença de Deus e de testemunhas são arrastados através da sordez da amargura! Quão sério é a infidelidade para com a esposa da sua aliança, a mulher da sua mocidade (Mt 2:15).

O tempo de namoro deve ser usado para averiguar a compatibilidade mútua. Realmente, tempo deve ser gasto para se conhecer um ao outro, orando juntos e vendo desabrochar o amor um para com o outro. A compatibilidade para o casamento é descoberta durante o período de namoro e noivado. Este tempo deve ser conservado no padrão moral mais elevado, enquanto a mente de Deus é buscada. Hoje em dia, talvez, os casais estão se precipitando, e frequentemente eles se casam somente por causa de atração física. Muitas vezes não dão tempo suficiente para o desenvolvimento do verdadeiro amor e compreensão, tão necessários antes de se assumir um casamento com maturidade.

O contexto do matrimônio em Efésios 5

Que padrão elevado é exigido de nós nos vs. 1-2: “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados”. Que grande dívida de amor nós temos! Quem pode negar este grande amor de Cristo para conosco, e este sacrifício tão aceitável a Deus? Mas, nos vs. 3-4 há seis pecados que devemos evitar, e que nem devem ser mencionados entre nós, “como convém a santos”.

Estes pecados imorais mencionados no v. 3 (prostituição, impureza e avareza) eram praticados, descaradamente, no mundo ao redor de Éfeso, tanto no mundo religioso como no social; e hoje são também praticados no mundo em que nós

vivemos. Estas palavras repugnantes descrevem um tipo de amor pervertido, em contraste total com o amor sacrificial de Cristo. O que temos neste contexto é a sensualidade em toda a sua variedade repulsiva, em contraste com o verdadeiro amor. A sensualidade afeta as ações (v. 3) e também a fala (v. 4). As ações podem ser expressas na forma de “prostituição” (fornicação), que inclui todas as formas de pecado sexual ilícito; na impureza ou obscenidade, e na cobiça ou avareza. Também, a sensualidade frequentemente é revelada nas “torpezas”, que significa as palavras obscenas que geralmente conduzem à conduta vergonhosa. Também em “parvoíces”, que é a linguagem frívola dos insensatos, e em “chocarrices”, aquele humor grosseiro com seu duplo sentido.

Temos de notar cuidadosamente o que o v. 5 diz: “Porque bem sabeis isto: que nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus”. O apóstolo aqui está lembrando os santos de uma verdade que já sabiam. Por que ele faz isso? Sentimos que esta passagem é muito solene e que não deve ser tratada superficialmente, porque traz ensino moral que precisava ser enfatizado naqueles dias em Éfeso, e também precisa ser enfatizado hoje.

Alguns usam o v. 5 para apoiar o divórcio e novo casamento, ensinando que se o novo casamento produz adultério perpétuo, como ensinado neste livro, então tais pessoas perderam a sua salvação, porque aqui diz que nenhum adúltero tem herança no reino de Deus. Mas isto é ensino falso ao extremo. Nenhum salvo pode perder a sua salvação, ou a “salvação eterna” não seria mais “eterna”. O que as Escrituras ensinam aqui, e o que é ensinado neste livro, é que quando uma pessoa crê em Cristo deve haver uma mudança na sua vida. O homem que deixa sua esposa e comete adultério, vivendo com outra mulher, e depois é salvo, deve no mínimo, sendo salvo, terminar esta associação pecaminosa. Talvez não seja sempre possível reconciliar-se com sua legítima esposa. Talvez ele tenha filhos com a outra mulher, e ficará responsável para sustentar tanto a ela e aos filhos, mas continuar vivendo juntos, que era errado antes de ser salvo, não pode ser certo agora que ele é salvo.

Hoje existem muitos tipos de problemas complicados relacionados com isso, e assim grande cuidado, e muita oração, são necessários da parte dos anciãos da igreja ao tomar decisões nestes casos. Contudo, não podemos permitir que os nossos corações nos governem acima das Escrituras, por sentirmos compaixão por muitos nesta situação. Temos sempre de lembrar da santidade da casa de Deus e da preservação do Seu povo. II Pe 3:17 nos lembra: “... guardai-vos de que, pelo engano de homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza”. É possível cair da firmeza, mas graças ao Senhor, nunca podemos cair da nossa salvação.

Se a verdade de Deus, em relação ao matrimônio e à santidade da vida do salvo, são apresentadas às pessoas envolvidas e elas continuam a viver em pecado, então

a pergunta a ser respondida não é: “Será que perderam a sua salvação?” mas: “Será que realmente foram salvas?”

Para entender a força desta parte das Escrituras, temos de examinar detalhadamente os requisitos morais exigidos por Deus dos santos, indicados pelas palavras do v. 3: “... como convém a santos”. Devemos notar que a palavra de Deus nunca, em qualquer tempo ou maneira, permite qualquer forma de vida imoral, ou qualquer tipo de associação imoral. Aqueles que seguem este tipo de vida são chamados “filhos da desobediência” (v. 6). Embora seja a prática do mundo ao nosso redor, somos ordenados: “... não sejais seus companheiros” (v. 7). Éramos trevas, mas agora, como filhos da luz, temos de andar na luz (v. 8). Isto mostra a mudança de vida que ocorreu naqueles que foram libertados do reino das trevas. Será que esta mudança é vista nas nossas vidas? Estamos andando em amor, luz e sabedoria?

É óbvio que adúlteros salvos têm de mudar suas vidas e separar-se de associações impuras, e pelo seu batismo declarar a todos que deixaram o pecado. “Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” (Rm 6:1-2). Isso é bastante claro, e deve ser aceito sem disputa por todos os que querem seguir a Cristo.

Perguntamos, será que a salvação traz uma mudança de vida? Com certeza traz. Ninguém pode negar isso, e não é difícil encontrar confirmações na Bíblia. Em todos os casos de conversão na Bíblia, a evidência desta mudança é impressionante, como Efésios 5 está ensinando. Aquele que era o beerrão e dominado pelo álcool em Ef 5:18, agora é instruído a ser cheio do Espírito Santo — uma mudança notável; o ladrão de 4:28 recebe instrução para não furtar mais, e se nós aplicássemos os conselhos dados em 4:31-32 à esfera doméstica, não haveria problemas na vida matrimonial.

Qual a mudança esperada naqueles que são divorciados e que se casaram de novo e que estão vivendo em adultério? O que devem fazer agora, como salvos? A salvação não tira a sua condição pecaminosa, se ficarem juntos. É o casal mesmo que tem de remover este pecado. Todos que confessam a Cristo devem segui-Lo. Como pode o adúltero seguir a Cristo e ficar numa associação sexual ilícita, tendo abandonado seu primeiro cônjuge e talvez até os seus filhos? O que diria o povo da comunidade em que esta pessoa é conhecida, se ela começar a distribuir folhetos, ou estiver presente numa pregação ao ar livre? Será que tal pessoa, sem mudar a sua vida, deve pedir o batismo? Nunca poderia ser correto para o testemunho, e muito menos para a comunhão da igreja de Deus. O Senhor disse: “... os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz” (Lc 16:8). Como isso é verdade! Eles conhecem os padrões que aqueles que confessam ser salvos de-

vem ter, especialmente aqueles que se reúnem ao nome do Senhor. Em I Co 5:1 vemos como o pecado moral é sempre um assunto de muita fofoca, e assim, devemos entender as exigências do mundo sobre o testemunho da igreja local. Disto vemos como é necessário sempre considerar qual será o efeito do pecado moral e matrimonial sobre o testemunho local na comunidade, ou cidade.

Infelizmente, esta consideração nem sempre existe, e isto causa grande tristeza na igreja local, que precisa tratar do problema que está acontecendo no seu meio. O propósito deste livro é ajudar igrejas locais com estes problemas. Não deve haver interferência de irmãos de fora, mas os anciãos locais são responsáveis para guiar aquela igreja nestes assuntos. Lamentavelmente, muitos falham neste ponto. Paulo teve que perguntar aos coríntios: “Sois porventura indignos de julgar as coisas mínimas?” (I Co 6:2).

Será que devemos realmente acreditar que a salvação anula o primeiro casamento de alguém, e que assim é cancelada a sua obrigação para com seu primeiro cônjuge, e que agora, por causa da salvação, Deus reconhece o novo parceiro como cônjuge legítimo? Concordamos que a salvação cancela o pecado, mas será que o primeiro casamento era pecado? Aqueles que ensinam coisas diferentes precisam responder estas perguntas, e há muitas outras:

- i) Como, quando e onde, estes novos convertidos devem começar a andar no caminho cristão em obediência à Palavra de Deus?
- ii) Como eles vão mostrar que houve uma mudança nas suas vidas desde que vieram a conhecer o Salvador?
- iii) Como eles irão começar a testemunhar a outros que conhecem a sua vida passada, e talvez conhecem o sofrimento que causaram ao primeiro cônjuge?

É aqui que muitos têm falhado; eles não tem levado em conta a importância do testemunho perante o mundo, diante do qual somos chamados a testemunhar. Às vezes temos recebido pessoas que professam ser salvas, temos batizado e recebido na comunhão alguns cujas vidas e associações impuras não lhes dão o direito moral nem de distribuir um folheto! Este é o triste resultado de negligenciar o valor do testemunho da igreja, e querer agradar aqueles que não têm o desejo de fazer mudanças nas suas vidas, para poderem recomendar o Evangelho e dar poder ao testemunho evangélico. Alguns se mudam para lugares onde não são conhecidos, mas isto, em princípio, não altera nada. Como os apóstolos, o nosso testemunho deve começar em (nossa) “Jerusalém”.

A epístola aos Efésios nos lembra do nosso passado, em 2:1-3, e do que éramos, e nos alerta enfaticamente sobre o que agora devemos ser como aqueles que receberam vida. A epístola enfatiza muito como devemos andar. Será que temos

considerado, seriamente, os assuntos matrimoniais e morais no contexto do nosso testemunho na comunidade? Será que rebaixamos o padrão para acomodar amigos e parentes, ou para atrair mais membros? Qualquer que seja a razão, sejam amigos ou parentes, é muito errado agir desta maneira. O testemunho cristão já está fraco sem acrescentar à comunhão aqueles que não podem andar na verdade porque suas vidas não recomendam o Evangelho. Nunca devemos esquecer que há a possibilidade da profissão destes ser falsa, e que nunca foram salvos. Terrível é este pensamento, mas existe a possibilidade de alguns procurarem os benefícios da salvação sem estarem preparados a abandonar os seus pecados. É muito possível para uma pessoa ser convertida a um estilo de vida, mas não ser convertida, em verdadeiro arrependimento, a Cristo. Podemos estar encorajando isso se falharmos em observar o seu progresso espiritual. Podemos falhar por não falar com eles e aconselhá-los, especialmente se houve problemas de pecado matrimonial. “A religião pura e imaculada para com Deus, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo” (Tg 1:27).

No cap. 5 deste livro aprendemos claramente o que os coríntios fizeram para manifestar logo a sua salvação, pois Paulo disse a eles em I Co 6:11: “E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados”. O tempo do verbo “lavado” (voz média no grego) indica que lavaram-se a si mesmos. Em outras palavras, eles mesmos mudaram seus costumes e sua vida, até mesmo em relação ao adultério, e esta mudança foi demonstrada publicamente no seu batismo. Este é basicamente o ensino do cap. 5 de Efésios, com sua ênfase no andar do salvo. O ensino dado sobre a conduta moral e matrimonial também é visto em relação ao exemplo supremo dado sobre Cristo e a igreja.

Em Efésios 5 nós vamos ver as exigências elevadas e inflexíveis colocadas sobre aqueles que são responsáveis por manter seu vínculo matrimonial, e este é o propósito principal desta publicação. Todos que ensinam a palavra de Deus reconhecem que as estatísticas em relação ao divórcio e novo casamento são muito tristes. Devemos nos perguntar: será que nosso ministério está dando a orientação correta e divina àqueles que se encontram apanhados pela terrível correnteza de casamentos em ruínas? Será que temos dado respostas claras quanto à fidelidade matrimonial, ao amor na esfera doméstica, como ensinado nesta passagem, à fidelidade aos votos feitos no dia do casamento, à consideração do vínculo indissolúvel da união matrimonial, a não ser pela morte, ou pela vinda do Senhor? Não, infelizmente o ensino tem produzido confusão, enquanto se tenta acomodar aqueles que se divorciam e se casam de novo; neste final da dispensação, isso parece ser quase irreversível. Quase, eu disse, mas graças a Deus podemos mudar os maus efeitos do ensino fraco e novamente levantar bem alto o padrão que elevará o caráter das vidas cristãs neste mundo tenebroso de pecado. O padrão santo sobre aquilo que Deus instituiu no

princípio pode novamente ser afirmado e defendido, contra todos os que ensinam diferentemente. Ao assim fazermos, não seremos participantes com eles, mas manteremos a nossa separação do mundo, nestas práticas. Como podemos fazer isto? Os versículos seguintes dão a resposta para todos os que estão preparados a seguir os padrões elevados ensinados nesta passagem.

Podemos ver neste capítulo as exigências do verdadeiro amor, aplicadas ao vínculo matrimonial. Não é sem razão que encontramos o ensino sobre o casamento nesta seção prática, porque nada exige tanto na nossa vida e testemunho como o amor.

O cap. 5 trata de relacionamentos e pode ser dividido da seguinte maneira:

- i) Relacionamento com o mundo..... vs. 1-14
- ii) Relacionamento um com o outro..... vs. 15-21
- iii) Relacionamento de esposas com maridos..... vs. 22-24
- iv) Relacionamento de maridos com esposas..... vs. 25-33
- v) Relacionamento de Cristo com a igreja vs. 25-33

Nosso assunto presente é considerado especificamente nos versículos 22-33.

O relacionamento de esposas com maridos (5:22-24)

Estes versículos são um decreto divino, e não como alguns dizem hoje em dia, “meramente o ensino de Paulo”. A autoridade do varão é ensinada em muitas Escrituras, e certamente é vista desde o princípio em Gn 3:16: “... e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”. Nenhuma verdade mais elevada pode ser declarada para apoiar a autoridade vista no homem e reconhecida essencialmente no Senhor. Isso é básico na compreensão de Efésios 5, tanto sobre o vínculo matrimonial quanto sobre o supremo exemplo dos relacionamentos entre Cristo e a igreja.

“As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor” (v. 22, ARA) requer a submissão da esposa em reconhecimento da sua autoridade e liderança. A frase “a seus próprios maridos” é necessária para honrar o Senhor. A palavra “próprios” identifica o marido que pertence a ela (a esposa). Desde quando ele pertence a ela? Desde o momento quando fizeram aliança perante Deus e as testemunhas presentes, eles se tornaram um, isto é, “uma só carne”. Eles se tornaram um naquele momento em que fizeram a sua promessa, não na cama matrimonial, isto é, não na consumação. A aliança foi feita “perante Deus”, indicando que foi notada no céu, por Deus, o Ouvinte silencioso dos votos declarados na Sua presença. O que isto pode significar para nós? O fato é que foi Deus quem os ajuntou, e agora eles pertencem um ao outro. O marido não cessa de pertencer à sua esposa não importa

o que ele fizer, e vice-versa. O vínculo santo foi estabelecido e somente a morte, ou a vinda do Senhor para buscar a Sua igreja, pode desfazê-lo.

“... como ao Senhor” é uma lembrança ao leitor de que o Senhorio do Senhor é reconhecido pela sujeição e submissão da mulher ao seu marido. Ela age em submissão, como ao Senhor, pois é a Sua Palavra que requer isso.

Encontramos o exemplo perfeito para o marido no v. 23: “Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo Ele próprio o salvador do corpo”. O marido é a cabeça da esposa, responsável pela liderança e autoridade. Direção e cuidado estão investidos no homem. A esposa submissa reconhecerá isto. Devemos notar a frase “sendo Ele próprio”. Cristo é o Cabeça da igreja, Ele dirige e cuida. Seu amor, continuamente, a alimenta e a trata com carinho. Ele é o Salvador do corpo. Ele é o preservador e protetor da Sua igreja. Que exemplo para o marido!

Temos a conclusão, no v. 24: “De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas aos seus maridos”. Aqui está o exemplo para as esposas. Não poderíamos contemplar a Igreja como não sendo submissa a Cristo. Ela O ama e O espera e está voluntariamente sujeita a Ele; de fato, Ele é o seu Amado. “Assim também as mulheres sejam em tudo ...” O padrão certamente é alto, mas que exemplo para a esposa!

O relacionamento de maridos com esposas (vs. 25-33)

Vemos no v. 25 como o amor é exigido do marido: “Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela”. Aqui temos o exemplo supremo da união matrimonial. A Igreja é o exemplo para as esposas, no v. 24, e Cristo é o exemplo para os maridos, no v. 25. Notamos como este amor de Cristo foi expresso à Igreja. Ele estava pronto a Se entregar a si mesmo por ela. Quão linda esta demonstração do Seu amor! Este é o conceito mais sublime do relacionamento matrimonial jamais escrito. Paulo nos diz que é um grande mistério. Os exemplos da Igreja, para as esposas, e do próprio Cristo, para os maridos, são de fato padrões muito elevados, e são direcionados aos casados. Agora Paulo continua mostrando o que estava incluído no dar da Sua vida, e os grandes benefícios que este sacrifício trouxe à Igreja. Se os casados se esforçassem para manifestar estas características do relacionamento entre marido e esposa, exemplificadas na Igreja a Cristo e Cristo à Igreja, que determinação isto lhes daria para ficarem juntos e vencerem juntos todas as muitas tribulações e tentações que se apresentam ao verdadeiro vínculo matrimonial. Hoje em dia o sagrado vínculo matrimonial é o alvo de Satanás e suas hostes infernais. As forças do inferno atacarão esta instituição divina, pois ela reflete o amor e a harmonia entre Cristo e a Igreja.

O motivo pelo qual Cristo se deu a si mesmo pela Igreja é “para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra” (v. 26). Esta santificação tonaria a Igreja santa e separada, e esta purificação livrá-la-ia de toda a poluição e corrupção. O tempo do verbo no original mostra que Cristo já fez isso, uma vez por todas. Ele fez isto “com a lavagem da água, pela palavra” — isto é, nós entramos no valor do que Ele fez quando cremos na Palavra do Evangelho que ouvimos.

O propósito divino disso é apresentado: “para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (v. 27). O verbo “apresentar” significa que a Igreja ficará ao lado de Cristo. Ela aparecerá como:

- i) Uma igreja gloriosa — honrada e vestida de branco;
- ii) Sem mácula — sem mancha ou poluição;
- iii) Sem ruga — sem os efeitos de idade ou preocupação;
- iv) Santa — sagrada e pura;
- v) Irrepreensível — sem culpa ou vergonha.

A noiva deve toda a sua glória a Cristo, e no Seu dia nupcial Ele a apresentará a Si mesmo (veja Ap 19:7-9).

A conclusão incontestável é dada no v. 28: “Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo”. Temos de perguntar: será que é isso que está acontecendo nos casamentos de hoje? Será que há uma compreensão da verdade ensinada aqui, e em outras partes das Escrituras? Ou, será que nossos ensinadores têm falhado em comunicar esta mensagem sobre as exigências feitas a ambas as partes? Será que pessoas têm entrado no vínculo matrimonial sem o devido preparo? Será que os exemplos citados aqui não tiveram nenhum efeito nos muitos que se divorciam e até se casam de novo? Esta passagem não permite o divórcio. Não há outra para Cristo, a não ser a Sua amada, a Noiva. Não há outro para a Igreja. Cristo é o seu Amado. Que Deus nos perdoe pela omissão de ensinar e apoiar os elevados padrões necessários para manter o vínculo santo do matrimônio!

A responsabilidade do marido para com sua esposa está detalhada no v. 29: “Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta como também o Senhor a igreja”. Ao amar a sua esposa um marido:

- i) Promove o bem dela pelo seu sacrifício de amor, ao dar-se a si mesmo por ela;
- ii) Preserva-a de perigo ao amá-la, como ao seu próprio corpo;
- iii) Apresenta-a aos amigos, como sua companheira e auxiliadora por toda a vida;

iv) Pastoreia-a nutrindo-a, apreciando-a e suprindo todas as suas necessidades.

Assim, o v. 29 ensina que quando o marido supre as necessidades da sua esposa, ele está nutrindo o “seu próprio corpo”. Isso nos ajuda a entender o que significa ser “membro do Seu [de Cristo] corpo” (v. 30). No v. 31, Paulo cita Gn 2:24: “Por isso deixará o homem seu pai e mãe, e unirá a sua mulher; e serão os dois numa só carne”. O comentário dado por Foulkes nos ajuda aqui: “Agora, finalmente temos a citação de Gn 2:24, que tem influenciado os pensamentos do apóstolo. Esta afirmação tirada da história da criação é a mais profunda e fundamental, em todas as Escrituras, sobre o plano de Deus para o matrimônio. É o supremo baluarte da Igreja contra os argumentos de permitir a continuiade da poligamia nas culturas onde foi encontrada; é o supremo argumento contra a promiscuidade; é a suprema razão contra a possibilidade da Igreja aceitar a dissolução do casamento pelo divórcio”.

O grande mistério “a respeito de Cristo e da igreja” revelou a mente e o propósito de Deus de ter uma noiva para o Seu Filho. Quando Deus formou Eva e trouxe a mulher ao homem, foi um tipo, ou figura, do Seu propósito para Cristo, antes da fundação do mundo, quando Ele disse: “Não é bom que o homem esteja só”. Agora, porque o mistério já foi revelado, nós podemos entender a verdade de que Cristo e a Igreja são uma figura do casamento que estava no plano de Deus desde antes da fundação do mundo.

Quando lemos no v. 33: “assim, também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido”, observamos que em algum ponto pelo caminho perdemos o significado profundo do casamento, e por isso estamos precisando resolver todo tipo de problema matrimonial hoje em dia. Este versículo não precisa de explicação. Os dois cônjuges são responsáveis para agir dentro da esfera dada a cada um deles. Temos de estar preparados para isto, pois precisa haver compreensão mútua e consideração madura, com toda a paciência necessária para demonstrar que os dois têm realmente se tornado um. O amor, se for verdadeiro, suportará qualquer prova no casamento.

Ao chegarmos ao fim do nosso comentário sobre este cap. 5 de Efésios, nossa oração é que os leitores permitam que a luz da Palavra de Deus penetre nos seus corações. Os exemplos aqui em Efésios 5 são dados para nos esclarecer sobre a solidão do vínculo matrimonial, e sobre as responsabilidades dos casados e daqueles contemplando o casamento. O exemplo supremo que Deus nos tem dado neste capítulo é de Cristo e a Igreja, e de como a Igreja se porta em relação a Cristo.

Cap. 8 — A vontade de Deus, a vossa santificação (I Ts 4:1-9)

THOMAS WILSON

Entre as primeiras indicações que temos da seriedade de pecado sexual, está o aviso que Deus deu a Abimeleque, o rei de Gerar, num sonho: “Eis que morto serás por causa da mulher que tomaste; porque ela tem marido” (Gn 20:3). Aquela notícia espantou todo o palácio, pois compartilhavam do pensamento do rei de que o juízo de Deus sobre este pecado poderia destruir, não apenas o seu rei, mas também a nação toda. Parecia que Abimeleque, na linguagem de I Ts 4:6, tinha defraudado Abraão, seu hóspede. Também é notável como Deus discerniu os atos de Abimeleque ao confirmar que o rei tinha agido com integridade de coração quando confiou na palavra de Abraão de que Sara era sua irmã. Sem esta intervenção divina ele teria pecado em ignorância. Fica bem claro que o pecado de defraudar alguém em assuntos sexuais era pecado grave naquele tempo.

Infelizmente, hoje em dia, a estrutura moral da sociedade é tão baixa que o padrão dos dias de Abraão não existe. Apesar da lei de Moisés e do fortalecimento dos seus padrões nos ensinamentos elevados do Senhor em Mt 5:19-48, e enfatizados também pelos apóstolos, o mundo gentio não é mais um mundo onde um Abimeleque reina. Além disso, os santos de todos os tempos têm sucumbido às tentações que José enfrentou, e que humilharam Davi (Gn 39:7-12; II Sm 11:1-5). Em I Ts 4:1-8, Paulo coloca perante os gentios salvos a importância da santificação numa sociedade imoral, uma exigência que os apóstolos e anciãos na assembleia em Jerusalém já tinham explicado aos gentios salvos da idolatria (At 15:20, 29).

Ao apresentar esta verdade sobre a santificação, o apóstolo não faz menção daquelas decisões tomadas em Atos 15, que “pareceram bem ao Espírito Santo e a nós”. Ele indica aqui que o andar cristão é contrário àquele que caracterizava o mundo gentio e também o mundo em que vivemos hoje (v. 5). Ele mostra como o andar cristão na luz de Deus sendo revelado em Cristo está relacionado com:

- i) O prazer de Deus — vs. 1-2
- ii) A vontade de Deus — vs. 3-6
- iii) O chamado de Deus — v. 7
- iv) O dom de Deus — v. 8
- v) O ensino de Deus — v. 9

À luz destes argumentos, como é vergonhoso qualquer tentativa de rebaixar o padrão divino do andar cristão!

O prazer de Deus

Desde os dias de Jô e de Abraão sabemos que Deus achava prazer naqueles que ouviram a Sua voz dizer “anda em minha presença e sê perfeito” (Gn 17:1). Eles não receberam os rogos e exortações apostólicas que os tessalonicenses receberam, e que nós recebemos quando lemos esta carta (v. 1). Sem dúvida, as duas palavras “rogamos” e “exortamos” mostram a intensidade crescente que continua no v. 2, onde achamos a palavra “mandamentos”, e no v. 6 onde achamos os verbos “dizer” (“avisar”, ARA) e “testificar”. A força destas palavras se juntam para enfatizar como agradar ao Senhor não é opcional para aqueles que seguem os passos daquele que sempre fez as coisas que agradaram ao Seu Pai (Jo 8:29). Em nosso caso, agradar ao Senhor significa evitar a vontade dos gentios, que tão frequentemente conduz à lascívia ou à conduta vergonhosa (veja I Pe 4:3).

A vontade de Deus

O mandamento de Paulo tinha sido entregue aos tessalonicenses quando ele estivera entre eles (v. 2). Não foi meramente um conselho que ele deu, mas um mandamento dado pela autoridade do Senhor Jesus Cristo, e ele esperava que fosse repassado de um santo para outro. Eles deveriam ter sabido que o Senhor iria estabelecer-lhes “irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo com todos os Seus santos” (3:13). Assim, como poderiam ficar surpreendidos ao saber que a vontade de Deus para eles era a sua santificação presente (v. 3)? Esta santificação foi explicada, aos leitores, pelo apóstolo em três frases:

- i) “que vos abstenhais da prostituição” (v. 3);
- ii) “que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra” (v. 4);
- iii) “que ninguém oprima ou engane a seu irmão em negócio algum” (v. 6).

A primeira frase é semelhante aos termos da assembléia em Jerusalém (At 15:20, 29). A proibição da prostituição (fornicação) incluiria uma grande variedade de relacionamentos sexuais ilícitos. O contexto não exclui o adultério, o inclui, e também inclui a atividade homossexual. A segunda e terceira frases definem, respectivamente, os limites de conduta em relação a cada santo individual e o seu próprio corpo; e em relação a cada santo e seu irmão.

Um salvo deve dominar seu corpo, não somente no sentido de I Co 9:27: “subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado”. Por razões positivas, e também negativas, ele deve controlar o seu corpo especificamente em relação aos seus desejos sexuais. Positivamente, o seu corpo deve estar ligado com “santificação e honra” (v. 4). Como estes dois substantivos são qualificados por uma única preposição no gre-

go, temos reforçada a verdade de que Deus tem prazer na santidade. Negativamente, viver uma vida dissoluta “na paixão da concupiscência” é viver como os gentios (v. 5). Percebemos quão vergonhoso é este estado pela frase do apóstolo: “que não conhecem a Deus”. Os gentios idólatras serviam a deuses que eram personificações das suas próprias ambições e desejos. Como resultado, a lascívia dos gentios era “incontrolável”, às vezes levando uma sociedade inteira aos juízos de Sodoma e Gomorra (Gn 19), e de Pompéia e Herculano nas encostas do Vesúvio. A ignorância dos gentios produzia uma vida imoral; a revelação divina exige uma vida santa!

O Deus que não tem prazer na morte dos ímpios encontra prazer no Seu povo quando eles mantêm os seus corpos “em santificação e honra”.

No v. 6 outro assunto importante é tratado: “Ninguém oprima ou engane a seu irmão em negócio algum”. O texto original não diz “negócio algum”, mas como diz a ARA: “Nesta matéria, ninguém ofenda, nem defraude a seu irmão”. Paulo está tratando de um só assunto neste trecho. A tradução de J. N. Darby diz: “não prosseguindo além dos direitos e ofendendo seu irmão neste assunto”. Os assuntos do contexto são as relações sexuais e o perigo de ultrapassar os limites na conduta, resultando no pecado de violar os direitos de um irmão. Por exemplo, adultério envolveria a esposa de um irmão e assim violaria os direitos do irmão. Qualquer tipo de prática sexual ilícita está incluída na frase “nesta matéria”. Paulo está claramente advertindo que, onde não há controle próprio do corpo, os relacionamentos afetuosos entre os salvos poderiam abrir a porta para a entrada do pecado, que o Senhor mesmo vingaria (v. 6). O escritor aos hebreus advertiu seus leitores judaicos dizendo: “venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém, aos que se dão à prostituição, e aos adúlteros, Deus os julgará” (Hb 13:4). Paulo, aqui em I Ts 4:6, entrega uma advertência semelhante aos leitores gentios. A vontade de Deus para os santos, quer sejam judeus ou gentios, é a sua santificação.

O chamado de Deus

O Deus que os chamou, quer judeus ou gentios, os chamou à santidade, literalmente “em santificação”. Ninguém podia duvidar do Seu propósito. Talvez por estar escrevendo a gentios Paulo não diz: “e sereis santos, porque eu sou santo” (Lv 11:44), como Pedro fez quando escreveu a judeus (I Pe 1:16). A intenção de Deus não era que eles permanecessem no pecado (Rm 6:1). Ele os tinha chamado “em santificação”. Eles eram fornicadores, idólatras, adúlteros, efeminados, sodomitas, ladrões, avaros, bêbados, roubadores, mas agora tinham sido “lavados ... santificados ... justificados”, agora o “corpo não é para a prostituição, senão para o Senhor, e o Senhor para o corpo” (I Co 6:9-11, 13). Deus os tinha chamado da noite tenebrosa de “dissoluções” para a luz onde um viver santo é praticado (Rm 13:12-14).

O dom de Deus

Neste ponto da sua exortação, o apóstolo apresenta uma afirmação formulada para sondar os corações: “Quem despreza isto não despreza ao homem, mas sim a Deus ...” (v. 8). Aquele que rejeita este ensino tão claro, não é descrito como “um de vós, santos tessalonicenses”, e isto deixa em aberto a pergunta se esta pessoa que deliberadamente escolhe continuar em pecado realmente é nascida de Deus. João acrescentaria: “Qualquer que permanece nele não peca; qualquer que peca não o viu nem o conheceu” (I Jo 3:6). Ao desprezar este ensino, para continuar pecando, a pessoa não está rejeitando um homem qualquer, mas o Deus cujas reivindicações estão sendo desprezadas. Este Deus que está sendo desprezado é o Deus que deu (ou está dando) “Seu Espírito, o Santo” (v. 8, tradução literal). Em I Co 6:19-20, Paulo ensinou que este dom exige condições santas nas quais possa habitar, pois o corpo do salvo é o Seu santuário. Aqui, Ele é o poder para um viver santo, e Ele é também quem constantemente fortalece o salvo contra a impureza. A frase “o Seu Espírito” indica que Ele tem o mesmo caráter do Doador, que nos chama à santidade. Onde há desprezo quanto ao caráter do Doador e do Dom, surge uma dúvida sobre o relacionamento daquela pessoa com Deus.

O ensino de Deus

No v. 9 o apóstolo começa uma nova parte, com a frase apropriada: “Quanto, porém ...” O novo assunto é o amor fraternal. É notável a justaposição desta parte com a parte anterior (vs. 1-8). Lembrando que no v. 6, ele tinha salientado um exemplo de comportamento contrário a amor fraternal, o apóstolo obviamente deseja que seus leitores considerem esta parte à luz da santificação. Aquele que defraudou seu irmão pela sua conduta imoral não demonstrou amor fraternal, e não amou o seu irmão, como fora ensinado pelo Senhor. Aquele que é ensinado por Deus não destrói casamentos.

Resumo

Num mundo que rapidamente está se tornando igual ao mundo dos gentios descrito em passagens como Romanos 1, é importante considerar bem a responsabilidade apostólica colocada perante os novos convertidos em Tessalônica. Em I Tessalonicenses 4 Paulo apresenta razões para apoiar o pensamento que a escolha deliberada de um estilo de vida de flagrante imoralidade, talvez ao ponto de destruir o casamento de outro, é um pecado grave que o próprio Senhor vingará. Pode ser uma indicação de que a profissão de fé desta pessoa é falsa.

Cap. 9 — Submissão e consideração no matrimônio (I Pe 3:1-7)

BRIAN CURRIE

Na sua primeira epístola, Pedro está escrevendo àqueles que estão sob grande pressão e perseguição. Ele sabe que esta perseguição vai piorar e afetar todo aspecto da vida, inclusive a família. Assim, em I Pe 3:1-7 ele trata do relacionamento entre marido e esposa. Este não é o conselho de um novato ou de alguém que nunca se casou. Pedro escreve como homem casado e maduro, quase no final da sua vida, e portanto com grande experiência que serve como base para os seus conselhos. Ele foi também companheiro do Senhor Jesus, e seria correto esperar que seu ensino refletisse o ensino do seu Mestre, a Quem ele serviu com tanta devoção.

I Pe 3:1-7 é o final de uma passagem maior que começa em 2:11, que trata do assunto geral de submissão. Podemos dividir esta passagem da seguinte maneira:

- i) 2:11-12 — A submissão pessoal que gera glória de Deus; para que “glorifiquem a Deus no dia de visitação, pelas boas obras que em vós observem” (v. 12).
- ii) 2:13-17 — A submissão cívica, por causa da vontade de Deus: “Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo o bem, tapeis a boca à ignorância dos homens insensatos” (v. 15).
- iii) 2:18-25 — A submissão ocupacional que é aceitável a Deus: “Mas, se, fazendo o bem sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus” (v. 20).
- iv) 3:1-7 — A submissão matrimonial que é de grande valor diante de Deus: “que é precioso diante de Deus” (v. 4); “da qual vós sois filhas, fazendo o bem” (v. 6).

Neste capítulo, estamos pensando especificamente sobre o trecho em 3:1-7, e estes versículos podem ser considerados da seguinte maneira:

- i) v. 1 — O exemplo esperado da esposa, “sede sujeitas”;
- ii) v. 1 — A explicação, “para que”;
- iii) v. 2 — O exame, “considerando a vossa vida casta, em temor”;
- iv) v. 3 — A extravagância exterior, “o enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura dos vestidos”;
- v) v. 4 — O embelezamento interior, “o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus”;
- vi) vs. 5-6 — O exemplo das Escrituras, “porque assim se adornavam também

antigamente as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam sujeitas aos seus próprios maridos; como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor; da qual vós sois filhas, fazendo o bem, e não temendo nenhum espanto”.

- vii) v. 7 — O exemplo no comportamento do marido, “coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher”.

Esta passagem trata do caso de um homem e uma mulher que se casaram antes dela ser salva. Não há nada aqui, ou em qualquer outra parte das Escrituras, que apoie um jugo desigual. II Co 6:14-18 afirma claramente que um jugo desigual é contrário à vontade de Deus. Embora estes versículos não se aplicam exclusivamente ao matrimônio, o ensino certamente o inclui.

O exemplo esperado da esposa

“Semelhantemente, vós mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos” (v. 1). A palavra “semelhantemente” indica que a sua sujeição deve ser semelhante àquela sujeição que foi solicitada em várias situações, no capítulo anterior. Nesta parte sobre o matrimônio, Pedro começa com a esposa porque ela, sendo salva, precisava deste conselho apostólico. Também, naqueles dias as mulheres tinham poucos direitos, e assim as mulheres salvas precisavam urgentemente destes conselhos sobre a sua posição, depois de terem crido.

Esta sujeição é ao seu “próprio” marido. Ela aceitou este homem como seu “próprio”, e por isto ele tinha o direito de esperar dela um certo padrão de comportamento. Além disso, esta sua apreciação dele como seu próprio marido expressaria a singularidade do relacionamento, e o amor e devoção que deveriam ser evidentes.

A explicação

“Para que também, se alguns não obedeceram à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra” (v. 1). A frase “para que” inicia uma frase explicativa, dando a razão por que deve haver esta submissão. “Sejam ganhos sem palavra”, não quer dizer que serão salvos sem a Palavra de Deus, pois isto contradiz Rm 10:17: “De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus”. A verdade da Palavra de Deus é necessária para a salvação de uma alma. O ensino aqui é que o marido será “ganho” (ou estará pronto) para ouvir o Evangelho e crer em Cristo pelo comportamento da esposa, e não pelas suas palavras. Se ela falar constantemente sobre a sua necessidade de salvação, ele será afugentado do Evangelho. É necessário que ela viva Cristo perante o seu marido, para que possa ganhá-lo.

Alguns talvez pensam que ela deveria deixar o marido descrente e procurar um homem salvo, e assim começar uma nova vida num relacionamento mais agradável

e mais apropriado — afinal, aprendemos que a salvação apaga o passado, portanto o seu relacionamento anterior foi cancelado e ela poderia agir assim. É importante enfatizar que não há nada aqui para apoiar tal idéia; um procedimento como este não é aprovado em nenhuma parte do NT. A posição da mulher nestas circunstâncias já foi considerada em I Co 7:12-16, (no capítulo 6 deste livro), e o ensino de Pedro, aqui, está em perfeita harmonia com o ensino de Paulo naquele capítulo.

O exame

“Considerando a vossa vida casta, em temor” (v. 2). O seu marido observa o seu comportamento no lar, durante um tempo, e ele nota uma grande diferença desde a sua salvação. Os seus modos e costumes antigos mudaram. Talvez a sua maneira áspera de falar foi abrandada, e ela é uma mulher diferente, como afirma II Co 5:17: “Se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”.

Ele nota a sua “vida casta”, porque agora ela manifesta uma vida que é pura, modesta e santa. Ela não se comporta de uma maneira grosseira, vulgar ou mundana, mas com uma modéstia que ela não possuía anteriormente. De fato, agora ela é uma senhora cristã vivendo em sujeição ao seu Senhor e dando prioridade aos Seus mandamentos. Seu marido verá que o seu temor de desagradar ao seu Senhor é maior do que o seu temor do seu marido.

A extravagância exterior

“O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura de vestidos” (v3). Antes, ela se vestia de uma maneira mundana, planejada para agradar seu marido descrente, mas agora a sua modéstia é refletida no seu traje e comportamento.

Pedro enfatiza a importância deste adorno modesto ao dar a ordem “não seja”. Esta frase é um imperativo presente, que significa que é uma ordem apostólica que deve ser obedecida, continuamente. A palavra “enfeite” é *kosmeō* no grego, de onde vem a palavra “cosmético”. Uma mulher cristã não encontra o seu “cosmético” num vidro ou num tubo. Ela tem uma ocupação muito mais elevada do que procurar impressionar homens mundanos com pintura e maquiagem.

O “enfeite exterior” reflete o pensamento interior das mulheres, como Paulo ensina em Rm 12:1-2, onde a conformidade com o mundo revela a falta de renovação da mente. A aparência exterior não deve ser negligenciada, mas deve revelar a beleza de uma vida interior de devoção e sujeição a Deus. Esta devoção será vista em três coisas principais que a mulher salva não deve fazer:

“... no frisado dos cabelos”. A palavra “frisado” significa entrelaçando fios de ouro nos cabelos para aumentar seu brilho e apelo. I Coríntios 11:15 ensina que o cabelo comprido da mulher é a sua glória, e esta glória não precisa de qualquer embelezamento artificial.

“... no uso de jóias de ouro”. A palavra “uso” literalmente significa “colocar em redor” e inclui em redor da cabeça, do pescoço, do braço, do tornozelo, do dedo. Isto mostra que uma irmã espiritual não vai querer usar diademas, colares, pulseiras ... ou anéis de ouro. Este ensino não proíbe o uso de ouro, como a frase seguinte não está proibindo o uso de vestidos. A proibição é usar ouro como ornamentação e vanglória, não por causa de um propósito útil e modesto, como no caso de um relógio ou um anel de noivado ou casamento. Contudo, estes objetos também não devem chamar atenção aos seus donos.

“... na compostura dos vestidos”. Isto significa que ela não vai procurar chamar a atenção dos homens pela sua maneira de se vestir. Nada indecente, ou sensual, ou que provoca pensamentos impuros terá lugar no guarda-roupa de uma irmã espiritual. Tudo isso é superficial, extravagante, e é apenas uma demonstração de mundanismo. O ensino claro é que não devemos vestir-nos como o mundo, para ganhá-lo! Nossa força está na dignidade piedosa e na separação.

O embelezamento interior

“Mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus” (v. 4). A palavra “mas” inicia um contraste forte com o ensino anterior, que foi na sua maior parte negativo. Agora temos o lado positivo: “Mas o homem encoberto no coração”. O ornamento deve ser interior e invisível, mas seu efeito é visto no verdadeiro caráter cristão. O “homem encoberto” é revelado numa esfera que não é corruptível ou passageira. Tudo isso está em contraste com o enfeite exterior e mundano que vai perecer.

A mulher salva demonstrará um “espírito manso”, que indica uma suavidade e bondade de espírito vistas no seu temperamento calmo e seu espírito feliz. Ela não ficará aborrecida por causa das mudanças na moda. Ela se vestirá de uma maneira digna de uma senhora cristã, mesmo se isto significa estar fora de moda. Este “espírito manso” mostra uma semelhança a Cristo: “Sou manso e humilde de coração” (Mt 11:29). “Eis que vosso Rei aí te vem, manso e assentado sobre uma jumenta, e sobre um jumentinho” (Mt 21:5).

Ela não apenas terá um espírito manso, mas também um “espírito quieto”. Isso revela uma tranquilidade que vem do interior, e que não causa transtorno a ninguém. Ela não é o tipo de mulher agressiva, barulhenta e arrogante. Esta mulher e os movimentos feministas teriam muito pouco em comum. Além do nosso versícu-

lo, encontramos esta palavra “quieta” somente em I Tm 2:2: “... para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade”.

É só Deus que pode valorizar este caráter “que é precioso diante de Deus”. Esta avaliação vai muito além da opinião do seu marido ou de qualquer outra pessoa aqui na Terra. Este comportamento é considerado por Deus como de grande valor. A palavra “precioso” significa “de preço altíssimo”, e é usada em Mc 14:3: “... veio uma mulher, que trazia um vaso de alabastro, com unguento de nardo puro, de muito preço, e quebrando o vaso, lho derramou sobre a cabeça”. Também é usada em I Tm 2:9: “Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia não com tranças, ou com ouro ou pérolas, ou vestidos preciosos”.

O exemplo das Escrituras

“Porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam sujeitas aos seus próprios maridos; como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor; da qual vós sois filhas, fazendo o bem, e não temendo nenhum espanto” (vs. 5-6). Alguém poderia argumentar que Pedro esta apresentando algo novo. Será que tal submissão já foi vista em mulheres anteriormente, e é possível praticá-la? Por isso Pedro tira um exemplo do VT que seria apreciado por seus leitores, que eram, na sua maioria, judeus: “... porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres”. Que lição para aprendermos de uma geração passada!

Como podemos saber que aquelas mulheres eram espirituais, e não somente submissas por obrigação? Note a frase: “também ... as santas mulheres”. A palavra “também” mostra que aquelas mulheres fizeram, voluntariamente, o que Pedro esperava que seus leitores fizessem.

Elas se destacavam pela sua fé, porque “esperavam em Deus”. Mulheres salvas não confiarão no conselho sensual de homens mundanos, que dizem que elas devem deixar seus maridos, ou que devem se vestir de uma maneira mundana e sensual, expondo o seu corpo, e que devem usar maquiagem e pintura, cabelos curtos, etc. para chamar a atenção do seu marido descrente. A mulher salva confia em Deus e usa adornos modestos. A frase “se adornavam” significa “embelezar-se”, e é traduzida “ornado”, em Lc 21:5; “se ataviem”, em I Tm 2:9; “ornamento”, em Tt 2:10, e “adereçada”, em Ap 21:2.

Vemos a importância e a necessidade deste assunto pelo fato de tanto Paulo como Pedro serem inspirados a escrever sobre isto. Paulo escreve em I Tm 2:9-10: “Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, mas com boas obras”. A última frase de I Pe 3:5 (“sujeitas aos seus próprios maridos”) indica

claramente que a vaidade exterior é uma negação da verdadeira sujeição.

Até onde foram nesta sujeição? “Como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor” (v. 6). A referência aqui é a Gn 18:12: “Riu-se Sara consigo, dizendo: Terei ainda deleite depois de haver envelhecida, sendo também o meu senhor já velho?” O verbo “obedecia”, no tempo aoristo (no grego) indica que esta foi a sua atitude contínua durante toda a sua vida, e a frase “chamando-lhe senhor” mostra que este era seu costume normal, porque seu estilo de vida era sempre um de submissão.

“... da qual vós sois filhas”. Os leitores desta carta, que na sua maioria eram de descendência judaica, teriam grande apreciação pelos seus antepassados. Agora salvos, eles se tornaram verdadeiros filhos de Abraão, pela fé, e estas irmãs se tornaram também filhas de Sara ao mostrar o seu caráter submisso. Elas deveriam aprender através do erro de Sara, que se surpreendeu com a notícia de que teria um filho e riu, e depois negou que riu. Ela fez isto por medo. Estas irmãs a quem Pedro estava escrevendo deveriam fazer “o bem, não temendo nenhum espanto”.

Assim, apesar de dificuldades no lar, a esposa não é encorajada a deixar o marido descrente ou procurar o divórcio. Logicamente, esta submissão tem um limite, que Pedro explica muito bem em At 5:29: “Porém, respondendo Pedro, e os apóstolos, disseram: Mais importa obedecer a Deus do que aos homens”. Como em todo aspecto da vida, o salvo não pode tomar um caminho que desonra o seu Senhor.

O exemplo no comportamento do marido

Depois de exortar as esposas, Pedro agora exorta os maridos, e o v. 7 começa dizendo: “Igualmente, vós maridos”. Em um só versículo ele trata de tudo que reflete o entendimento e bom comportamento necessários do marido. Este conselho é baseado em duas expressões: “coabitai” e “dando honra”. “Igualmente vós, maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus coherdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações”. A palavra “coabitai” salienta que o marido não é um hóspede que aparece somente nas horas das refeições e na hora de dormir. A esposa é sua melhor companheira e amiga. Este é o ensino de Mt 2:14: “Porque o Senhor foi testemunha entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira, e a mulher da tua aliança”. Quando este companheirismo é negado à mulher, ela pode se tornar independente e criar a sua própria vida, com seus próprios interesses, e isto pode causar tantos conflitos no casamento que ele acaba em ruínas.

O marido pode assumir um comportamento que, no seu entendimento, é um padrão espiritual elevado, e argumentar que ele está ocupado com as coisas do Senhor e por isso tem pouco tempo para sua esposa e família. É verdade que os

interesses do Senhor devem ter prioridade, mas se um marido está tão ocupado que não pode assumir as suas responsabilidades matrimoniais e familiares, então ele está ocupado demais. De fato, Pedro diz que a esposa deve receber grande consideração, e eles devem coabitar “com entendimento”. O marido deve exercitar inteligência espiritual e ficar alerta às necessidades da sua esposa. Ele deve agir de maneira que esteja “dando honra” a ela. Ele não pode tomar por certo que tudo está bem, mas proporcionar a devida consideração e valor. Ele deve expressar gratidão pelas refeições preparadas, a roupa lavada, o trabalho dela em oferecer hospitalidade, o trabalho dela em manter a casa limpa, etc. Naturalmente, espera-se que uma esposa mantenha a casa limpa, e que não deixe a casa ou a si mesma com aparência descuidada ou relaxada.

Esse respeito do marido é ampliado por duas frases que começam com a palavra “como”. “Como vaso mais fraco” e “como sendo vós seus co-herdeiros da graça da vida”. A primeira é em relação ao físico mais fraco da esposa. Não sugere que ela é mais fraca intelectual ou moralmente. A segunda (“como sendo vós seus co-herdeiros da graça da vida”) pode referir-se à graça que é vista num modo de viver bondoso, tendo em vista a vida normal e física. Isto é, eles cumprem o plano que Deus tinha desde a criação: que um homem e uma mulher se mantivessem juntos em tempos de saúde e doença, cuidando um do outro até a sua velhice. Muitos de nossos leitores terão expressado, nos seus votos de casamento, que a sua união é uma união contínua, seja na alegria ou na adversidade, na saúde ou na doença.

Também, pode referir-se à graça da vida espiritual, pois o marido e a esposa se tornaram herdeiros da vida espiritual, pela graça de Deus. Isto coloca exigências mútuas sobre cada um para agirem sempre com graça e afeição cristã. Se não existir esta consideração mútua e houver contendas e brigas, então a oração pode ser impedida. A palavra “impedida” literalmente significa “cortar o caminho” e assim impedir o progresso da viagem, ou, para usar uma ilustração moderna, “cortar a linha telefônica”, terminando assim a conversa. Se o marido e a esposa não vivem juntos como Deus quer, então não podem esperar que Deus responda às suas orações. Há uma clara indicação aqui de que o marido e a esposa devem orar juntos, e o ditado antigo ainda é verdadeiro: “aqueles que oram juntos permanecem juntos”.

Resumindo, esta passagem nos ensina que deve haver modéstia submissa da irmã para ganhar seu marido descrente, e consideração do marido para com sua esposa. Podemos afirmar que se estes princípios fossem praticados na esfera do lar, haveria menos problemas matrimoniais. Em conclusão, reafirmamos que nada há nesta passagem que permite o divórcio e um novo casamento.

Cap. 10 — O adultério pode ser perpétuo?

THOMAS WILSON

Alguns princípios

Quando o Senhor Jesus confrontou a mulher samaritana sobre o seu pecado, ambos concordaram que o relacionamento dela não podia ser honrado por Deus porque não era um matrimônio. A mulher reconheceu que o homem com quem estava não era seu marido quando disse: “Não tenho marido” (Jo 4:17). Talvez a intenção desta afirmação fosse enganar, mas o Senhor não deixa nenhuma dúvida sobre o Seu julgamento deste relacionamento: “... o que agora tens não é teu marido” (Jo 4:18). Qualquer que fosse a natureza do seu relacionamento, ela e seu parceiro foram condenados, e também o seu relacionamento.

Ao condenar aquele relacionamento, o Senhor estabeleceu três princípios:

- i) Que a natureza criacionista do matrimônio significa que suas exigências têm de ser cumpridas tanto pelo samaritano como pelo judeu e, conseqüentemente, tanto pelo gentio como pelo judeu.
- ii) Que mesmo numa sociedade dominada pelo homem, uma mulher que faz parte de um relacionamento ilícito também tem uma certa responsabilidade.
- iii) Que a ilegitimidade do relacionamento não diminui com o tempo. O adultério continua até o fim do relacionamento.

No Cap. 3 deste livro já consideramos a repreensão pública a Herodes Antipas por causa do seu casamento com Herodias, que era mulher do seu irmão Filipe. As palavras duras de João não dão margem para imaginar que mais tarde poderia haver uma mudança no veredito do Céu sobre o relacionamento do rei. Hoje, em circunstâncias semelhantes, e em relação à associações de pessoas importantes, a opinião pública pode mudar. Mas João ficou firme contra qualquer tolerância dos bajuladores do século I, e seus termos são inequívocos: “Não te é lícito possuí-la” (Mt 14:4). Embora Herodes e Herodias fossem divorciados, não havia qualquer base bíblica para o novo casamento.

Devemos notar que Herodias era a filha de Aristóbulo, que era o irmão de Filipe e de Herodes. Assim o casamento de Filipe com Herodias, sua sobrinha, foi com uma “parenta da sua carne”, e foi em desobediência às Escrituras (veja Lv 18:6-20). Mesmo se Herodias nunca tivesse sido casada antes, a lei de Deus teria condenado Herodes, assim como condenava Filipe. Por isso, Herodes estava violando o princípio divino de matrimônio, estabelecido antes do dilúvio, e também os

mandamentos da lei, estabelecidos depois do dilúvio.

A censura de João em relação a Herodes estabelece três princípios:

- i) Que os poderes civis não podem modificar os princípios divinos de casamento estabelecidos pelo “fiel Criador” (I Pe 4:19). Lembramos que a autoridade civil foi estabelecida em Noé depois do dilúvio. Assim, os princípios divinos que eram desde o “princípio” (Mt 19:8) permaneciam invioláveis diante das mais altas autoridades civis. O fato de Herodes ser rei não legalizou os seus atos.
- ii) Que divórcio não dá liberdade para se casar de novo (este assunto é tratado detalhadamente em outra parte deste livro).
- iii) Que a ilegitimidade do relacionamento não diminui com o tempo. O uso e praxe não modificam o veredito do Céu sobre este relacionamento. Eles continuariam em adultério até o fim do relacionamento. Herodias certamente entendeu que a condenação de João continuaria enquanto ela estivesse com Herodes, e foi por isto que a cabeça de João logo estaria num prato.

Os dois casos mencionados, da samaritana e de Herodes, nos permitem concluir que, em qualquer sociedade, as intenções originais de Deus permanecem, e que a legislação civil não justifica ninguém de desprezar o que era desde “o princípio”. Os dois casos também estabelecem a responsabilidade da criatura para com o Criador, em relação ao casamento. A falha em não reconhecer esta responsabilidade é pecado. Aqueles que continuam em relacionamentos ilícitos continuam em fornicação ou adultério.

O ensino do próprio Senhor

Quando o Senhor Jesus enunciou os princípios divinos que governam o matrimônio, Ele enfatizou o que era desde “o princípio”. Ele enfatizou estes princípios numa sociedade que tinha aceitado, sem questionar, o divórcio e o novo casamento “por qualquer motivo” (Mt 19:3). No relato deste ensino, nos evangelhos, o Espírito de Deus usa o tempo perfeito do verbo na frase traduzida “no princípio não foi assim” (Mt 19:8, VB), enfatizando o significado permanente daqueles princípios estabelecidos no jardim do Éden. Em Mt 19:9, uma conclusão apresentada pelo Senhor reconhece as consequências perpétuas de entrar num relacionamento baseado em atitudes sociais aceitáveis, quando aquele relacionamento viola os princípios divinos que existem desde o princípio. O Senhor diz: “Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de fornicção (*pornéia*), e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério”. A interpretação da frase, “não sendo por causa de fornicção” é considerada no cap. 3 deste livro, e não é nosso assunto agora neste capítulo.

O Senhor destaca a decisão crucial que o casamento representa para aquele homem que divorcia a sua mulher “a não ser por fornicação”. A natureza crucial desta decisão é enfatizada pelo Espírito de Deus com o uso do tempo aorista dos verbos (no grego) usados neste versículo: “casar” e “o que casar”. A legitimidade deste casamento precisa ser considerada antes de se tomar o passo. O Senhor, sem ser influenciado pelo temor dos homens, enfatiza que aquele que divorcia sua mulher pode tomar um passo, ao se casar de novo, que o conduza a cometer adultério, mesmo se não casar com uma mulher divorciada. Aqui o Senhor também trata do caso do homem que casa com uma mulher divorciada (não sendo por causa de fornicação). Nenhum destes homens pode escapar da grande responsabilidade que cai sobre seus ombros de considerar a seriedade deste casamento. O Céu testemunhou a sua primeira união. De fato, se ele fosse sensível à voz de Deus, ele ouviria ecoando por todos os lados: “O Senhor foi testemunha entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual foste desleal” (MI 2:14). No primeiro caso, “se repudiar sua mulher, se não por fornicação, e casar de novo comete adultério” são os termos claríssimos do Grande Legislador, que bem sabia das consequências para a sociedade quando o matrimônio é corrompido. No segundo caso, os termos do Senhor são igualmente inflexíveis. As Suas palavras: “Eu vos digo, porém” indicam como a Sua autoridade pessoal autentica este ensino.

Mas, será que o Senhor aqui está dizendo que entrar num relacionamento adúltero significa que este adultério continua enquanto o relacionamento durar? Duas vezes no versículo que estamos considerando, o tempo do verbo “comete [adultério]” é mudado (no grego) para o tempo presente contínuo. A mudança certamente é importante.

Um irmão, conhecido do autor (devemos enfatizar que este irmão não se apresentou como perito em gramática), sugeriu que é apenas o primeiro relacionamento físico do casal, depois do novo casamento, que é um ato de adultério; depois disto haveria a aprovação do Céu. Contudo, mesmo que a gramática apoiasse tal interpretação, aquele primeiro ato de adultério seria o suficiente para condenar o relacionamento. O versículo reconhece a solene realidade de um homem e uma mulher entrarem num relacionamento adúltero. Aquele que guarda os mandamentos do Senhor (João 14:21, 23) examinará cuidadosamente o que Ele ordena em relação ao casamento. A alma obediente reconhecerá que há uma possibilidade grave de alguém se envolver num relacionamento ilícito de adultério contínuo.

O ensino dos apóstolos

Vemos claramente que o ensino de Paulo sobre o matrimônio, em I Coríntios 7, está baseado no próprio ensino do Senhor (veja Cap. 6 deste livro). As suas fre-

quentes advertências contra a fornicção e o adultério nas suas epístolas mostram enfaticamente a sua atitude firme em relação a este ensino do seu Senhor. Paulo transmitiu aquelas advertências como mandamentos do Senhor e ele, como os outros apóstolos, esperavam que “qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade” (II Tm 2:19), inclusive das relações sexuais ilícitas, em obediência ao ensino apostólico (veja At 15:28-29). Os que não eram herdeiros do reino de Deus talvez cometeriam estes pecados graves, como os coríntios haviam feito no passado (I Co 6:9-10). Contudo, era de se espera que, agora como filhos de Deus, não continuassem naqueles pecados dos quais foram lavados. João nos informa que uma das características de um filho de Deus (que é nascido de Deus), é que ele “não comete pecado” (I Jo 3:6, 9). De fato, João vai além disso quando liga o salvo com a doutrina apostólica, seja em relação à moralidade ou em relação a qualquer outro assunto: “Nós [apóstolos] somos de Deus; aquele que conhece a Deus ouve-nos; aquele que não é de Deus não nos ouve” (I João 4:6). Convém que todos os que conhecem a Deus tomem grande cuidado em manter, através de sua vida e palavras, o ensino apostólico sobre o matrimônio. Também convém que todos os que ensinam a Palavra, manifestem grande cuidado em explicar claramente as exigências do caminho estreito.

Enquanto Paulo trata da mudança no estilo de vida dos coríntios, em I Co 6:11, não há nenhuma sugestão de que eles voltariam aos seus velhos caminhos. Ele mostra certeza de que não voltariam aos dez pecados que acabou de condenar, pois eram contrários ao reino de Deus. Paulo observa como Deus tinha trabalhado nos seus corações: “haveis sido santificados” e “haveis sido justificados”, mas também os lembra que não eram meramente passivos nesta obra de transformação: “vós vos lavastes” (ARA). Pode ser que Paulo está lembrando das palavras que ouviu de Ananias: “Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados” (At 22:16), pois é o mesmo verbo “lavar-se” que é usado nos dois versículos, no original. Vemos com clareza que Ananias pediu um ato público de Paulo, que provaria a todos que ele tinha se desassociado de tudo que praticava anteriormente. Assim, seria um passo sério pelo qual ele teria de aceitar a responsabilidade. A base do perdão dos seus pecados foi o sangue de Cristo, mas a sua confissão pública, no batismo, era a prova de que ele reconhecia a gravidade daqueles pecados e que não voltaria a praticá-los. É neste sentido que Paulo diz aos coríntios, “vós vos lavastes”. Pelo seu ato voluntário de renunciar seus terríveis pecados, os quais nenhum salvo poderia aprovar, eles aceitaram a responsabilidade de abandonar tais coisas. Se alguém pensasse em voltar àquelas coisas, Paulo poderia ter perguntado: “Permaneceremos no pecado? (Rm 6:1). Será que a volta ao pecado de sodomia (homossexualidade) é aceitável a Deus? Será que a volta à bebedice seria aceitável? Ou à idolatria? O adultério também não é aceitável. Somente desobediência levará alguém a cometer este terrível pecado.

Aqueles que herdaram o reino de Deus não são conhecidos por esta desobediência evidente, obstinada e contínua.

O adultério perpétuo é possível?

Concluimos que aqueles que, por causa de desobediência ou ignorância dos ensinamentos do NT, entram numa união matrimonial ilícita, cometem adultério. Enquanto continuarem neste relacionamento, eles estão vivendo em adultério contínuo:

- i) quer sejam judeu ou gentio;
- ii) quer sejam homem ou mulher;
- iii) mesmo se a lei do país reconhece tal união, e
- iv) mesmo se o relacionamento seja de muito tempo.

O ensino do Senhor confirma o princípio inicial de Deus para o casamento, um ensino que é reforçado, de forma constante, nos ensinamentos e na prática apostólica.

Cap. 11 — O pecado de sodomia

JAMES R. BAKER

Introdução

A palavra “sodomia” é geralmente usada para descrever práticas carnavais não naturais, mencionadas pela primeira vez em Gênesis 18 e 19, em relação a Sodoma e Gomorra. Mais especificamente refere-se ao termo mais comum, “homossexualidade”. Veremos mais adiante se estamos certos em igualar estes dois pecados. Encontramos outras referências a este pecado específico em várias partes da revelação progressiva da Bíblia. As referências principais serão consideradas neste artigo.

Referências no VT

Gênesis 19

A primeira menção do desprazer divino contra Sodoma e suas práticas é encontrado em Gênesis, onde lemos: “Disse mais o Senhor: Porquanto o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito, descerei agora, e verei se com efeito têm praticado segundo o seu clamor, que é vindo até mim; e se não, sabê-lo-ei” (Gn 18:20-21). Aqui, o pecado de Sodoma é descrito como sendo muito grave e detestável ao coração de Deus. A natureza deste pecado é esclarecida no capítulo seguinte, quando dois mensageiros angelicais visitaram a casa de Ló. Ao chegar à tarde daquele dia memorável, a casa foi cercada pelos homens da cidade, e seu pedido específico e arrogante a Ló foi que ele trouxesse os dois hóspedes para fora: “E chamaram a Ló, e disseram-lhe: Onde estão os homens que a ti vieram nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos” (19:5). A expressão “os conheçamos” é vital no contexto do nosso assunto, e seu uso nestes versículos é fundamental para descobrirmos se a palavra “sodomia” é uma descrição correta da palavra moderna “homossexualidade”.

O termo “conhecer” é empregado de um modo muito geral em várias partes da Bíblia, e também em toda a literatura sagrada e profana. Por isso alguns argumentam que a passagem em Gênesis 19 tem sido mal entendida, e usada para criar preconceitos cristãos contra a homossexualidade. Um dos principais protagonistas desta opinião foi Bailey, um estudioso anglicano cujo livro, escrito no início da década de 1950, influenciou a mudança nas leis britânicas em relação a este assunto. Ele afirmou que o acontecimento narrado em Gênesis 19 teria sido um tipo de “estupro em gague”. De um ponto de vista mais fundamental, ele argumentou que o pedido dos homens de Sodoma para “conhecer” os hóspedes angelicais que estavam

na casa de Ló, era meramente no sentido de conhecê-los socialmente. Contudo, dizer isto deste texto revela uma falta de compreensão sobre a clareza das Escrituras. É verdade que a palavra “conhecer” é usada muitas vezes no sentido social de formar amizades, mas há passagens onde o contexto deixa bem claro que tem uma conotação muito diferente. De fato, como os exemplos bíblicos seguintes provam, esta mesma palavra “conhecer” foi usada num sentido bem específico três vezes em Gênesis 4, antes de aparecer nas Escrituras com um sentido geral.

Lemos: “E **conheceu** Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Caim” (v. 1); novamente: “E **conheceu** Caim a sua mulher, e ela concebeu (v. 17)”; também no penúltimo versículo do capítulo: “E tornou Adão a **conhecer** a sua mulher”. Obviamente, em cada um destes casos, não é mera amizade que está em vista. A palavra fala de um ato de intimidade física entre um marido e sua esposa, que nestes casos resultou no nascimento de filhos. Aqui, então, temos a chave para as palavras dos homens de Sodoma; eles queriam que Ló trouxesse os homens para fora da sua casa para que eles pudessem praticar atos de intimidade física, não naturais, com eles. Este é o grave pecado mencionado por Jeová em Gn 18:20. Evidentemente Ló sabia o que os homens de Sodoma queriam, e na sua grande aflição lhes disse: “Meus irmãos, rogo-vos que não façais mal; eis aqui, duas filhas tenho, que ainda não conheceram homens; fora vo-las trarei, e fareis delas como bom for aos vossos olhos; somente nada façais a estes homens, porque por isso vieram à sombra do meu telhado” (19:7-8).

No mesmo tempo em que a obra de Bailey foi publicada, outro escritor chamado Ukleja escreveu: “... esta cena em Gênesis 19 fica quase ridícula se Ló, ouvindo que aqueles homens queriam somente conhecer socialmente os hóspedes que estavam na sua casa, dissesse o que lemos em Gn 19:7-8! No v. 8 o mesmo verbo *yâda*, no participio negativo, é usado para descrever as filhas de Ló como ‘não tendo conhecido’ um homem. O verbo aqui, obviamente, significa ‘ter relações sexuais com’, e não pode significar simplesmente ‘conhecer socialmente’. Em literatura narrativa como esta seria improvável usar o mesmo verbo com sentidos tão diferentes, tão perto um do outro, a não ser que o autor destacasse bem a diferença. Assim, nos vs. 5 e 8 a palavra ‘conhecer’ deve ser entendida como ‘ter relação sexual com’. O contexto não permite qualquer outra interpretação.” Também é importante notar que Josefo, o historiador judaico secular, se refere a Gênesis 19 e às “práticas sodomitas” comuns em Sodoma naquele tempo. Uma leitura superficial da sua citação revela, com clareza, a sua compreensão da natureza daquilo que estava sendo praticado ali.

O Senhor revela a Sua intolerância do pecado de Sodoma nos acontecimentos que seguiram: “Aqueles homens [os hóspedes angelicais], porém, estenderam as suas mãos e fizeram entrar a Ló consigo na casa, e fecharam a porta; e feriram de

cegueira os homens que estavam à porta da casa, desde o menor até o maior, de maneira que se cansaram para achar a porta” (19:10-11). O juízo de Deus caiu especificamente sobre aqueles homens que agiram com intento tão mau, mas foi também com vistas à destruição total das cidades envolvidas: “Porque nós vamos destruir este lugar, porque o seu clamor tem aumentado diante da face do Senhor, e o Senhor nos enviou a destruí-lo ... Então o Senhor fez chover enxofre e fogo, do Senhor desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra” (19:13, 24). O juízo de Jeová, específico e intenso, foi visto na destruição destas cidades ímpias da planície, e tanto os profetas como também os escritores do NT mencionam este juízo.

Juízes 19

Outro exemplo incontestável do uso específico desta palavra “conhecer” é encontrado num incidente semelhantemente notável e triste, descrito em Juízes 19. Naquele capítulo lemos de um levita, sua mulher e seu servo, que faziam uma viagem e chegaram à cidade de Gibeá, e foram hospedados na casa de um senhor idoso daquela cidade. A narrativa começa com uma cena de hospitalidade oriental normal, que logo foi interrompida dramaticamente: “Estando eles alegrando o seu coração, eis que os homens daquela cidade (homens que eram filhos de Belial) cercaram a casa, batendo à porta; e falaram ao ancião, senhor da casa, dizendo: Tira para fora o homem que entrou em tua casa, para que o conheçamos” (v. 22). Quão grave e triste ver que aqui o pecado de Sodoma estava sendo praticado em Israel por homens ímpios, “filhos de Belial”. Eles estavam agindo exatamente como os homens de Gênesis 19. O fato de que pediram o homem, e não as mulheres, confirma as suas intenções malignas e anormais, e os versículos que seguem comprovam isto: “E o homem, dono da casa, saiu a eles e disse-lhes: Não irmãos meus, ora não façais semelhante mal; já que este homem entrou em minha casa, não façais tal loucura. Eis que a minha filha virgem e a concubina dele, vô-las tirarei fora; humilharei-as a elas, e farei delas o que parecer bem aos vossos olhos; porém a este homem não façais essa loucura” (vs. 23-24). Os pecados de Sodoma e Gomorra, que tão cedo na história do mundo receberam o juízo divino, continuavam 1.800 anos depois; e mais lamentavelmente ainda, estavam sendo praticados numa cidade ocupada pela tribo de Benjamim. O povo escolhido de Deus se tornou moralmente contaminado, chegando ao mesmo nível desnatural dos gentios ao seu redor. Assim podemos ver que depois da queda, com o passar do tempo, o pecado, em todas as suas formas pervertidas, estava se espalhando pela raça humana.

Levítico 18

Já estava registrado em Gênesis 19 que Deus revelara a Sua repugnância pela prática de sodomia muito antes de a Lei ser dada, e Ele tinha também derramado

o Seu juízo contra aquelas duas cidades, porque continuaram no seu pecado. Mal sabiam aqueles homens de Sodoma que os próprios homens que eles desejavam para seus propósitos ímpios seriam o instrumento usado para trazer cegueira e destruição sobre eles e sobre as suas cidades.

Agora, ao considerarmos a era em que a Lei de Deus foi dada, vemos que esta conduta imoral no Seu povo redimido era totalmente inaceitável a Jeová. O que Deus já tinha revelado como detestável, pelos Seus atos e Sua atitude de juízo, agora é estabelecido na Sua Santa Escritura como uma transgressão da Sua Lei. No começo deste capítulo lemos: “Não fareis segundo as obras da terra do Egito, em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã, para a qual vos levo, nem andareis nos seus estatutos” (Lv 18:3). Eles deveriam ser um povo separado e santo. Quando chegamos ao assunto específico de sodomia, lemos: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é” (18:22); também lemos: “Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles” (20:13). Aqui vemos, com clareza, que esta prática foi declarada pelo Criador como anormal, impura e contra o mandamento de Deus e, por isto, é chamada de abominação. Também lemos nos livros da Lei: “Não haverá prostituta dentre as filhas de Israel; nem haverá sodomita dentre os filhos de Israel” (Dt 23:17). Na consideração destas passagens do VT, podemos ver como Jeová declara ao Seu povo, com grande clareza, que esta atividade anormal e carnal era detestável a Ele e totalmente proibida entre o Seu povo Israel. Esta é a afirmação da Lei de Deus sobre este assunto.

Apesar de tudo isso, surgiram argumentos procurando diluir estas claras afirmações divinas. Alguns dizem que o tema destas passagens é apenas a pureza ritual, e não a justiça de Deus. Querem dizer com isto, que estas passagens não condenam a homossexualidade em si, mas a identificação, por Israel, com as práticas religiosas das nações ao seu redor. Dizem que a questão é de identidade religiosa e não da justiça de Deus. Citamos Ukleja, que diz: “Contudo, este tipo de argumento tem grandes falhas. Em primeiro lugar, falha ao supor que a pureza ritual e a pureza moral estão sempre separadas. Aqueles que usam este argumento dizem que os capítulos 18 e 20 de Levítico não tratam de ética ou moralidade. Mas, se fosse assim, teríamos de concluir que adultério também não é imoralidade (Lv 18:20); e também que o sacrifício de crianças não tem implicações imorais (18:21), e que não há nada de errado com bestialidade (18:23). A verdade é que a pureza ritual e a pureza moral, muitas vezes, andam juntas”.

Além deste comentário útil, devemos notar atentamente que todo o conteúdo da apresentação de verdades nestas partes da lei é baseada firmemente na justiça de Deus, que Ele deseja que seja refletida nos Seus redimidos. Entremio as passagens

que temos considerado em Levítico 18 e 20 estão as palavras: “Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: Fala a toda a congregação dos filhos de Israel, e dize-lhes: Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (19:1-2). Estas palavras não foram faladas apenas aos sacerdotes, mas a toda a congregação de Israel. Portanto, temos aqui, dentro do contexto da lei moral dada a Israel, ensino claro sobre o mal de sodomia e sobre o juízo de Deus contra este pecado.

A intenção divina no matrimônio original

Antes de deixar a nossa consideração sobre as referências do VT em relação a este assunto, é importante lembrar que estas passagens estão em pleno acordo com o propósito divino, revelado desde o princípio, para conservar tanto a santidade do matrimônio como da família. Estes princípios estabelecidos desde o começo de Gênesis são o alvo dos ataques satânicos hoje em dia. Vamos orar para que Deus possa guardar e promover estas verdades em nossos dias.

Referências à Sodomia no NT

Romanos 1

Um esboço geral da epístola aos Romanos já foi dado (veja o cap. 4). Olhando agora para Romanos 1 vemos, nos vs. 1-17, o assunto do **Evangelho de Deus** e depois, do v. 18 em diante, o início de uma parte sobre a **culpa do homem** que continua até 3:20. Nos vs. 18-32 o apóstolo trata de dois assuntos específicos:

- i) A rejeição do testemunho de Deus na criação, pela humanidade;
- ii) A reação de Deus à desobediência da humanidade.

Nesta passagem vemos a revelação da ira de Deus contra o homem por causa da sua impiedade e injustiça. Homens na sua injustiça subjugaram a verdade a eles revelada. A criação original é o meio usado pelo Deus invisível para revelar a Sua existência e poder. Sem entrar em detalhes, podemos ver que o argumento revela que desde o princípio o homem tem rejeitado este testemunho de Deus de Si mesmo e que, por isto, Deus agora considera o homem sem desculpa. Deus sabe que o homem tem ouvido e entendido o Seu testemunho divino, mas o tem rejeitado. Os versículos que seguem mostram que a humanidade, pelo menos de três maneiras, agiu em rejeição, e como consequência disto, Deus os entregou aos seus pecados.

Em primeiro lugar vemos que “mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível” (v. 23); isto é, fizeram ídolos. E a resposta divina foi: “Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações” (v. 24). Depois: “mudaram a verdade de Deus em mentira”, isto é, adoraram a criatura e não o Criador (v. 25). E a segunda resposta divina foi: “Por isso

Deus os abandonou às paixões infames” (v. 26). A terceira coisa foi que “eles não se importaram de ter conhecimento de Deus”, isto é, não tinham lugar nos seus pensamentos para Deus. Temos a resposta divina final no v. 28: “assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convém”. Podemos resumir estes três passos da seguinte maneira:

A Revelação de Deus	A Rejeição do homem	A Reação divina
O Deus invisível revelado (v. 20)	Mudaram a Sua glória em semelhança de imagem (v. 23)	Deus os entregou às concupiscências (v. 24)
O eterno poder e divindade claramente vistos (v. 20)	Mudaram a verdade de Deus em mentira (v. 25)	Deus os abandonou a paixões infames (v.26)
O Criador, que é bendito eternamente (v. 25)	Não se importaram de ter conhecimento de Deus (v. 28)	Deus os entregou a um sentimento perverso (v. 28)

Podemos ver que os vs. 24-28 são uma contribuição doutrinária importante para o nosso assunto. A rejeição, por parte do homem, do fato e existência de Deus lhe dá um sentimento falso de estar livre de qualquer responsabilidade ao Criador divino que está sobre tudo. Também lhe dá uma impressão falsa de liberdade moral perante o mesmo Deus Criador. Os pecados mencionados aqui têm marcado a humanidade desde a queda, e estão muito presentes hoje. Agora devemos considerar a que Deus os entregou.

Às concupiscências (vs. 24-25)

Como já notamos, o homem conheceu a Deus desde o princípio, e a Sua glória foi especificamente revelada na criação. Aqui aprendemos que embora conscientes desta glória do Deus incorruptível, eles se desviaram dEle e mudaram o alvo da sua adoração em imagens corruptíveis, feitas pelas suas próprias mãos, na forma de homens e aves e animais, e assim se tornaram idólatras. A idolatria sempre traz imoralidade, pois a condição moral do homem sempre será um reflexo do caráter do deus que ele adora. Deus os dera a capacidade de escolha moral, e eles escolheram seguir os desejos dos seus corações, portanto Deus os entregou às suas concupiscências. O resultado naquele tempo, e hoje, é visto ao desonrarem os seus corpos entre si. O mesmo princípio é visto nas palavras de Estêvão: “E naqueles dias fizeram o bezerro, e ofereceram sacrifícios ao ídolo, e se alegraram nas obras das suas mãos. Mas Deus se afastou e os abandonou a que servissem ao exército do céu” (At 7:41-42). A adoração da criatura se refere não somente ao ato de prostrar-se perante um ídolo, mas também às práticas ímpias das “paixões infames” que vamos considerar agora.

Às paixões infames (vs. 26-27)

Vemos, claramente, a progressão moral decrescente no desenrolar desta pas-

sagem. “A verdade de Deus” refere-se à verdade da existência do Deus verdadeiro em contraste com os deuses da idolatria. A “mentira” mencionada é a apresentação daqueles deuses feitos pelos homens como se fossem o verdadeiro Deus. Bruce, no seu comentário, faz aqui um paralelo entre esta mentira e a mentira do homem do pecado em II Ts 2:9-12. É verdade que no dia futuro, mencionado por Paulo em Tessalonicenses, o homem do pecado fará sinais e prodígios de mentira para enganar a nação de Israel a aceitá-lo como o verdadeiro Cristo: “E com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que criem a mentira” (II Ts 2:10-11). Aqui vemos que, no final, a atitude dos homens será exatamente como foi no princípio, e que a resposta de Deus também será a mesma. E assim Deus os abandonou às suas paixões infames. Este é o âmago da passagem, que revela a profundidade da iniquidade descrita. Aqui a referência é especificamente às “suas mulheres”, que são mencionadas primeiro, na prática de mudar o uso natural naquele que é contra a natureza. A próxima expressão (“semelhantemente também os homens”) revela que ambos os sexos estavam envolvidos em várias formas anormais de atividade sensual depravada. Ambos são descritos como mudando, ou deixando, “o uso natural” e de “se inflamar em sua sensualidade uns para com os outros”. Kelly diz o seguinte: “Nesta descrição gráfica e sombria deste quadro humilhante ... o vaso mais fraco vem primeiro, porque ali a falta de vergonha humana estava mais evidente, e a perversidade humana foi provada mais completa e sem esperança. O apóstolo, na língua original, nem condescende em chamá-los de mulheres e homens, mas de ‘fêmeas’ e ‘machos’, indicando que eram até inferiores aos animais, abandonados por Deus, e mesmo agora recebendo a recompensa que convinha aos seus feitos”.

Aqui, então, temos a descrição e a condenação de Deus da sodomia. Os governos humanos, em vários lugares, têm legalizado aquilo que ainda é sujeito ao juízo presente e futuro de Deus.

A um sentimento perverso (vs. 28-32)

Cada uma das três afirmações de Deus os entregar ou abandonar é em resposta a três áreas morais nas quais eles já tinham abandonado a Deus e o domínio próprio que vem do temor de Deus. Cada passo em declive, destacado na passagem, demonstra o espírito rebelde do ser humano. Devemos notar que ao abandoná-los, Deus não desejava, nem os estava encorajando a fazer as coisas vis mencionadas; Ele também não cessou de condenar os seus atos.

Aqui vemos que “não se importaram de ter conhecimento de Deus”. Excluir Deus dos seus pensamentos combinou com o seu estilo ímpio de vida. Por isso “Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm”.

A palavra “perverso” aqui significa “sem juízo ou discernimento”. A melhor explicação disto está no v. 32, que vem logo depois de uma lista detalhada de coisas que caracterizaram estas pessoas após serem entregues por Deus. Mesmo sabendo que estas coisas merecem o juízo de Deus, eles continuaram com suas práticas terríveis, e achavam prazer em outros que também as praticavam.

Esta passagem notável de Romanos 1 nos dá, em detalhes, a história da condição imoral da raça humana desde o princípio, e as mesmas características aqui descritas estão muito em evidência nos nossos dias. Nas partes do mundo onde o Evangelho de Jesus Cristo tem sido pregado e muitas almas salvas, há um certo controle, mas a Bíblia revela que o seu auge final será alcançado quando o homem do pecado aparecer, e chegará ao seu fim quando o Filho de Deus voltar ao mundo em poder e glória.

I Coríntios 6

Vamos considerar apenas os vs. 9-11, onde o apóstolo fala daqueles que não herdarão o reino de Deus. Eles são chamados de “os injustos”. Nesta classe estão incluídos os “adúlteros”, “efeminados” e “sodomitas”.

Adúlteros. Estes são os que, tendo se casado ao fazerem os seus votos solenes na presença de Deus, poluíram e violaram o seu casamento por terem entrado em outro relacionamento físico e íntimo com uma pessoa, que não é seu marido ou esposa. Esta prática é agora tão comum na nossa sociedade que é considerada, por muitos, como um comportamento normal.

Efeminados. Estes são homens que vivem e agem como mulheres. J. N. Darby traduz: “aqueles que se fazem mulheres”, e W. Kelly: “aqueles que se abusam como se fossem mulheres”. Novamente vemos, hoje em dia, que toda a distinção clara entre os dois sexos está sendo cada vez mais corroída.

Sodomitas. Esta é uma referência clara ao pecado tratado neste artigo. Refere-se a Lv 18:22; 20:13 e I Tm 1:10.

Todos estes pecados estão classificados entre aqueles que caracterizam os homens e mulheres que não herdarão o reino de Deus, mas que estarão sujeitos ao juízo de Deus. Muitos dos coríntios tinham praticado estes pecados mas, agora, depois da sua salvação, as suas vidas eram diferentes.

I Timóteo 1

Paulo está escrevendo a Timóteo sobre ensinaidores que andavam entre as igrejas locais querendo fazer com que os santos voltassem a guardar a lei. Embora reprovando tais homens, ele mostra que a lei em si é boa, pois é o meio pelo qual o pecado

é reconhecido, e o padrão pelo qual o pecado é julgado.

É neste ponto que, incluído numa lista que descreve muitas formas de males, encontramos mais uma menção dos “sodomitas” (v. 10). Assim, temos aqui novamente o assunto que estamos considerando, e este pecado aparece, novamente, entre os pecados que caracterizam os injustos e obstinados, os ímpios e pecadores e profanos. Enquanto seja verdade que a companhia em que um homem anda nem sempre o corrompe, frequentemente revela o que ele realmente é. Aqui encontramos o pecado de homossexualidade onde ele realmente pertence. A Bíblia não fala deste pecado como sendo uma fraqueza física, e também não há nenhuma evidência bíblica para culpar influências genéticas.

O propósito de Deus para o corpo do salvo

Muitos lugares nas Escrituras revelam vários aspectos de ensino sobre as distinções entre os componentes físicos e espirituais do corpo humano. Bem cedo na história do testemunho cristão surgiram grandes diferenças de opinião, e aqueles que defendiam extremos errôneos começaram a propagar o seu ensino, e as epístolas foram escritas para corrigir tais ensinamentos. Um extremo ensinado era que o corpo deveria ser tratado com grande severidade, até ao ponto de negar-lhe o alimento normal e sujeitá-lo a um nível anormal de abuso físico. O outro extremo ensinava que todos os desejos do corpo, até os sensuais, deveriam ser atendidos. Estes ensina-dores usavam muito o lema: “Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos” (I Co 6:13).

Esta situação foi usada pelos apóstolos para ensinar os novos convertidos sobre o uso correto do corpo. Por exemplo, em Colossenses 2 achamos instruções quanto ao uso correto do corpo: “Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo, tais como: não toques, não proves, não manuseies? As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas de homens; as quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade, e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum senão para a satisfação da carne” (Cl 2:20-23). No capítulo seguinte aprendemos que há certos aspectos de atividade física do corpo que precisam ser controladas na vida do salvo; somos incentivados a “mortificar” certos males corporais e a nos “despojar” deles (veja Cl 3:5, 8). Em outras partes recebemos também ensinamentos positivos que nos ajudam a entender que o corpo do salvo é a habitação de Deus: “Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (I Co 6:19-20), e “rogo-vos,

pois irmãos pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12:1). A conclusão deste ensino é que o corpo de cada salvo é um santo templo onde o Espírito Santo habita, e que esta verdade deve ser demonstrada através de um viver santo e uma devoção no serviço de Deus.

Uma igreja local pode receber na comunhão um homossexual praticante?

Ao traçar o pecado de sodomia desde a sua origem, chegamos à conclusão que é algo detestável a Deus. Historicamente, temos visto que foi condenado e julgado por Deus, e descrito como uma abominação ao Senhor. Também, temos aprendido que é uma evidência do estado não regenerado da humanidade, e que quando alguém crê em Cristo este estado e posição mudam porque, como filho de Deus, ele é lavado, santificado e justificado. Também, vemos claramente que o corpo do salvo é um templo onde o Espírito Santo de Deus habita.

A comunhão numa igreja local é completamente incompatível com esta atividade pecaminosa. Uma vez que este pecado for descoberto na igreja local, haverá o reconhecimento de que há “fermento” na massa (I Co 5:6-7). Uma situação como esta precisa ser remediada, e aprendemos como fazer isto neste mesmo capítulo de I Coríntios. Obviamente, isto deve ser acompanhado de profunda tristeza, e com o desejo sincero da recuperação espiritual daquele que pecou.

Cap. 12 — Resumo

JAMES BURNETT

Este livro é o produto de muito estudo diligente e pesquisa meticulosa. Muito tempo e esforço foi dedicado a este trabalho, e é o desejo e a oração de todos que possa trazer respostas à muitas perguntas. O verdadeiro valor do livro está no fato de que tudo o que é ensinado nele tem base na Palavra de Deus. Ele está, literalmente, saturado das Santas Escrituras. As mentes de muitas pessoas estão confusas, e este livro procura tratar de muitos problemas perplexos e muitas passagens difíceis. É a opinião deste escritor que o livro foi bem sucedido neste seu propósito.

Ao escrever este resumo minha intenção é simplesmente destacar a importância do que foi escrito. Todos concordarão que vivemos em dias escuros, difíceis e perigosos. No mundo em geral, o problema do divórcio tem alcançado proporções gigantescas. Até mesmo enquanto escrevo este artigo, a manchete do jornal de hoje diz: “Divórcio Rapidinho”, e o artigo explica que agora os casais (na Inglaterra) precisam esperar somente um ano, e não dois como antes, para obterem um divórcio não contestado, e dois anos, ao invés de cinco, se for contestado. Lamentavelmente, o problema do divórcio está infiltrando na comunidade cristã, e causando grande preocupação. Por isso esperamos que este livro possa ajudar, ao oferecer algumas respostas às muitas perguntas que estão sendo feitas e dar orientação útil, especialmente para os anciãos das igrejas locais.

Algumas conclusões importantes do livro

- i) O adultério não é motivo para se divorciar. O divórcio em si não destrói o vínculo matrimonial; somente a morte ou o arrebatamento da Igreja podem fazer isto. Pessoas divorciadas e casadas de novo, enquanto o primeiro cônjuge vive, estão cometendo adultério e, mesmo confessando ser salvos, não possuem condições morais de estar em comunhão numa igreja local enquanto o relacionamento continua. Talvez estas afirmações sejam consideradas muito severas, mas são bíblicas. A comunhão da igreja de Deus precisa ser, sempre, mantida pura. Precisamos sempre lembrar que, como membros da Sua igreja, pertencemos ao que é de Deus. Isso deve ser o suficiente para evitar a entrada de qualquer contaminação. Que todos os jovens salvos possam lembrar que, antes do casamento, deve haver pureza total e, depois do casamento, fidelidade total. Talvez isso pareça estranho no ambiente imoral de hoje, mas isto realmente esta de acordo com a mente de Deus.
- ii) O casamento não é uma instituição cristã, mas uma instituição criacionista.

A lei de Deus que governa o casamento foi dada em Gênesis, no princípio da história humana. Assim, deve ser obedecida por toda a humanidade.

- iii) Este livro também trata da questão de exatamente quando um matrimônio acontece — quando é que o casal se torna marido e esposa? Vimos que não é na consumação. Pode ser que esta consumação não seja possível, por exemplo, no caso de doença, problemas físicos, ou idade avançada. Vimos claramente que Adão chamou Eva de “sua mulher” antes de a “conhecer”, e que as relações sexuais não estabelecem um casamento (e estas relações íntimas somente são legítimas dentro do casamento). Também foi provado que a imoralidade sexual depois do casamento não desfaz o casamento. O vínculo matrimonial é estabelecido quando o casal faz seus votos na presença de Deus, e assim são pronunciados marido e mulher. Um homem e uma mulher que se casaram entraram numa aliança e permanecem casados “até que a morte os separe”. Este é o ensino claro e irrefutável das Escrituras.
- iv) Pessoas divorciadas e casadas de novo e que depois disto são salvas, se continuarem a viver juntas não devem ser batizadas. É possível que tais pessoas, ouvindo o Evangelho, creiam e sejam salvas. Alguns dizem que tais pessoas devem ser batizadas, mas o que diz a Palavra de Deus? Rm 6:11 nos diz que devemos nos considerar “mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor”. No batismo, as pessoas realmente estão declarando publicamente, quando entram na água, que já morreram com Cristo, e quando são imersas na água, que foram sepultadas com Cristo, e quando saem da água, que foram ressuscitadas para andar em novidade de vida. Como pode uma pessoa vivendo em pecado declarar que está andando em novidade de vida? As duas coisas não combinam. Se fossem moralmente aptos para serem batizados então, logicamente, seriam candidatos para a recepção na comunhão da igreja. Portanto, concluímos que as pessoas divorciadas e casadas de novo (e ainda vivendo juntas) enquanto o primeiro cônjuge ainda vive não são aptas para o batismo ou para a recepção na comunhão.

Obviamente há muita dificuldade, muitos problemas complicados e circunstâncias particulares que causam muito sofrimento e angústia. Todos os que participaram na produção deste livro entendem isto perfeitamente, e são muito sensíveis e solidários àqueles que se encontram nestas circunstâncias estranhas. Todos têm experiência de primeira mão das aflições pelas quais alguns amados irmãos têm passado. Alguns, como anciãos e ensinadores, têm dado conselhos a irmãos afetados por estes problemas matrimoniais, e também guiado igrejas locais nestas situações complicadas. Eles também entendem perfeitamente que muitos estão envolvidos em situações lamentáveis fora do seu controle.

Nem todo o sofrimento é por culpa da própria pessoa, mas não podemos basear nosso julgamento em sentimentalismo. Temos de permitir que a Bíblia seja nosso conselheiro, e que o Senhor tenha a palavra final.

É o desejo e oração de todos aqueles associados com esta obra que ela tenha uma ampla circulação. Este livro foi escrito com o desejo sincero de que seja lido por pessoas com mentes abertas e livres de qualquer preconceito. Por favor, leia-o com cuidado e com oração. Muitos livretos e folhetos estão circulando atualmente que somente confundem o povo de Deus e torcem a verdade.

Em conclusão, tendo destacado alguns dos assuntos principais do livro, damos um resumo dos pontos principais que devem ser notados:

- i) O casamento é criacionista, não cristão.
- ii) O adultério não é um motivo justo para se divorciar.
- iii) O divórcio não desfaz o vínculo matrimonial — somente a morte ou o arrebatamento fazem isto.
- iv) A consumação não é essencial para criar um casamento.
- v) A graça não torna um ato injusto em justo.
- vi) Existe a prática do adultério perpétuo, que acontece quando uma pessoa divorciada se casa de novo enquanto o primeiro cônjuge ainda vive.
- vii) Aqueles que estão em adultério perpétuo estão desqualificados para o batismo e a comunhão.

Que este livro possa ser de ajuda a todos que o lerem, e que possa ir avante com a aprovação e a bênção de Deus!

